Peripécias de um Jornalista de Fofocas & outros contos

José Feldman

copyright © José Feldman

Digitação, organização. editoração: José Feldman

Montagem da Capa e Imagens: criação com Microsoft Bing

FELDMAN, JOSÉ

Peripécias de um jornalista de fofocas & outros contos/ José Feldman – Maringá/PR: Plat. Poe.

Biblioteca Sunshine, 2025.

1. Contos 2. Crônicas

Permitida a divulgação, desde que citados autor e fonte

Agradecimentos

Primeiramente a meus pais, Moisés e Mina Feldman (ambos falecidos), por me ensinarem a importância da leitura em nossas vidas.

À minha eterna companheira, Alba Krishna, minha musa, minha inspiração.

Ao jornalista Aparecido Raimundo de Souza, de Vila Velha, pela sua amizade, colaboração e apoio, inspiração para criar este e-book.

Ao trovador e escritor Arthur Thomaz, de Campinas/SP, por sua colaboração, apoio, incentivo e críticas construtivas.

Aos escritores falecidos, que sempre estiveram a meu lado, me incentivando e me apoiando: André Granja Carneiro, Artur da Távola, Luís Carlos Abritta, Nilto Maciel e Luiz Eduardo Caminha.

Às minhas irmãs (4 cadelas e 27 gatas, todas falecidas) que com suas limitações foram minhas professoras, e pelo seu amor incondicional, com destaque especial a:

(gatas) Ayllin, Nikita, Cherie, Nuhtara Dahab, Lady, Cerydween; (gatos) Lad, Gwyddion, Cotton Candy e Nino

(cadelas) Maya, Mel, Cléo e Fluffy (único macho)

E um agradecimento muito especial à minha cadelinha, a Sunshine, que ainda vive comigo, pelo seu amor, pela sua paciência, pelos seus cuidados comigo, pela sua preocupação comigo 24 hs por dia.

Finalmente, a todos/ as que sempre me apoiaram e me incentivaram a acreditar mais em mim.

Prefácio

É com grande entusiasmo que apresento o livro "Peripécias de um jornalista de fofocas & outros contos", do talentoso José Feldman, um autor multifacetado que tem se destacado como poeta, professor, trovador e gestor cultural. Naturalizado em Maringá, no Paraná, Feldman traz em suas páginas uma visão leve e bem-humorada do cotidiano, transformando situações comuns em histórias que nos fazem rir e refletir.

Em 2005 criei uma conexão com Feldman. Conhecia o trabalho dele na Biblioteca de Parma, na Itália, onde há trovas e poemas de sua autoria. Juntos, iniciamos diversos projetos que visavam fomentar a literatura e a troca cultural entre Brasil e Itália. A parceria resultou em oficinas de poesia e intercâmbios de escritores, permitindo que vozes diversas fossem ouvidas e celebradas. Feldman, como um grande incentivador, sempre me apoiou, ajudando a criar um espaço onde a poesia pudesse florescer, com seu blog que existe desde 2007. A influência dele na minha carreira literária é inegável. Através de suas iniciativas, não só ajudou a promover minhas obras, mas também contribuiu para a criação de uma comunidade literária vibrante, ao mesmo tempo que eu trazia uma nova perspectiva à cena literária, enriquecendo o diálogo cultural com nossas experiências e visões. A nossa amizade é um exemplo de como a literatura pode unir pessoas de diferentes culturas e origens.

Neste livro, somos apresentados a Pafúncio, um jornalista de fofocas que, com suas inegáveis trapalhadas, se mete em confusões hilárias que retratam a complexidade e o absurdo da vida moderna. Através dos olhos desse personagem, Feldman nos convida a mergulhar em um universo onde o humor se entrelaça com a realidade, revelando as pequenas peripécias que todos nós, de algum modo, já vivemos. Desde as promoções de supermercado que parecem mais um jogo de estratégia do que uma simples compra, até os embaraços em transportes públicos, a narrativa deste mestre é um verdadeiro mosaico de situações que nos fazem sorrir.

A escolha de dar vida a Pafúncio é uma homenagem a um amigo querido, um jornalista da revista "Quem", que há anos colabora com textos para o blog de

Feldman, Aparecido Raimundo de Souza. Essa conexão pessoal adiciona uma camada de afeto e autenticidade à obra, tornando a leitura ainda mais envolvente. O personagem, com seu jeito atrapalhado, é um reflexo de muitos de nós que, em meio ao caos do dia a dia, encontramos risadas nas situações mais inesperadas.

Feldman tem o dom de captar o humor nas pequenas coisas, nas desventuras que nos cercam a cada instante. Ele nos lembra que, por trás da correria e das tensões do cotidiano, há sempre espaço para uma boa risada. As histórias que compõem este livro não são apenas contos engraçados; são também reflexões sobre a vida, as relações humanas e a capacidade de encontrar leveza mesmo nas situações mais embaraçosas.

Entre as páginas, o leitor encontrará relatos que vão desde o caso dos ratinhos no ar condicionado de uma sala de aula – uma situação que poderia ser trágica, mas que Feldman transforma em uma comédia de erros – até as hilárias reportagens e entrevistas que Pafúncio realiza, sempre envolto em um turbilhão de eventos inusitados. Cada conto é uma oportunidade de rir das nossas próprias falhas e desventuras, uma chamada à empatia e à solidariedade em meio ao riso.

Ao longo da leitura, somos levados a refletir sobre o papel do humor em nossas vidas. Feldman nos ensina que rir é uma forma de resistência, uma maneira de lidar com as adversidades e de encontrar alegria nas pequenas coisas. O autor nos presenteia com um humor saudável, que não apenas entretém, mas também conecta as pessoas, criando um espaço de compreensão e leveza em tempos muitas vezes pesados.

Assim, convido você, leitor, a embarcar nesta jornada de risos e reflexões proporcionadas por José Feldman em "Peripécias de um jornalista de fofocas & outros contos". Que Pafúncio e suas aventuras tragam um sorriso ao seu rosto e uma leveza ao seu coração, lembrando-nos de que, mesmo nas situações mais embaraçosas, sempre podemos encontrar o lado divertido da vida. Prepare-se para rir e se divertir com as peripécias deste jornalista atrapalhado, que, em suas confusões, nos ensina a arte de viver com humor e humanidade.

Professor Giuseppe Paolo Dell' Orso

Pieve di Soligo/Itália, 1927 – 2025, Maringá/PR

Introdução do Autor

É com imensa alegria que apresento "Peripécias de um jornalista de fofocas & outros contos". Este livro é uma celebração do cotidiano, onde transformo situações embaraçosas e engraçadas em histórias que nos fazem rir e refletir. Ao longo das páginas, você encontrará as aventuras de Pafúncio, um jornalista atrapalhado que, com seu jeito peculiar, se mete em confusões que todos nós já vivenciamos de alguma forma.

Neste momento especial, gostaria de destacar o apoio incondicional do professor Giuseppe Paolo Dell'Orso. Como escritor e professor da área de Letras, tinha sido uma fonte constante de inspiração e orientação. Sua paixão pela literatura e seu compromisso com a educação foram fundamentais para que eu pudesse dar vida a este livro. Ele sempre acreditou na importância do humor como ferramenta de conexão e aprendizado, e suas valiosas contribuições enriqueceram não apenas o conteúdo deste livro, mas também minha trajetória como escritor.

Dell' Orso não é apenas um mentor; ele é um amigo leal, sempre pronto a oferecer palavras de encorajamento e críticas construtivas. Sua generosidade em compartilhar conhecimentos e experiências tem sido um pilar em minha jornada literária. Através de nossas conversas e colaborações, aprendi a valorizar a leveza e a profundidade que o humor pode trazer à vida e à escrita.

"Peripécias de um jornalista de fofocas" é, portanto, um trabalho que reflete não apenas minhas observações do cotidiano, mas também a influência de pessoas como o amigo Aparecido Raimundo de Souza e meu mentor, Dell' Orso, que acreditam no poder das palavras e na importância de contar histórias. Espero que, ao ler estas páginas, você encontre risadas e momentos de identificação, além de uma nova perspectiva sobre as pequenas coisas da vida.

Convido você a embarcar nesta jornada hilariante e, quem sabe, a se reconhecer em algumas das peripécias de Pafúncio. Que a leitura traga um sorriso ao seu rosto e uma leveza ao seu coração.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste livro, especialmente ao meu querido amigo e mentor, Giuseppe Paolo Dell'Orso, falecido recentemente, em abril, com quase 98 anos de idade.

José Feldman

ÍNDICE DO RISO

Agradecimentos 3

Prefácio 4

Introdução do Autor 6

ÍNDICE DO RISO 7

Os Ratinhos da Sala 306 10

Um Parque de Diversões não muito divertido 12

A Pensão do riso = roteiro para uma peça teatral 14

O Lado Cômico das Salas de Espera 17

A Comédia da Academia de Ginástica 19

A Arte da Filinha: Uma Comédia da Vida Cotidiana 21

Mais Filas na Comédia da Vida Cotidiana 23

Os Caçadores das Compras Perdidas 25

A Odisseia do Supermercado em Dia de Promoção 29

Uma Viagem Inusitada 31

Aventuras e Desventuras nos Céus 33

Visita dos Urbanos na Zona Rural 35

Zé Capím se aventura na cidade 37

Visitas ao Médico 40

O Desafio da Garagem 42

O Ônibus da Confusão 43

Um dia... um tanto quanto bagunçado na praia 46

A Horta do Caos 49

O Ajudante Robô na Horta 51

A Pimenta da Discórdia 53

Um Dia na Academia 54

O Livro Mais Chato do Mundo 57

Aventura Bagageira 59

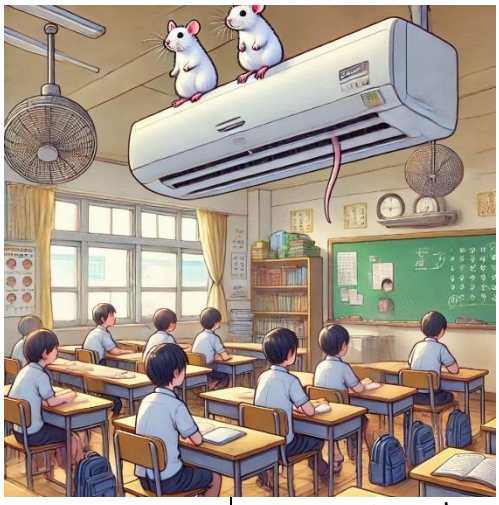
Dilema da Sopa no Quartel 61
A Colisão da Balbúrdia 63
Esquecimento turbulento 65
Godofredo 67
O Ladrão Azarado 71
Estrepolias de um Insone 73
Um Dia de Compras Inesquecível 75
Um terminal rodoviário muito louco 77
O Cruzeiro das Trapalhadas 79
Pizza Complicada 83
O Arranha-Céu nas Nuvens 85
As aparências enganam 88
Viagem ao Mundo Fantástico da Babilônia 91
PERIPÉCIAS DE UM JORNALISTA DE FOFOCAS 94
Pafúncio e o Lançamento de um Novo Perfume 95
Pafúncio e a Entrevista de Futebol 97
Pafúncio e o Prêmio Nobel de Literatura 99
Pafúncio no Campo de Futebol 102
Pafúncio e o Coquetel dos Prêmios 106
Pafúncio e a Exposição de Cães 108
Pafúncio e o Diretor da Televisão 111
Pafúncio e a Terapia Desastrosa 113
Pafúncio e o Festival de Música 116
Pafúncio no Check-in do Aeroporto 118
Pafúncio e o Voo da Confusão 119
Pafúncio e o Velório do Cantor 122
Pafúncio e a Competição de Talentos 124
Pafúncio no Manicômio 127

Pafúncio na Confraternização dos Jornalistas **130**

Pafúncio na Exposição de Quadros **132**

Biografia do Autor **135**

Os Ratinhos da Sala 306



Numa Universidade, a sala de aula 306 tinha uma fama peculiar. Não era pela dificuldade das matérias, nem pelos professores excêntricos. Era pelo ar-condicionado, que, ao invés de refrescar, se tornou o centro das atenções.

No alto, junto ao teto, morava um casal de ratos, que decidiu fazer do ventilador seu lar.

Era uma manhã ensolarada, e a turma de Introdução à Teoria do Caos se preparava para mais uma aula com a Professora Rivalda, uma mulher de cabelo desgrenhado e uma paixão inabalável por teorias bizarras. Assim que os alunos se acomodaram, notaram algo incomum: os rabos dos ratos balançavam suavemente para frente e para trás, como se estivessem dançando ao som de uma música invisível.

— Olhem! — exclamou Ana, a aluna mais observadora da turma. — Tem ratos no ar-condicionado!

A sala toda virou os olhos para o teto. Os rabos dos ratos pareciam ter vida própria, e a atenção dos alunos se desviou completamente da palestra sobre o caos. A professora, sem perceber, continuou sua explicação sobre como o caos pode ser encontrado até nas coisas mais cotidianas.

— E como a teoria do caos nos ensina que pequenas mudanças podem ter grandes consequências... — ela disse, mas a turma só conseguia pensar nos ratos.

— Olha como eles se movem! — sussurrou João, o engraçadinho da turma. — Parece que estão fazendo uma coreografia!

Os alunos começaram a imitar os movimentos dos rabos com suas próprias mãos, enquanto a professora, sem entender o que estava acontecendo, continuava a falar sobre o efeito borboleta.

— Se uma borboleta bate suas asas na China... — começou, mas foi interrompida por um grito de Maria, que estava na janela.

— Eles estão se aproximando!

Na verdade, os ratos estavam apenas se espreguiçando, mas a turma entrou em pânico. Alguns alunos começaram a fazer piadas, enquanto outros tiravam fotos dos rabos balançantes. A sala virou um verdadeiro pandemônio.

— E se eles caírem? — perguntou Lúcia, com uma expressão de preocupação. — E se forem gigantescos?

— São apenas ratos comuns! — respondeu João, rindo. — Mas se eles caírem, pelo menos teremos um espetáculo ao vivo!

A professora finalmente percebeu a distração da turma e olhou para o teto. Com um olhar confuso, ela disse:

— O que vocês estão olhando? Isso não faz parte da aula!

Mas, ao olhar para os rabos balançando, ela também não pôde deixar de rir. O ar-condicionado tinha se tornado um cenário mais interessante do que sua aula sobre caos e desordem.

— Muito bem, vamos aproveitar a situação! — disse ela, com um brilho nos olhos. — Que tal uma discussão sobre o que o comportamento dos ratos pode nos ensinar sobre a ordem e o caos?

Os alunos começaram a debater animadamente, enquanto os ratos, sem saber que eram estrelas, continuavam sua dança acrobática. Um deles, que parecia mais ousado, desceu um pouco mais perto da borda do ar-condicionado, como se estivesse pronto para um salto.

— E se ele pular? — perguntou Ana, cheia de expectativa.

— Vai ser a primeira apresentação de ratos da história da universidade! — brincou João, fazendo todos rirem.

Finalmente, o ousado rato decidiu descer, mas, ao chegar na borda, hesitou. O silêncio na sala era palpável, todos segurando a respiração. Com um movimento súbito, ele pulou, mas, em vez de cair no chão, foi direto para o colo de um estudante que estava distraído mexendo no celular.

O grito do estudante ecoou pela sala, fazendo a professora quase perder o equilíbrio. O rato, assustado, correu de volta para o ar-condicionado, enquanto a turma explodia em risadas.

— Isso é caos! — gritou a professora, agora realmente empolgada. — Esse é o verdadeiro efeito borboleta!

A aula, que deveria ser sobre teoria, se transformou em um festival de risadas e histórias absurdas sobre ratos e suas aventuras. No final, todos concordaram que a sala 306 tinha se tornado um lugar mágico, onde até os ratos tinham o poder de transformar o tédio em diversão.

E assim, a fama dos ratos da sala 306 se espalhou pela universidade, fazendo com que todo semestre novos alunos se inscrevessem apenas para ver o espetáculo dos rabos balançantes. E quem diria que um ar-condicionado poderia ser o ponto de partida para tantas risadas e aprendizados sobre a

vida?

E assim, entre risos e rabos balançantes, a aula sobre o caos se tornou um clássico da Universidade, eternizando os Ratinhos da Sala 306 na memória de todos.

Um Parque de Diversões não muito divertido

Era uma tarde ensolarada quando Seu Jorge decidiu levar seus dois filhos, Lucas e Ana, ao parque de diversões. Ele havia prometido isso há semanas, mas, para ser sincero, não estava tão animado quanto eles.

Lucas: — Papai, vamos no trem fantasma primeiro?

Ana: — Não! Eu quero ir na roda-gigante!

Seu Jorge: — (pensando) Roda-gigante... tudo bem. Vamos começar por lá.

Ao chegarem, as crianças ficaram deslumbradas com as luzes e os sons do parque.

Ana: — Olha, papai! A roda-gigante é enorme!

Lucas: — E as montanhas-russas! Vamos nelas depois?

Seu Jorge: — (sorrindo nervosamente) Primeiro a roda-gigante, então. Isso é... tranquilo.

Depois de uma longa fila, eles finalmente subiram na roda-gigante. Enquanto subiam, Lucas estava radiante, mas Seu Jorge começou a suar frio.

Lucas: — Olha, papai! Estamos lá em cima!

Seu Jorge: — (engolindo em seco) Sim, muito alto... Lindo, não é?

Quando chegaram ao topo, Lucas estava extasiado, mas Seu Jorge olhava para baixo, imaginando o que aconteceria se ele caísse.

Lucas: — Papai, olha a vista!

Ana: — (pulando de alegria) É incrível!

Seu Jorge: — (murmurando) Incrível... sim... muito bom...

Assim que desceram, Lucas estava pulando de alegria, enquanto Seu Jorge respirava aliviado, pensando "Nunca mais quero ir na roda-gigante!"

Ana: — Vamos no algodão-doce!

Seu Jorge: — (suspirando) Algodão-doce é bom. Vamos lá!

Na barraca de doces, Seu Jorge pediu um algodão-doce gigante e dois sorvetes.

Vendedor: — Isso vai te custar caro!

Seu Jorge: — Caro? Porque? É só açúcar!

Vendedor: — Exatamente! E açúcar custa caro!

Enquanto pagava, Lucas e Ana estavam distraídos com um palhaço que fazia malabarismos.

Lucas: — Papai, eu quero aprender a fazer isso!

Seu Jorge: — Primeiro, você precisa de um pouco de prática... e coragem!

Com as guloseimas em mãos, foram para a área de jogos. Seu Jorge decidiu tentar a sorte em um jogo de arremesso de argolas.

Seu Jorge: — Vou ganhar um prêmio para vocês!

Ele arremessou as argolas, mas errou todas.

Ana: — Papai, você não sabe jogar!

Lucas: — Deixa eu tentar!

Lucas pegou as argolas e, com toda a sua força, lançou uma. Acertou em cheio, mas não foi na garrafa, foi na cara do homem da barraca.

Lucas: — O que foi isso? Eu só queria ganhar um urso!

Homem da barraca: — E eu tenho cara de urso?

Seu Jorge: — Desculpe, senhor. Vamos tentar mais uma vez, mas tenta não acertar este senhor... quem sabe?

Após várias tentativas, conseguiram ganhar um pequeno peixinho de pelúcia.

Ana: — Que lindo! Vamos dar um nome a ele!

Lucas: — Que tal "Nemo"?

Ana: — Não, "Peixinho Alegre"!

Lucas: — "Peixinho Alegre" é ótimo! Agora, que tal uma volta na montanha-russa?

Os olhos de Seu Jorge se arregalaram.

Seu Jorge: (pensando) Montanha-russa... será que eu consigo?

Lucas: — Papai, vem com a gente!

Relutante, Seu Jorge decidiu acompanhar os filhos. Ao subir na montanha-russa, seu coração estava batendo mais rápido do que o trem.

Ana: — Isso vai ser incrível!

Lucas: — Vamos gritar juntos!

Quando o trem começou a descer, Seu Jorge gritou mais alto do que todos, enquanto Lucas e Ana riam.

Seu Jorge: (gritando) Isso é uma loucura!

Ao final do passeio, Lucas e Ana estavam gritando de alegria, mas Seu Jorge estava mais pálido que um avental de médico.

Lucas: — Papai, você gostou?

Seu Jorge: — (ofegante) Gostei... um pouco... talvez... nunca mais!

Ana: — Vamos de novo!

Seu Jorge: — (com um sorriso forçado) Sério????

Lucas: — Que tal outra roda-gigante?

Após mais algumas voltas na roda-gigante, finalmente era hora de ir para casa. As crianças estavam exaustas, mas cheias de alegria.

Seu Jorge: — E então, o que vocês acharam do dia?

Lucas: — Foi o melhor dia de todos!

Ana: — Podemos voltar no próximo fim de semana?

Seu Jorge: — (sorrindo) Claro! Desde que a gente evite a montanha-russa...

Os três riram juntos enquanto caminhavam para o carro, já planejando novas aventuras, e Seu Jorge pensava que, apesar do medo, o sorriso dos filhos valia cada grito e cada centavo gasto.

A Pensão do riso = roteiro para uma peça teatral

Cenário: Uma pensão antiga e um tanto bagunçada, com paredes descascadas e um cheiro peculiar de feijão com arroz. Os hóspedes são uma mistura de personagens excêntricos.

Personagens:

- Dona Teresa: A proprietária da pensão, uma senhora de idade avançada, cheia de energia e sempre com um comentário engraçado na ponta da língua.

- Seu Joaquim: Um aposentado que vive contando histórias de sua juventude, sempre exageradas.

- **Mariana: Uma jovem estudante de teatro, sonhadora e cheia de ideias malucas.**

- **Tio Mário: Um viajante que nunca sai da pensão, sempre esperando uma oportunidade de ganhar na loteria.**

- **Clara: Uma mulher que vive reclamando, mas que no fundo é bem-humorada.**

CENA 1: O Café da Manhã

(A manhã começa com Dona Teresa na cozinha, fazendo barulho enquanto prepara o café. Seu Joaquim já está à mesa, contando uma de suas histórias épicas.)

Seu Joaquim: (com entusiasmo) E então, eu disse ao piloto: "Se você não me deixar pilotar, eu vou gritar!" E não é que ele deixou?

Dona Teresa: (sem olhar para ele) Joaquim, você nunca pilotou um avião na vida!

Seu Joaquim: (fazendo uma pausa dramática) Exatamente. Por isso gritei! O medo é um excelente motivador!

(Mariana entra, com uma toalha na cabeça e um olhar sonolento.)

Mariana: Bom dia, pessoal! Alguém viu meu texto? Deixei em cima da mesa.

Dona Teresa: (rindo) O que você escreveu, querida? "Como fazer uma omelete sem ovos"?

Mariana: (revirando os olhos) Muito engraçado, Dona Teresa. Era sobre a vida no teatro!

Tio Mário: (interrompendo) O que eu queria mesmo era um papel no teatro! Se eu ganhar na loteria, vou ser ator famoso!

Clara: (entrando com um olhar de reprovação) E se você ganhar na loteria, Tio Mário, você vai comprar um par de sapatos novos primeiro?

Tio Mário: (com um sorriso) Sapatos? Para quê? Para ficar em casa?

CENA 2: O Almoço

(Durante o almoço, Dona Teresa serve um prato de feijão e arroz, enquanto os hóspedes discutem animadamente.)

Dona Teresa: (colocando o prato na mesa) Aqui está: feijão com arroz, o verdadeiro banquete da pensão!

Seu Joaquim: (mordendo o feijão) Ah, Dona Teresa, este feijão é tão bom que eu poderia jurar que você tem um chef escondido na cozinha!

Dona Teresa: (piscando) Tenho sim. Ele se chama "meu marido". Mas ele não cozinha desde 1980!

Mariana: (rindo) Então, se você não tem um chef, você é a chef ou a "chefa"?

Dona Teresa: (com uma expressão de orgulho) Sou a chefa! E não aceito reclamações, a menos que sejam sobre o feijão frio.

Clara: (murmurando) Se o feijão estiver frio, eu vou reclamar!

Tio Mário: (levantando a mão) Eu tenho uma ideia! Vamos fazer um concurso de quem consegue comer mais

feijão!

Mariana: (brincando) Isso vai acabar em uma competição de flatulência!

(Todos riem, exceto Clara, que faz uma cara de desgosto.)

CENA 3: O Jogo de Tabuleiro

(Após o almoço, os hóspedes se reúnem na sala para jogar um jogo de tabuleiro. O clima é descontraído.)

Dona Teresa: (distribuindo as peças) Então, quem vai ser o banqueiro?

Tio Mário: (levantando a mão) Eu! Afinal, estou esperando a minha grande chance!

Seu Joaquim: (com um sorriso) Espero que você tenha mais sorte aqui do que na vida real!

Mariana: (sorrindo) Vamos ver se você consegue ganhar algo além de um sorriso!

(O jogo começa, e logo a competição esquenta.)

Clara: (reclamando) Não vale! O Tio Mário está trapaceando!

Tio Mário: (fazendo cara de inocente) Eu? Nunca! Estou apenas... ajustando as regras!

Dona Teresa: (rindo) Ajustando as regras? Você quer dizer "mudando as regras conforme sua necessidade"?

Seu Joaquim: (apontando) Isso soa como uma ótima estratégia para a vida, não é? "Mude as regras e ganhe sempre!"

Mariana: (pensativa) E se a vida fosse um grande jogo de tabuleiro? Eu escolheria ser uma peça colorida!

CENA 4: A Noite

(À noite, os hóspedes se reúnem no terraço da pensão, onde Dona Teresa serve chá.)

Dona Teresa: (observando as estrelas) Olhem essas estrelas! Lindo, não é?

Mariana: (suspirando) Eu sempre quis ser uma estrela de teatro, mas acho que vou me contentar em ser uma estrela da pensão!

Clara: (brincando) E quem disse que você não é? Você já tem um público fiel!

Seu Joaquim: (levantando o chá) A um brinde, então! Às estrelas da pensão!

Tio Mário: (interrompendo) Mas eu quero brinde à loteria!

Dona Teresa: (rindo) Tio Mário, você e suas loterias! Um dia você vai ganhar, e quando isso acontecer, não esqueça de nós!

Tio Mário: (sonhando) Claro! Vou comprar a pensão e transformar isso em um hotel cinco estrelas!

Clara: (sarcasticamente) Com o feijão como prato principal, certo?

(Todos riem e brindam juntos.)

CENA FINAL: Reflexões e Risadas

(Os hóspedes se acomodam nas cadeiras, conversando e rindo sobre

suas vidas e sonhos.)

Mariana: (pensativa) Sabe, acho que a vida é como esse jogo: cheia de surpresas e algumas armadilhas.

Seu Joaquim: (com um sorriso) E o melhor de tudo é que, mesmo com as armadilhas, temos sempre uns aos outros!

Dona Teresa: (orgulhosa) Isso mesmo! Aqui na pensão, somos uma família, mesmo que um pouco maluca!

Tio Mário: (com um brilho nos olhos) E quem sabe um dia eu ganho na loteria e nos levo para uma viagem!

Clara: (brincando) Desde que eu não tenha que comer mais feijão!

(Todos riem, enquanto as luzes se apagam lentamente, deixando a cena com uma sensação de calor e camaradagem.)

FIM

O Lado Cômico das Salas de Espera

Ah, as salas de espera! Esses pequenos microcosmos onde a paciência é testada e as conversas são tão variadas quanto os tipos de revistas deixadas à disposição. Entrar em uma sala de espera é como abrir um livro de contos, onde cada personagem é uma história esperando para ser contada.

Imagine a cena: você entra, e logo é recebido pelo cheiro característico de desinfetante misturado com café amargo. As cadeiras, dispostas em fileiras, parecem mais um jogo de Tetris mal resolvido. Algumas estão ocupadas por pessoas que, claramente, têm mais histórias do que você pode imaginar. A primeira delas é a senhora de cabelos brancos que traz em sua bolsa tudo o que poderia ser necessário em uma emergência: um lanche, uma garrafinha de água, e, por que não, um livro de receitas! Ela envia um olhar curioso para você, e você se pergunta se deve acenar ou simplesmente focar na sua revista de moda de 1998, que

está mais desatualizada que a previsão do tempo para o próximo mês.

À sua direita, um homem de terno, que poderia facilmente ser confundido com um agente secreto, está nervosamente digitando em seu celular. Não se sabe se ele está respondendo a e-mails importantes ou se está apenas tentando achar um meme que explique sua situação atual. O que realmente faz você rir é que, em algum momento, ele ergue os olhos e dá uma rápida olhada ao redor, como se estivesse verificando se alguém o está espionando. O que ele não percebe é que todos ali já se tornaram especialistas em decifrar expressões faciais enquanto aguardam sua vez.

No canto, um grupo de crianças se contorcendo em suas cadeiras, cada uma mostrando sua habilidade inata de fazer barulhos estranhos. Enquanto uma delas tenta imitar o som de um motor de carro, outra começa a cantarolar uma música que você não consegue identificar, mas que, de alguma forma, se encaixa perfeitamente na trilha sonora daquela sala. Os pais, com a expressão de quem está prestes a ganhar o prêmio de "Paciência do Ano", tentam controlar a situação, mas a batalha parece perdida. Afinal, quem pode competir com a energia contagiante de uma criança?

Em um canto mais afastado, um homem idoso está sentado em silêncio, observando tudo. Ele parece um filósofo à espera de uma epifania. Quando você olha para ele, ele ergue uma sobrancelha, como se dissesse: "Essa é a vida, meu jovem. Aceite-a". E você se pergunta se ele está ali esperando uma consulta médica ou se apenas decidiu fazer uma pausa na rotina para refletir sobre o sentido da vida — ou sobre o que vai almoçar depois.

E como esquecer das revistas? Ah, as revistas! Revistas de beleza, saúde, viagens e, claro, aquelas que têm pelo menos cinco anos de defasagem. Você se pega folheando uma que ensina como fazer um penteado da moda, enquanto a única coisa que você consegue pensar é que seu cabelo está preso em um coque improvisado e que você não tem a menor ideia do que está fazendo. É um exercício de autoafirmação: "Sim, eu poderia ser a próxima influenciadora digital, se não fosse por esta sala de espera e por este coque desastroso".

E, claro, há sempre o clássico "sistema de chamadas" que, em algum momento, decide brincar de esconde-esconde. O nome é chamado, mas a pessoa está tão absorta em seus pensamentos ou na tela do celular que, por um breve momento, o mundo para. Você observa o agente secreto, a senhora com a bolsa mágica e as crianças, todos em um estado de suspense coletivo, torcendo para que o chamado não seja seu. Quando finalmente a pessoa se levanta, todos exalam um suspiro coletivo, como se tivessem acabado de assistir a um clímax emocionante de um filme.

A sala de espera, com suas peculiaridades, é um reflexo da vida: cheia de personagens, histórias e

momentos de espera que, à primeira vista, podem parecer comuns, mas que, quando observados de perto, se revelam um espetáculo digno de ser apreciado.

E assim, enquanto o tempo se arrasta e o relógio parece ter decidido entrar em modo de férias, você percebe que, apesar da ansiedade da espera, há sempre algo surpreendente ao seu redor.

A sala de espera é, afinal, um lugar onde o cotidiano se transforma em um espetáculo, e o comportamento das pessoas estão sempre à espreita, esperando para serem descobertas.

A Comédia da Academia de Ginástica

Entrar em uma academia é como adentrar um teatro onde cada frequentador desempenha um papel distinto. Às vezes, você se pergunta se está ali para malhar ou se a verdadeira intenção é assistir a um show de comédia.

Logo na entrada, você é recebido pelo "Entusiasta do Fitness". Com seu sorriso radiante e uma camiseta colada ao corpo, ele parece ter sido esculpido por um artista renascentista. Ele está sempre pronto para dar dicas sobre como fazer o agachamento perfeito ou a melhor maneira de combinar suplementos.

Ao lado dele, a "Influencer de Instagram" captura cada movimento, postando selfies com legendas motivacionais. Enquanto você tenta se concentrar, ela sorri para a câmera, como se o espelho fosse seu maior aliado. O que mais impressiona é a quantidade de pessoas que, em vez de focarem no treino, ficam a observar essa cena como se estivessem em uma apresentação de circo.

E não podemos esquecer do "Frequentador de Cadeira". Esse é aquele que, ao invés de levantar pesos, se acomoda em um canto, sempre com um celular na mão. Ele está ali, claro, mas a única coisa que realmente se movimenta é o polegar. A cada quinze minutos, ele dá uma olhada no espelho, como se estivesse esperando que alguém comentasse sobre sua presença ilustre. "Apenas esperando o momento certo para treinar", ele justifica,

enquanto se perde em mais uma rolagem de feed.

Ah, e as desculpas! Elas são quase uma arte própria. O "Desculpador Profissional" é um personagem comum. Ele pode ser facilmente reconhecido por seu olhar pensativo e a habilidade de criar uma justificativa para cada situação: "Hoje não dá para malhar, porque o trânsito estava terrível", ou "Eu realmente queria, mas meu gato estava se sentindo solitário". Essas desculpas são como um show de mágica: desaparecem antes que você possa questionar.

Enquanto isso, há a "Mestre da Procrastinação". Ela entra na academia, faz uma série de alongamentos que poderiam ser confundidos com poses de ioga e, em seguida, se dirige ao bebedouro. O que parece ser uma pausa estratégica se transforma em um mergulho profundo nas redes sociais. Cada notificação é uma nova oportunidade para "se recuperar" de um treino intenso que, assim como a miragem no deserto, nunca acontece.

E quando chega o momento do personal trainer, a cena se transforma em um verdadeiro clamor. O "Poderoso Personal" é a estrela do espetáculo. Ele entra, musculoso e cheio de energia, e a sala logo se enche de olhares admirados. Aqui, as pessoas não têm vergonha de confessar que, por mais que o treino em grupo seja ótimo, elas precisam de um motivador pessoal para não desistir ao primeiro sinal de dor. O "Poderoso Personal" é um maestro, e cada cliente é sua orquestra. "Vamos lá, você consegue! Uma última série, só mais cinco repetições!", ele grita, enquanto os frequentadores se contorcem na dor.

E como não mencionar os "Guerreiros dos Pesos"? Esses são aqueles que parecem estar em uma competição invisível. Eles fazem questão de levantar mais pesos do que qualquer um ao redor mas, ao mesmo tempo, possuem uma habilidade especial para evitar qualquer tipo de contato visual. Ao ver um deles, você nota que a única coisa que realmente pesa é o ego. Eles se esforçam tanto que você se pergunta como ainda conseguem se equilibrar em pé, mas pasme, eles sempre conseguem!

A academia se transforma em um espaço de interação social. As conversas sobre dietas, os segredos da proteína perfeita e as anedotas do dia a dia se entrelaçam em meio aos exercícios. Afinal, malhar pode ser a desculpa, mas a verdadeira razão pela qual todos estão ali é a camaradagem e, claro, as boas histórias para contar.

Assim, enquanto você se esforça para levantar aquele peso que, à primeira vista, parece mais um carro, não pode deixar de perceber que, na verdade, a academia é um grande palco. Cada frequentador traz sua própria comédia e, no final das contas, todos estão apenas tentando encontrar um pouco de leveza em meio ao suor e aos músculos doloridos. E mesmo que o "Poderoso Personal" não consiga fazer todo mundo amar a malhação, ele certamente garante boas risadas ao longo do caminho!

A Arte da Filinha: Uma Comédia da Vida Cotidiana

Ah, as filas! Essas longas serpentes de impaciência que se estendem como uma obra de arte moderna, sempre nos convidando a uma reflexão profunda sobre a condição humana. Se você pensa que a vida é feita de momentos gloriosos, experimente passar um dia inteiro na fila de um supermercado. Aí sim você vai entender o verdadeiro significado de "esperar".

O supermercado, esse templo da alimentação onde, em teoria, você vai apenas comprar um pão e um litro de leite. Mas, ao entrar, você se depara com um labirinto de prateleiras e, claro, a fila do caixa. Você observa a cena: uma senhora, que parece ter saído de um filme de ação, está examinando cada item no seu carrinho como se fosse uma missão secreta. E ali está você, atrás dela, questionando suas escolhas: "Por que alguém precisaria de 17 pacotes de bolacha de água e sal?"

Enquanto isso, a jovem à sua frente está tentando pagar com um cartão que claramente já passou pela guerra. O caixa, que é um ser humano como você, tenta, com todas as suas forças, persuadir a máquina a aceitar aquele pedaço de plástico. E você, que estava apenas querendo um pão, agora se encontra em um drama digno de Shakespeare.

Saindo do supermercado, você pensa: "Pelo menos no banco as filas são mais organizadas." Ah, ingênuo! A fila do banco é como um jogo de xadrez. Você se posiciona cuidadosamente, mas logo percebe que está cercado. À sua esquerda, um homem que parece ter uma consulta de emergência com o gerente, e à sua direita, uma mãe tentando explicar a importância da conta bancária para sua filha de cinco anos. "Não, querida, você não pode comprar um unicórnio com moedinhas." O diálogo se arrasta, e você, que só queria sacar dinheiro, começa a imaginar a vida em uma ilha deserta.

E, claro, quando finalmente chega sua vez, o caixa está fora do ar. "Desculpe, o sistema está lento hoje." Ah, o sistema! Essa entidade mística que nunca parece funcionar quando

você mais precisa. Agora você se pergunta se é mais fácil sacar dinheiro de um caixa eletrônico ou se deve arriscar mais uma fila.

Ah, os caixas eletrônicos, essas máquinas que prometem a liberdade financeira, mas que muitas vezes se tornam um verdadeiro campo de batalha. Você se aproxima do caixa, triunfante, e aperta os botões como se estivesse jogando um videogame. Mas, claro, a máquina não reconhece seu cartão. "Cartão não identificado." Que mistério! Você olha ao redor, esperando que alguém aponte a solução mágica, mas todos estão tão absortos em seus próprios dramas que você se sente como um personagem secundário em um filme sem roteiro.

E quando finalmente consegue fazer a transação, você se depara com a tela que pergunta: "Deseja realizar outra transação?" Você hesita, pensando: "Desejo, sim, mas não desejo ficar aqui mais um segundo."

Depois do drama do banco e do caixa eletrônico, você decide que é hora de ir para casa. Mas, claro, o destino reserva mais uma fila para você: a do estacionamento. Você roda em círculos, como um hamster em uma roda, à procura de uma vaga. E quando finalmente encontra uma, tem que lidar com a arte de estacionar. O carro da frente parece ter sido estacionado por um artista surrealista, e você se pergunta se realmente precisa de uma licença de piloto para isso.

Uma vez estacionado, você se dirige à saída, apenas para se deparar com uma fila de pessoas tentando pagar seus tickets. O caixa, que parece ter saído de um filme de terror, tenta processar os pagamentos, mas a máquina de cartão está mais lenta que um caracol em um dia preguiçoso.

E assim, ao final de um dia repleto de filas, você volta para casa exausto, mas também um pouco mais feliz. Porque, no fundo, as filas são um microcosmo da vida. Elas nos ensinam paciência, resiliência e, claro, a arte de fazer amigos. Você pode até sair de uma fila com um novo conhecido, alguém que também estava preso no labirinto do supermercado ou tentando desvendar os mistérios do caixa eletrônico.

Portanto, da próxima vez que você se encontrar em uma fila, lembre-se: não é apenas uma espera. É uma oportunidade de rir, refletir e, quem sabe, fazer uma nova amizade. Afinal, o verdadeiro tesouro da vida pode muito bem estar escondido entre os carrinhos de compras e as máquinas de cartão.

E se não estiver, pelo menos você terá uma boa história para contar!

Mais Filas na Comédia da Vida Cotidiana

Ah, as filas continuam! Esses longos e intermináveis serpentários que, mais do que um mero aborrecimento, se tornaram verdadeiros palcos de comédia na vida cotidiana. Se você já se viu preso em uma fila, sabe que, por mais frustrante que possa ser, sempre há espaço para boas risadas. Vamos explorar o fascinante mundo das filas em cinco cenários clássicos, onde a paciência é testada.

FILAS DO BANHEIRO: O GRANDE ENIGMA

Comecemos pela fila do banheiro, o local onde o tempo parece parar e a necessidade se torna uma questão de vida ou morte. Você está lá, na fila, e percebe que cada pessoa na sua frente parece estar enfrentando um dilema existencial. Uma mulher, com uma expressão de concentração digna de um filósofo, observa o relógio e parece estar calculando a média de tempo que cada um leva dentro da cabine.

Enquanto isso, uma criança na fila começa a fazer perguntas filosóficas sobre o que acontece dentro do banheiro. "Mamãe, por que o tio está demorando tanto? Ele está fazendo xixi ou tentou entrar em outra dimensão?" E você, ali, tentando não rir da situação, se pergunta se a resposta envolve um portal mágico.

Quando finalmente é sua vez, você entra e percebe que, em um universo paralelo, o banheiro é um spa luxuoso, mas na realidade, é só um cubículo apertado com uma descarga que faz mais barulho do que alívio. No momento em que você sai, a fila aumentou e a pergunta filosófica da criança ecoa em sua mente: "O que é mais estressante: esperar ou estar dentro?"

FILAS PARA O CINEMA: O SHOW DO ENTRETENIMENTO

Depois de sobreviver ao banheiro, você decide ir ao cinema, acreditando que a fila para comprar ingressos será mais tranquila. Mas, ah, a inocência! Na fila, você se depara com uma verdadeira assembleia de cinéfilos. Um grupo discute fervorosamente o último filme de super-herói, enquanto outro

faz teorias mirabolantes sobre quem é o verdadeiro vilão da trama.

Quando finalmente chega sua vez, você percebe que o atendente tem a velocidade de um caracol em dia de folga. Enquanto você espera, começa a sentir a pressão. Decidir entre a pipoca doce ou salgada se torna um dilema filosófico. "E se eu escolher a pipoca salgada e, no meio do filme, desejar a doce? E se a pipoca doce não combina com o filme de terror que escolhi?" As angústias cinematográficas são reais!

Finalmente, você consegue comprar seu ingresso e, ao entrar na sala, descobre que a única vaga disponível é ao lado do grupo que não parou de comentar sobre o filme, mesmo durante a exibição. E assim, a fila se transforma em uma experiência de cinema interativa.

FILAS PARA O ATENDIMENTO MÉDICO: O CONSULTÓRIO DO DRAMA

Agora, é hora de ir ao médico. As filas de espera nos consultórios são um espetáculo à parte. Você entra e se depara com uma sala cheia de pessoas que parecem estar em um reality show de "Quem Tem a Doença Mais Estranha". Ao seu lado, um senhor está explicando para a esposa que ele tem certeza de que sua dor nas costas é causada por um ataque alienígena.

Enquanto espera, você se distrai contando as plantinhas da sala, que tentam, em vão, melhorar o clima. E então, quando finalmente é chamado, você se sente como um jogador de loteria que acabou de ganhar o prêmio. Mas, ao entrar no consultório, o médico parece ter saído para um café e você acaba esperando mais cinco minutos dentro da sala, pensando se a espera estava realmente valendo a pena.

FILAS NO CARTÓRIO: O LABIRINTO DA BUROCRACIA

Depois da consulta, você precisa ir ao cartório. Ah, o cartório, onde a burocracia é elevada à categoria de arte. Você entra e se depara com uma fila que parece ter saído de um filme de terror, onde os cidadãos estão ali, cada um com sua história de desespero.

A conversa entre os que estão na fila é digna de uma comédia de stand-up . "Você já viu como é o novo formulário? Parece que é mais fácil se alistar na NASA do que tentar registrar um documento aqui!" E todos riem, compartilhando suas experiências de como preencher um simples papel se tornou um verdadeiro teste de paciência.

Quando finalmente chega sua vez, a atendente parece ter saído de um filme de ação, digitando tão rápido que você se pergunta se ela está tentando salvar o mundo ou apenas registrando um documento. E você, claro, esquece todos os documentos que deveria ter trazido.

FILAS PARA O ÔNIBUS: O TEATRO DA VIDA URBANA

Por fim, mas não menos importante, a fila para o ônibus. Chegar à parada é como um jogo de estratégia. Você se posiciona no lugar certo, mas logo percebe que alguém mais ousado já está na sua frente, como se tivesse um mapa secreto do caminho mais curto.

Enquanto espera, você ouve conversas hilárias. Um grupo de adolescentes discute se a nova série da moda é melhor que a anterior, e você se pega pensando se a vida real é tão dramática quanto as tramas que eles discutem. E quando o ônibus finalmente chega, a "luta" para entrar se transforma em uma cena de ação digna de Hollywood, com empurrões e acrobacias.

E assim, ao final de um dia repleto de filas, você percebe que a vida é um grande circo, e cada fila é uma atração à parte. Rir das situações absurdas, compartilhar histórias e até mesmo fazer amigos inesperados no caminho é o que torna tudo mais divertido. Portanto, da próxima vez que você se deparar com uma fila, lembre-se: não é apenas uma espera, é uma oportunidade de viver um pouco mais da comédia da vida!

Os Caçadores das Compras Perdidas

Era uma manhã com uma garoa fina quando Eufrazino de Carvalho Troncoso, um homem de meia-idade, decidiu que era hora de fazer compras no supermercado. Sua esposa, Dona Etelvina, uma mulher de coração grande e paciência infinita, concordou em acompanhá-lo. Afinal, a última vez que Epitáfio foi ao mercado sozinho, ele trouxe para casa uma caixa de chá de hibisco, um item que ninguém lembrava de ter pedido.

Assim, armados com uma lista de compras que, segundo Dona Etelvina, era "um pouco mais longa do que o habitual", eles adentraram no supermercado. A atmosfera estava cheia de aromas de pão fresco e frutas maduras, e Epitáfio, que por anos havia se considerado um expert em compras, estava confiante.

"Vamos começar pela seção de frutas", sugeriu Dona Etelvina, já mirando as maçãs.

Eufrazino, no entanto, estava mais interessado em fazer uma competição com ele mesmo: quantas maçãs

conseguiria pegar de uma vez? Ele se agachou, esticou os braços e, no meio da sua acrobacia, acabou derrubando uma maçã que rolou para longe.

"Uma já foi", ele disse, rindo.

Mas a coisa não ficou por ali. Enquanto tentava pegar a maçã perdida, ele se distraiu e, sem querer, esbarrou em uma prateleira de latas de molho de tomate, que começou a desabar como uma cascata descontrolada. Latas rolavam para todos os lados, e Eufrazino ficou paralisado por um momento, tentando avaliar a situação.

"Querido, você não acha que está exagerando?", perguntou Dona Etelvina. "Isso é um supermercado, não um circo!"

Eufrazino, em sua defesa, apenas deu de ombros e continuou a coleta das latas caídas. Ao menos algumas delas estavam intactas.

Após o "incidente do molho de tomate", eles prosseguiram para a seção de cereais. Dona Etelvina sempre dizia que era a parte mais tranquila, mas Epitáfio, que não conseguia resistir a um bom desafio, decidiu que era hora de testar a resistência dos pacotes de cereal. Ele começou a empilhar os pacotes um sobre o outro, como se estivesse construindo uma torre de Babel.

"Se essa torre cair, vai ser um desastre", alertou Dona Etelvina.

No entanto Eufrazino estava determinado. "Confie em mim, vai dar certo!"

Naquele momento, tudo parecia tranquilo, até que, em uma fração de segundo, um pacote de cereal escorregou e, como um efeito dominó, derrubou todos os outros. Cereais voaram para todos os lados, e Eufrazino estava, mais uma vez, cercado por uma cena digna de comédia pastelão.

"Você é mesmo um talento para desorganizar tudo, Eufrazino!", comentou uma senhora que passava, rindo da situação.

Eufrazino, com um sorriso amarelo, começou a juntar os pacotes, enquanto Dona Etelvina tentava ajudar. Mas na tentativa de recolher os cereais, ele começou a se irritar.

"Por que sempre eu?", ele resmungou, olhando ao redor, como se estivesse no centro de um espetáculo de teatro. "Todo mundo aqui é tão calmo, e eu sou o único que parece um maluco!"

Dona Etelvina, tentando aliviar a tensão, disse: "Querido, relaxe! Isso é só um dia de compras. Não vale a pena perder a paciência."

Finalmente, após o que parecia uma eternidade, Eufrazino e Dona Etelvina conseguiram completar a lista. Mas, ao se dirigirem para o caixa, a carrinho de compras, já cheio de itens, parecia um verdadeiro campo de batalha: frutas, cereais, e

uma quantidade razoável de latas de molho de tomate estavam misturados, parecendo uma obra de arte moderna.

Assim que passaram pelo caixa, Epitáfio se distraiu novamente, olhando para uma promoção de biscoitos. E, claro, foi o suficiente para que o carrinho, que já estava em estado de colapso, cedesse. Tudo se espalhou pelo chão: biscoitos, frutas, e até um pacote de arroz que, por alguma razão, decidiu se juntar à festa.

"Não, não, não!" gritou Eufrazino, em um momento de desespero. Ele se agachou para pegar as coisas, enquanto outros clientes olhavam, divertidos.

Algum tempo depois, ele se levantou, tentando manter a dignidade, mas a cena era insustentável.

"Eu não aguento mais!", ele exclamou, olhando ao redor. "O que eu fiz para merecer isso? Até o arroz está me olhando com desprezo!"

Dona Etelvina, rindo, colocou a mão no ombro dele. "Amor, acho que precisamos de mais do que apenas compras. Precisamos de uma boa dose de calma! Vamos para casa e esquecer isso tudo."

Eufrazino, ainda um pouco frustrado, concordou.

"Ok, mas da próxima vez que você me acompanhar para o mercado, prometo não fazer mais malabarismos com as maçãs!"

E assim, recolhendo as compras espalhadas pelo chão, Eufrazino e Dona Etelvina deixaram o supermercado, prontos para enfrentar a próxima batalha da vida a dois: a cozinha.

Retornando para casa, foram organizar a cozinha.

Eufrazino: (segurando um pacote de arroz aberto) Olha, Etelvina, acho que esse arroz decidiu se rebelar contra nós. Está mais espalhado do que dentro da embalagem!

Dona Etelvina: (rindo) É, parece que ele queria ver o mundo. Ao menos, agora temos um "arroz à la chão".

Eufrazino: (suspirando) Se eu soubesse que ia ser assim, teria me limitado a comprar um pão e um queijo.

Dona Etelvina: Ah, vai! Você sabe que as compras nunca são só pão e queijo com você. Sempre tem uma aventura à vista!

Eufrazino: (brincando) Aventura é uma coisa. Mas eu não assinei para ser o protagonista de um filme de comédia!

Dona Etelvina: (com um sorriso) E você está se saindo muito bem na sua atuação. Olha só essa cena do arroz!

Eufrazino: (começando a rir) Verdade. Vou me candidatar ao Oscar de "Melhor Desastre em Supermercado".

Dona Etelvina: (começando a juntar os biscoitos) A gente poderia fazer um filme sobre isso. "Os Caçadores de Compras Perdidas"!

Eufrazino: (fazendo pose) E eu seria o herói que sempre acaba se metendo em encrenca!

Dona Etelvina: (com um olhar divertido) E eu seria a heroína que tenta salvar o dia, mas acaba rindo da situação.

Eufrazino: (abrindo um armário para guardar as coisas) E o vilão? Quem seria o vilão da nossa história?

Dona Etelvina: (pensativa) Acho que seria o molho de tomate. Sempre pronto para causar uma explosão!

Eufrazino: (apontando para o chão) Ou o arroz, que decidiu se espalhar como um exército rebelde!

Dona Etelvina: (rindo) Isso! Precisamos de um grande final, com todos os ingredientes se unindo para fazer um jantar épico.

Eufrazino: (sorrindo) Que tal um arroz carreteiro? Assim, o arroz rebelde se redime!

Gato (Bolota): (entrando com um ar de desdém) E eu aqui, esperando um pouco de respeito. Esse chão não é um buffet, sabia?

Eufrazino: (surpreso) Olha quem apareceu! O nosso crítico gastronômico felino! O que você acha do nosso "arroz à la chão", Bolota?

Bolota: (lambendo as patas) Precisamos conversar sobre a apresentação. Não é assim que se serve um prato!

Dona Etelvina: (com um sorriso) E você, o que sugere, senhor gourmet? Um prato sem arroz?

Bolota: (com um olhar arrogante) Bem, um pouco de atum na receita não faria mal. Mas, por favor, nada de bagunça!

Eufrazino: (brincando) Atum? Você não foi ao supermercado, foi? Se fosse, teria visto o que aconteceu lá!

Bolota: (com um olhar cético) Isso não é desculpa. A organização é fundamental, mesmo em meio ao caos.

Dona Etelvina: (começando a juntar os biscoitos) E você, o que vai fazer? Ficar sentado enquanto nós limpamos a cozinha?

Bolota: (dando um salto para uma prateleira) Eu estou aqui para garantir que nada do que vocês preparam venha a me incomodar. E se sobrar algum atum, eu aceito!

Eufrazino: (abrindo um armário para guardar as coisas) Olha, Bolota, se você nos ajudar, prometo que vou procurar um atum especial na próxima compra.

Bolota: (sorrindo com um ar de superioridade) Isso é um bom começo. Mas não se esqueçam da apresentação!

Dona Etelvina: (brincando) Claro! Atum em um prato bem decorado, com um toque de arroz do chão!

Eufrazino: (fazendo pose) E eu seria o herói que sempre acaba se metendo em encrenca, enquanto o gato dá as ordens!

Bolota: (com um olhar de aprovação) Finalmente, você entendeu seu papel.

Dona Etelvina: (rindo) Vamos lá, então! Com as nossas forças e a ajuda do nosso crítico felino, faremos um jantar épico.

Eufrazino: (sorrindo) Combinado! E que venha o próximo supermercado, porque com você e o Bolota, sempre há histórias para contar!

Bolota: (com um ar de sabedoria) E lembrem-se: a próxima vez, menos bagunça, mais atum!

Dona Etelvina: Perfeito! Vamos juntar nossas forças na cozinha e fazer isso acontecer. E, claro, sem mais malabarismos!

Eufrazino: (com um olhar determinado) Combinado! Agora vamos fazer esse jantar e deixar as aventuras para o próximo dia de compras!

Dona Etelvina: (com um sorriso) Isso! E que venha o próximo supermercado!

A Odisseia do Supermercado em Dia de Promoção

Ah, o dia de promoção no supermercado! Um evento que poderia facilmente ser classificado como um esporte radical. Se você ainda não experimentou, prepare-se: é uma verdadeira odisseia, onde os carrinhos se tornam naves espaciais e os corredores, campos de batalha.

Logo na entrada, você já sente a atmosfera eletrificada. A primeira missão é conseguir um carrinho. Não um carrinho qualquer, mas aquele que não faz barulho e tem as rodas que não se arrastam como se estivessem lutando contra a gravidade. Mas, ah, você logo descobre que todos estão na mesma busca. É uma verdadeira corrida, digna das mais emocionantes competições olímpicas. As pessoas se lançam em direção aos carrinhos como se fossem o último pedaço de pizza em uma festa. É um balé de estratégia e

agilidade, com alguns até ensaiando dribles que fariam qualquer jogador de futebol se sentir envergonhado.

Uma vez com o carrinho em mãos — que, por algum milagre, não faz barulho — você se depara com o primeiro obstáculo: a fila do caixa. A fila! Ah, a fila é um personagem à parte, uma serpente interminável que parece ter vida própria. Enquanto você avança lentamente, começa a observar a fauna peculiar que ali habita. À sua direita, uma senhora com o carrinho transbordando de produtos, que parece ter feito um estoque para enfrentar um apocalipse zumbi. Ela discute fervorosamente com o marido sobre a necessidade de comprar cinco pacotes de arroz, enquanto ele a observa com um olhar que mistura incredulidade e resignação.

À sua esquerda, um jovem que, claramente, não está familiarizado com a arte de fazer compras. Ele tenta entender a diferença entre pasta de dente e creme hidratante, enquanto a caixa, com um olhar paciente, lhe explica. O que poderia ser um momento educativo torna-se uma comédia, com o jovem afirmando que tudo se resume em "branco e com tampa". O público na fila ri discretamente, mas a tensão aumenta conforme o tempo avança.

Após uma eternidade, você finalmente chega ao caixa. E, ao olhar para o seu carrinho, dá-se conta de que, entre promoções e ofertas, você acumulou um verdadeiro tesouro. São três pacotes de biscoitos em promoção, duas garrafas de refrigerante e aquela caixa de cereal que, honestamente, você nem lembra por que colocou lá. Mas, quem pode resistir a uma boa promoção?

Ao passar os produtos no caixa, você observa a caixa de trás. Ela está tentando gerenciar um carrinho que parece ter saído de um episódio de "A Corrida Maluca". O cliente está comprando tudo que vê pela frente — do molho de tomate a uma máquina de fazer pão. A caixa, já exausta, tenta manter a compostura enquanto os produtos vão sendo escaneados. Você fica imaginando se ela tem algum truque na manga para acelerar o processo ou se ela simplesmente se resignou a ser a heroína épica deste dia.

E como não mencionar as estratégias de compra? Cada cliente tem seu próprio método. Há os que vêm com uma lista bem estruturada, em um verdadeiro planejamento estratégico. Eles seguem os corredores com a precisão de um cirurgião, evitando qualquer distração. Depois, existem os "Aventureiros do Carrinho", que fazem questão de explorar cada canto do supermercado, como se estivessem em uma expedição. Eles pegam produtos aleatórios, como se estivessem em uma caça ao tesouro, e você se pergunta se, na verdade, eles vieram comprar ou apenas passear.

E não podemos esquecer das promoções que, em teoria, deveriam facilitar a vida, mas acabam gerando um caos. Você se depara com um "leve três, pague dois" em uma prateleira, e a mente começa a trabalhar: "Se eu levar três pacotes de macarrão, posso

economizar... mas e se eu não comer macarrão esta semana?" A dúvida é cruel, e você se vê em um dilema existencial que poderia ser tema de um filme de suspense.

Finalmente, depois de todo o drama e da batalha épica pelos produtos, você chega ao estacionamento. Ao abrir o porta-malas, percebe que, de alguma forma, cada item que você comprou se tornou uma conquista. A sensação de vitória é palpável! Você enfrenta a última missão: empurrar o carrinho até o carro, enquanto tenta equilibrar as sacolas que parecem ter vida própria.

Ao final do dia, você percebe que o supermercado em dia de promoção é mais do que um lugar para fazer compras. É um campo de batalha, uma arena de estratégias e um palco de comédia humana. E, embora você tenha saído com um carrinho cheio, o mais valioso é a coleção de histórias que você leva consigo. E, quem sabe, na próxima promoção, você já estará mais preparado para enfrentar essa nova odisseia!

Uma Viagem Inusitada

Era uma manhã de sol a pino quando o casal Juquinha e Leocádia decidiu que era hora de uma aventura em família. Com duas crianças pequenas, Léo e Sofia, e o papagaio Totó, eles embarcaram em um ônibus para uma viagem ao campo. Mal sabiam eles que essa jornada se tornaria uma verdadeira comédia de erros.

Chegar ao terminal foi uma epopeia à parte. Leocádia, com sua habilidade de multitarefa, tentava carregar a mochila, segurar a mão de Sofia e, ao mesmo tempo, evitar que Léo corresse em direção ao ônibus. Totó, preso em sua gaiola, gritava: "Vamos lá, pessoal!" O barulho chamou a atenção de todos ao redor, e Juquinha, envergonhado, apenas sorriu.

Finalmente, conseguiram embarcar. O ônibus estava lotado, e a família teve que se acomodar em um espaço minúsculo, onde os joelhos de Juquinha quase tocavam o assento à frente. Leocádia se sentou ao lado de Léo e Sofia, enquanto Totó ficou a seus pés, coberto por uma toalha.

Assim que o ônibus partiu, começou a animação. Léo logo se entediou e começou a perguntar: "Quando vamos

chegar?" A mãe, tentando ser paciente, respondeu: "Daqui a duas horas, querido." Mas Léo, com a lógica de uma criança, insistiu: "Mas por que não chegamos voando? O papagaio poderia nos levar!"

Após cerca de uma hora de viagem, o ônibus fez uma parada inesperada. O motorista, um homem robusto e de voz grave, anunciou: "Pessoal, vamos parar para um lanche. Aproveitem!" As crianças ficaram animadas, e Juquinha rapidamente percebeu que a parada era uma boa oportunidade para esticar as pernas.

Ao descer, Léo e Sofia correram direto para a lanchonete enquanto Leocádia tentava arrumar as coisas. Totó, em sua gaiola, gritou: "Quero lanche também!" O que fez com que todos olhassem para ele, rindo.

Enquanto o casal comprava lanches, Totó, em um momento de pura travessura, começou a balançar a gaiola. "Eu quero sair!" Ele se lançou para frente e, com um empurrãozinho, conseguiu abrir a porta da gaiola. O pássaro saiu voando, fazendo acrobacias no ar.

"Totó! Volte aqui!" gritou Leocádia, enquanto os passageiros aplaudiam. O papagaio, em um ataque de liberdade, decidiu que o teto do ônibus era seu novo palco e começou a fazer piruetas.

Após alguns minutos de pura confusão, Totó finalmente pousou na cabeça de um senhor idoso que estava sentado na frente. O homem, surpreso, exclamou: "O que é isso? Um espetáculo de circo?" E enquanto todos riam, Leocádia, sem saber se ria ou se chorava, conseguiu finalmente capturar Totó e colocá-lo de volta na gaiola.

Quando todos voltaram ao ônibus, a viagem recomeçou, mas a energia estava alta. Léo e Sofia estavam cheios de lanches, enquanto Juquinha tentava, sem sucesso, fazer com que as crianças se sentassem e ficassem quietas.

Finalmente, após mais algumas paradas, o ônibus chegou ao destino. Ao descer, Leocádia olhou para Juquinha e disse: "Nunca mais vamos viajar assim!" Mas, no fundo, ela sabia que a viagem tinha sido muito engraçada.

Enquanto caminhavam em direção ao campo, Totó, em sua gaiola, gritava fazendo estardalhaço. E assim, entre sorrisos e histórias, a família se preparou para mais uma jornada — agora, sem a necessidade de um ônibus.

E assim, a viagem de ônibus se tornou uma memória inesquecível, um relato que seria contado e recontado em reuniões familiares. Afinal, quem não gostaria de lembrar do dia em que um papagaio decidiu ser o protagonista de uma comédia de estrada? E, enquanto caminhavam, Totó continuava a falar: "Vamos lá, pessoal!"

Aventuras e Desventuras nos Céus

Viajar é uma das experiências mais emocionantes da vida, até você se deparar com a realidade dos aeroportos.

O dia começa com aquela adrenalina gostosa: você acorda mais cedo do que gostaria, como se estivesse indo para um exame importante. A primeira missão é garantir que tudo esteja na mala. Você checa e re-checa: passaporte? Check. Bilhetes? Check. O carregador do celular? Ah, essa é sempre uma questão delicada. E, claro, você leva um livro. Não porque vai ler, mas porque viajar sem um livro dá a impressão de que você é uma pessoa despreparada.

Chegando ao aeroporto, você percebe que está em um microcosmos da sociedade. A fila do check-in é uma verdadeira competição. O "Senhor que Não Lê as Instruções" está tentando entender como funciona o autoatendimento, enquanto a "Mãe com Crianças" tenta manter a calma enquanto seus filhos são verdadeiros pequenos furacões. A tensão no ar é palpável. Você se vê envolvido em um drama da vida.

Depois de atravessar o check-in, você chega à segurança, onde a experiência se transforma em um verdadeiro filme de ação. Você tira o cinto, os sapatos, a jaqueta e, por último, a dignidade. Enquanto isso, o "Tio do Laptop" tenta passar com sua imensa mochila que poderia facilmente ser confundida com uma mala de viagem. Ele se estica como um contorcionista, tentando encaixar tudo na esteira, enquanto você se pergunta se ele realmente precisa de todas aquelas coisas.

Ufa! Finalmente, você chega ao portão de embarque. Mas aí é que a variedade de personagens da aventura que ainda está por vir, que você participa, se faz presente. Há o "Viajante Frequente", que já conhece todos os atendentes pelo nome e parece ter um passaporte com mais carimbos do que alguns países têm. Em contraste, a "Turista Desavisada" está olhando confusa para o painel de voos, como se tentasse decifrar um enigma.

O momento do embarque é um espetáculo à parte. Após o chamado para os passageiros da primeira classe,

a fila começa a se formar. Você rapidamente se dá conta de que as pessoas têm uma habilidade incrível em ignorar as instruções. O "Apressado" se junta à fila, como se estivesse prestes a perder o voo, enquanto o "Sabichão" já começa a abrir a bolsa e a procurar algo, mesmo antes de ser chamado. A cena é digna de um filme.

Dentro do avião, a verdadeira aventura começa. Você encontra seu assento, e lá está o "Companheiro de Viagem" ao seu lado, que parece ter uma habilidade inata para invadir o seu espaço pessoal. Ele ocupa o braço do assento como se estivesse reivindicando território, e você se pergunta se deveria ter trazido uma bandeira para marcar seu território. Ao seu redor, a "Mãe com Bebê" tenta acalmar seu filho, enquanto ele se transforma em um pequeno maestro, regendo uma sinfonia de choros.

Assim que o avião decola, você sente aquela leve turbulência que faz seu estômago dançar uma valsa. "Nada como um pouco de adrenalina", você pensa. Mas logo percebe que a turbulência não é nada em comparação com a "Comida do Avião". O "Menu Gourmet" oferecido a bordo é uma combinação de ingredientes que você nunca soube que existiam. O cheiro é uma mistura de mistério e aventura, e você se pergunta se deveria mesmo experimentar. Mas, claro, você se arrisca e acaba numa jornada gastronômica que pode ser descrita como uma "experiência de sabores".

Enquanto isso, o "Passageiro do Fundão" tenta se levantar para ir ao banheiro no meio da turbulência. Ele se equilibra como um acróbata do circo, e você está prestes a aplaudir sua performance. Quando consegue chegar ao banheiro, a porta se fecha, e você se pergunta se ele vai voltar.

A viagem continua.

Você tenta assistir a um filme, mas o "Cinéfilo Ao Lado" está comentando cada cena como se estivesse assistindo a um clássico. "Olha, essa parte é ótima, mas você já viu a versão original?" A cada frase, você se pergunta se deve rir ou chorar. E quando você finalmente consegue desligar-se do mundo externo e se concentrar na tela, o avião começa a balançar novamente. Você se agarracom unhas e dentes à poltrona como se fosse um salva-vidas em um naufrágio.

Após horas, finalmente, a aterrissagem se aproxima. Você sente uma mistura de alívio e cansaço. O avião toca o solo, e você aplaude — não porque é uma prática comum, mas porque a sobrevivência merece ser celebrada. Ao desembarcar, você observa as pessoas se espremendo para pegar as malas, como se houvesse um prêmio para quem conseguir primeiro.

Assim, ao deixar o aeroporto, você percebe que viajar é uma experiência cheia de altos e baixos, risadas e percalços. A comédia da vida se desenrola em cada esquina, e, apesar das aventuras e desventuras, você sabe que cada viagem traz histórias para contar.

Visita dos Urbanos na Zona Rural

Era uma dia claro, sem nuvens, quando a fazenda de Seu Zé Capim se preparou para receber uma visita muito especial: um grupo de amigos da cidade, aqueles que acham que a vida no campo é feita apenas de vacas pastando e pôr do sol cinematográfico. A expectativa era alta, mas a realidade seria ainda mais divertida.

Os visitantes chegaram em uma van, todos com suas roupas de grife, óculos escuros e uma expressão que misturava curiosidade e um ar de superioridade. Assim que desembarcaram, a primeira coisa que fizeram foi puxar os celulares para registrar o momento, como se estivessem em um safári.

"Olha, o campo!" exclamou uma delas, enquanto apontava para um touro que, sinceramente, parecia estar mais interessado em comer capim do que em ser o foco de um ensaio fotográfico.

Seu Zé Capim, com seu chapéu de palha e sorriso no rosto, fez questão de dar as boas-vindas.

"Bem-vindos à fazenda! Aqui, a gente vive na tranquilidade."

Mas, a tranquilidade logo se tornaria um conceito relativo.

A primeira atividade programada era a ordenha das vacas. Ao ouvir isso, os citadinos trocaram olhares de perplexidade.

"Ordenha? Como assim? Não é só apertar um botão?" perguntou um deles, enquanto sua amiga tentava entender a diferença entre a vaca e o boi.

"É tudo a mesma coisa, né?"

A risada de Seu Zé foi tão alta que até as galinhas pararam de ciscar para ver o que estava acontecendo.

Com um pouco de paciência — e algumas demonstrações de como se faz — os visitantes finalmente se aproximaram das vacas.

A cena era digna de uma comédia: um deles, armado com um balde, se aproximou da vaca com uma cautela que mais parecia estar tentando conquistar uma celebridade do que fazer uma simples ordenha.

"E se ela correr atrás de mim?", ele sussurrou, quase em pânico.

A vaca, claro, estava mais preocupada com o seu lanche do que com a presença de um humano nervoso.

Depois de algum tempo e muitas risadas, a primeira ordenha foi realizada.

"Olha, saiu leite! Como se faz para embalar isso?"

Um outro amigo, que estava mais interessado em saber como o leite virava queijo, já estava desenhando planos de um negócio de laticínios.

"Podemos fazer um delivery de queijo artesanal na cidade! O que vocês acham?"

A ideia de colocar queijo de fazenda em uma embalagem causou gargalhadas na turma.

A próxima parada foi na horta.

"Como assim, você planta as coisas aqui? E o supermercado, não faz nada disso?", perguntou uma moça, enquanto segurava um tomate como se fosse um artefato raro. "E se a gente não tiver água? Como as plantas vão crescer?"

Seu Zé, já acostumado com a curiosidade dos urbanos, respondeu: "A gente rega, minha filha! Aqui a gente não tem água da torneira, mas a gente faz acontecer!"

A expressão dela ao ouvir "água da torneira" era como se tivesse descoberto que o mundo não é plano.

A tarde avançou com uma trilha pela mata.

"Aqui é tudo muito verde!", exclamou um dos rapazes, enquanto outro já tentava identificar se o som que ouvira era uma onça ou apenas um sapo.

"É só um sapo, amigo! Para de ser medroso!", gritou um dos outros, que já começava a se sentir como um verdadeiro desbravador. A verdade é que a natureza, com suas folhas e barulhos, parecia tanto um mistério quanto um parque temático para eles.

Para completar a experiência rural, Seu Zé decidiu preparar um autêntico almoço caipira.

"Vocês vão adorar a comida da roça!", disse, enquanto começava a fritar um frango.

A expectativa era alta, mas quando os pratos chegaram à mesa, um dos amigos olhou para a farofa e perguntou: "E isso, é o que? Um acompanhamento ou um novo tipo de arroz?"

A confusão era tanta que a farofa quase foi confundida com um novo prato gourmet. A refeição, por sua vez, acabou se tornando um concurso de quem conseguia comer mais, sem saber o que estava colocando na boca.

Os amigos até tentaram ajudar na cozinha, mas a situação rapidamente saiu do controle. Um deles, ao tentar fazer um suco de limão, acabou espremendo mais limão na roupa do que no copo.

"É uma nova técnica de tempero!" gritou, enquanto todos riam e o limão escorria por suas mãos.

À medida que o dia chegava ao fim, as risadas e as histórias

compartilhadas se tornaram o verdadeiro espírito do encontro. O campo, com suas simplicidades e suas complexidades, havia mostrado aos visitantes que a vida rural era muito mais do que eles imaginavam. As dificuldades do dia a dia, as alegrias simples e as risadas ao redor da mesa criaram uma conexão que superou qualquer preconceito que eles pudessem ter.

No final do dia, enquanto se preparavam para voltar à cidade, um dos amigos olhou para Seu Zé e disse: "Sabe, acho que vou começar a plantar um pé de alface na varanda."

E Seu Zé, com um sorriso cúmplice, apenas respondeu: "É um bom começo! Mas não esquece de regar, tá?"

E assim, a visita dos urbanos à fazenda se tornou uma lembrança hilária e inesquecível, um lembrete de que, às vezes, é preciso sair da zona de conforto para descobrir que a vida, com suas simplicidades e desafios, é muito mais divertida do que parece — mesmo que isso signifique lidar com vacas e farofas!

Zé Capim se aventura na cidade

Todo mundo conhece Seu Zé Capim, o fazendeiro caipira que, com seu chapéu de palha e sorriso largo, é a alma da roça. Mas um belo dia, Seu Zé decidiu que era hora de um passeio diferente. Ele olhou para o horizonte, respirou fundo e declarou: "Hoje eu vou à cidade!" A ideia, que parecia inusitada, foi recebida com entusiasmo por seus amigos da fazenda.

Na manhã seguinte, Seu Zé acordou cedo, caprichou no banho e vestiu sua melhor roupa — uma camisa de flanela e calças que pareciam ter visto melhores dias, mas que ele achava que eram um verdadeiro charme. "Vou impressionar o povo da cidade!", pensou. Com uma sacola de frutas frescas da fazenda para comer durante a viagem, ele partiu em direção à cidade.

A viagem de ônibus foi uma aventura à parte. Seu Zé, sentado ao lado de um grupo de jovens que mal conseguiam parar de olhar para as telas dos celulares, começou a se sentir um pouco deslocado.

"Que coisa estranha é essa de ficar olhando para a tela? Na minha época, a gente olhava nos olhos das pessoas", murmurou, enquanto observava as pessoas na rodovia. Assim que chegou ao terminal rodoviário, a realidade da cidade o atingiu como um balde de água fria.

Logo, ele se viu cercado por carros, buzinas e um movimento frenético que o deixou atordoado.

"Uai, mas onde estão as vacas?", pensou, enquanto tentava atravessar a rua sem se tornar uma estatística de trânsito.

Seu Zé decidiu começar sua jornada pelo centro da cidade. A primeira parada foi uma cafeteria, onde ele viu um cardápio escrito em uma língua que mais parecia um enigma.

"Um 'cappuccino'? Isso é café ou remédio?", questionou, enquanto olhava para a barista com uma expressão de confusão. Afinal, pediu um simples café preto, mas não sem antes receber um olhar curioso da atendente, que provavelmente nunca havia visto um cliente tão despretensioso.

Depois de se reabastecer, decidiu explorar as lojas. Entrou em uma boutique cheia de roupas que pareciam mais uma pintura abstrata do que vestuário.

"O que é isso? Um vestido ou uma bandeira de sinalização?", ele pensou, tentando entender como aquilo poderia ser considerado moda.

A vendedora, tentando ajudar, ofereceu um vestido com estampa de flores. "Esse aqui, senhor, é super na moda!"

Seu Zé olhou para o vestido e, com um sorriso, respondeu: "Na minha fazenda, só as vacas usam flores!"

Após algumas horas de exploração, Seu Zé decidiu que era hora de ver o que mais a cidade tinha a oferecer. Ele se aventurou em um shopping, onde as lojas pareciam labirintos e as pessoas andavam com uma pressa que o deixava tonto.

"Uai, será que tem um concurso de quem chega primeiro na loja?", ele se perguntou, enquanto observava um grupo de jovens correndo em direção a uma promoção.

Ao passar por um corredor, viu uma máquina de refrigerante. Curioso, decidiu experimentar. "Um 'refri de limão'?", ele leu. Com a inocência genuína de quem nunca havia visto uma máquina dessas, decidiu apertar os botões. O resultado? Uma explosão de soda que o deixou encharcado e com uma expressão de espanto.

"Pelo amor de Deus! Isso é um ataque de limão!", gritou, enquanto os jovens ao redor riam da cena.

Mas a verdadeira aventura estava apenas começando. Ao sair do shopping, Seu Zé decidiu que queria conhecer um pouco mais da cultura local. Assim, seguiu a música que saía de um parque próximo.

Ao chegar, viu um grupo de pessoas dançando e fazendo uma espécie de "flash mob". Ele, que nunca tinha ouvido falar disso, decidiu que era sua vez de brilhar. Com um passo de dança

bem caipira, começou a rodopiar, chamando a atenção de todos.

A cena era hilária: um fazendeiro dançando ao som de uma batida eletrônica, enquanto os jovens ao redor tentavam imitar seus passos.

"Isso é como um forró, mas com mais luzes e menos sanfona!", pensou, rindo da situação.

Em poucos minutos, Seu Zé virou a estrela do parque. As pessoas começaram a gravar e compartilhar, e ele se sentiu como um verdadeiro artista.

Ao final do dia, cansado mas feliz, Seu Zé decidiu que já era hora de voltar para casa.

No ônibus de volta, ele refletiu sobre a aventura. "A cidade é cheia de coisas estranhas, mas também tem seu charme", pensou, enquanto olhava pela janela e via as luzes piscando. "Mas, no fundo, ainda prefiro meu campo, minhas vacas e o cheiro de terra molhada."

E assim, Seu Zé voltou para a fazenda, não apenas como um fazendeiro, mas como um verdadeiro "caipira urbano". A cidade havia lhe ensinado que, às vezes, é preciso sair da zona de conforto e se deixar levar pela vida, mesmo que isso signifique dançar com um grupo de desconhecidos e se encharcar de refrigerante.

Afinal, a vida é feita de experiências, e cada uma delas, por mais estranha que seja, traz um sorriso e uma boa história para contar.

Quando Seu Zé finalmente chegou à fazenda, o sol já começava a se pôr, tingindo o céu de laranja e roxo. As vacas, que sempre esperavam ansiosas pelo retorno do fazendeiro, se aproximaram, como se também quisessem saber das novidades. Mas Seu Zé tinha algo muito mais emocionante para compartilhar com sua turma.

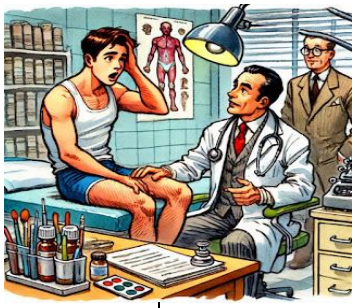
Ele se sentou na varanda, cercado por seus amigos, que já estavam prontos para ouvir as histórias da cidade. Com um sorriso no rosto e um brilho nos olhos, começou a narrar suas aventuras urbanas. A conversa continuou com histórias de outrora, risadas e lembranças. O crepúsculo já havia se instalado, e a fazenda, com seu charme rústico, parecia mais acolhedora do que nunca.

"Então, Seu Zé, quando você vai voltar à cidade?", perguntou um dos amigos, ainda rindo da dança.

"Ah, quem sabe no próximo verão, mas da próxima vez vou levar vocês comigo! Imaginem a cena: nós todos, com nossos chapéus de palha, tentando entender o que é um 'cappuccino' e dançando um forró no meio da cidade. Vai ser uma verdadeira farra!", respondeu Seu Zé, piscando.

E assim, entre risadas e histórias, a noite na fazenda seguia tranquila, com cada um refletindo sobre suas próprias aventuras, ou a falta delas. Afinal, a vida é feita de experiências, e, com um pouco de humor e a boa companhia de amigos, qualquer dia pode se tornar uma grande história para contar.

Visitas ao Médico



Visitar o médico é uma daquelas experiências que pode ser tanto um drama quanto uma comédia, dependendo da sua perspectiva. A sala de espera, por exemplo, é um espaço que parece estar fora do tempo e do espaço, onde a normalidade dá lugar a um espetáculo de peculiaridades humanas.

Logo ao entrar, você é recebido por um cheiro familiar de desinfetante misturado com um toque sutil de ansiedade. A primeira coisa que se vê é a recepcionista, que tem a habilidade mágica de fazer a fila de espera parecer uma maratona. Ela é a guardiã da porta do conhecimento médico e, ao mesmo tempo, a porta-voz da boa e velha burocracia. Com um olhar que poderia congelar o mais corajoso dos pacientes, ela diz a frase que já virou um clássico: "O médico já vai atender".

E ali está você, sentado em uma cadeira que parece ter sido projetada para torturar, cercado por uma variedade de personagens que poderiam facilmente ser protagonistas de um filme.

À sua esquerda, uma senhora idosa que, com certeza, já passou por mais consultas do que você pode imaginar. Ela está equipada com um caderno e uma caneta, anotando tudo o que o médico diz, como se estivesse escrevendo um best-seller sobre "Como Sobreviver a Consultas Médicas". A cada espirro e tosse, ela lança olhares severos, como se estivesse julgando a saúde de todos ao redor.

À sua direita, um jovem que parece recém-saído de uma festa "rave" tenta esconder o fato de que está ali por pura pressão social. Ele está com a cara de quem acabou de descobrir que o "mal-estar" que sentiu na noite passada não era apenas uma ressaca. Enquanto isso, ele observa nervosamente os outros pacientes, como se estivesse em um episódio de "Survivor". A cada chamada do médico, ele dá um pequeno pulo, como se temesse que seu nome fosse o próximo.

E então, a conversa na sala de espera começa. O "Hipocondríaco" é o verdadeiro protagonista. Ele olha para o seu celular e faz uma pesquisa sobre os sintomas que não tem, mas que, se você perguntar, ele descreverá com detalhes que fariam qualquer médico levantar uma sobrancelha.

"Você já sentiu essa dor estranha aqui?" ele pergunta, apontando para a

parte mais improvável do corpo. Os outros pacientes, em sua maioria, tentam ignorá-lo, mas é impossível não se deixar levar pela espiral de paranoia que ele cria.

Quando o médico finalmente o chama, você tem a impressão de que a sala de espera inteira respira aliviada, como se um resgate tivesse ocorrido.

Ao entrar no consultório, você se depara com o "médico zen", que parece mais um guru do que um profissional de saúde. Ele está cercado por plantas, livros de autoajuda e um difusor de óleos essenciais que exala um aroma que poderia facilmente ser confundido com um spa.

"Como você se sente hoje?" ele pergunta, enquanto você tenta encontrar as palavras entre a serenidade da sala e a ansiedade que lhe acompanha.

Enquanto você fala sobre seus sintomas, ele escuta com um olhar que mistura interesse genuíno e uma leve confusão, como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça.

Quando você menciona que a dor é "como uma picada de abelha", ele acena, como se tivesse acabado de descobrir a resposta para a última charada do jogo.

"Vamos fazer alguns exames", ele diz, e você se pergunta se isso significa que ele vai te transformar em um experimento de laboratório.

Após a consulta, você volta à sala de espera, onde o "Hipocondríaco" agora está em uma fase de autodiagnóstico avançado. Ele discute com a senhora idosa, que, para sua surpresa, parece estar concordando com suas teorias mirabolantes. É como assistir a um documentário sobre fauna e flora, mas com muito mais drama. A cada espirro, ele se inclina mais perto dela, em busca de uma validação que nunca chega.

Finalmente, chega a sua vez de sair do consultório. Você percebe que a sala de espera tem sua própria linguagem. Os olhares trocados entre os pacientes são como um código secreto que apenas eles entendem. Há um entendimento tácito de que todos ali estão enfrentando um mesmo desafio. E, enquanto você se despede do "Médico Zen" e sai do consultório, não consegue deixar de pensar que, apesar do estresse, a visita ao médico é uma verdadeira comédia humana.

Ao se encaminhar para a saída do consultório, você se depara com a recepcionista mais uma vez. Ela sorri, mas, ao mesmo tempo, parece estar esperando que você diga algo extraordinário.

"E aí, tudo certo?" pergunta, como se a resposta pudesse mudar o curso da medicina. E você, em um momento de reflexões profundas, responde: "Sim, tudo ótimo, exceto por ter que voltar aqui na próxima consulta".

E assim, você deixa o consultório, levando consigo não apenas receitas e conselhos médicos, mas também uma coleção de histórias.

Visitas ao médico são, no fundo, uma mistura de comédia e drama, onde cada paciente é uma peça única no grande quebra-cabeça da saúde.

O Desafio da Garagem

Era um sábado de manhã, e o sol brilhava intensamente no céu. Pericárdio e Tipoia estavam determinados a tirar o carro da garagem, que estava preso entre caixas e objetos diversos.

"Vamos lá, é hoje!", disse Pericárdio, animado.

"Sim, mas como vamos fazer isso?", perguntou Tipoia, olhando para a montanha de coisas que havia se acumulado.

"Eu tenho um plano", disse Pericárdio, com um sorriso.

"Qual é?", perguntou Tipoia, curiosa.

"Vou empurrar, e você vai guiar", disse Pericárdio.

"É isso?", perguntou Tipoia, incrédula.

"Sim, é simples", disse Pericárdio.

Tipoia suspirou e se posicionou ao volante.

"Pronto, vamos!", gritou Pericárdio.

Pericárdio começou a empurrar o carro, mas ele não se moveu.

"Não está funcionando!", gritou Tipoia.

"É porque você não está ajudando!", respondeu Pericárdio.

"Ajudando? Eu estou dirigindo!", disse Tipoia.

"Dirigindo? Você está apenas sentada lá!", disse Pericárdio.

Tipoia saiu do carro e foi até Pericárdio.

"Você não entendeu o plano", disse ela.

"Entendi, sim. Eu empurro, e você guia", disse Pericárdio.

"Não, não é isso. O plano é nós dois empurrarmos", disse Tipoia.

Pericárdio olhou para ela, surpreso.

"Ah, entendi agora", disse ele.

Eles começaram a empurrar o carro juntos, mas ele ainda não se moveu.

"Isso é impossível!", disse Pericárdio.

"Não é impossível. É apenas difícil", disse Tipoia.

Eles continuaram a empurrar, suando e gritando.

"Eu não aguento mais!", disse Pericárdio.

"Eu também não!", disse Tipoia.

Mas então, de repente, o carro se moveu.

"Eu não acredito!", disse Pericárdio.

"Eu acredito!", disse Tipoia.

Eles conseguiram tirar o carro da garagem, mas estavam exaustos.

"Bem, isso foi divertido", disse Pericárdio.

"Divertido? Você está brincando?", disse Tipoia.

"Sim, foi divertido. Agora vamos tomar um café merecido", disse Pericárdio.

Tipoia sorriu.

"Sim, vamos", disse ela.

Eles foram para o café, rindo e conversando.

"Essa foi uma aventura", disse Pericárdio.

"Sim, foi", disse Tipoia.

Eles se olharam e sorriram.

O Ônibus da Confusão

Nota do autor: Há cerca de 50 anos trabalhei no transporte de passageiros de ônibus urbano, na cidade de Belo Horizonte, verificando quantas pessoas subiam e desciam no ônibus, para calcular a distância apropriada dos pontos, daí caiu um temporal, as ruas alagaram, o motorista se perdeu ao desviar, saiu discussão, teve gente histérica, foi uma confusão generalizada, daí a ideia deste conto.

Era uma tarde chuvosa na cidade, e o ônibus lotado seguia sua rotina habitual. As gotas de chuva tamborilavam no teto, fazendo uma sinfonia que misturava-se ao barulho das conversas e risadas dos passageiros. No entanto, o clima descontraído logo foi interrompido por um forte estrondo.

— O que foi isso? — gritou Dona Maria, uma senhora de cabelo grisalho, segurando a bolsa com firmeza.

— Deve ser só o trovão, Dona Maria! — respondeu João, um jovem de camiseta vermelha, tentando manter o bom humor.

Mas o motorista, preocupado com a enxurrada que começava a invadir as ruas, decidiu desviar o trajeto. Ele virou à esquerda, depois à direita, mas logo percebeu que estava perdido.

— Pessoal, estamos enfrentando um pequeno desvio! — anunciou ele pelo microfone, mas a voz dele mal conseguiu se sobrepor ao barulho dos passageiros.

— Pequeno desvio? Estou a caminho de uma reunião importante! — protestou o Sr. Almeida, um executivo apressado que estava ao telefone. Ele olhou pela janela e viu a água subindo. — Isso não é um desvio, é uma aventura!

— Eu conheço um atalho! — gritou Tânia, uma estudante com uma mochila cheia de livros. — É só seguir pela Rua das Flores!

— Rua das Flores? Você está louca? — respondeu Carlos, um senhor com um chapéu de palha. — Essa rua está sempre alagada! Vamos pela Avenida Central!

— Avenida Central? — interrompeu Mariana, uma jovem com um guarda-chuva quebrado. — A última vez que passei por lá, estava um caos! Precisamos de um plano!

Os passageiros começaram a discutir entre si, cada um defendendo sua própria ideia de qual caminho seguir.

— Pessoal, calma! Eu tenho um mapa! — anunciou Pedro, um rapaz que estava na parte de trás do ônibus. Ele estava tão empolgado que quase levantou do banco. — Aqui diz que podemos pegar a Rua da Alegria!

— Rua da Alegria? — riu Dona Maria. — Com esse temporal, só se for alegria de ver o barco que vamos precisar para atravessar!

— Olha, eu não sei de vocês, mas eu vou descer. Não estou a fim de ser levado por um tsunami! — disse a Sra. Glória, uma mulher mais velha, já se levantando.

— Não, não! Fica todo mundo aqui! — gritou o motorista, tentando manter a ordem. — Precisamos decidir juntos!

— Eu sempre confiei no GPS! — disse o jovem com um celular na mão. — Vamos ver pra onde ele nos leva!

— GPS? E se ele estiver errado? — retrucou Carlos. — Eu confio mais no meu instinto!

A discussão continuava, e o ônibus parecia um verdadeiro tribunal. Cada um defendia sua ideia com fervor, e logo o motorista se viu sem saber a quem ouvir.

— Olha, uma solução pode ser perguntar ao pessoal da rua! — sugeriu Tânia, apontando para um grupo de pessoas que se abrigava em uma marquise.

— Boa ideia! — exclamou o motorista, aliviado. — Vou parar!

Ele estacionou o ônibus em um lugar seguro, e todos os passageiros se aglomeraram na porta.

— O que está acontecendo? — perguntou um dos homens na marquise, enxugando a chuva do rosto.

— Estamos perdidos! Qual é o melhor caminho para a Avenida Central? — perguntou o motorista.

O homem olhou para o céu, pensou por um momento e respondeu:

— Amigo, se eu fosse você, fugiria para o mais perto possível da praia. Aqui não vai ter Avenida Central, só um mar de água!

Os passageiros se entreolharam, um misto de risadas nervosas e uma leve sensação de desespero.

— Eu não vou pra praia! — gritou a Sra. Glória, já com a mão na cintura. — Isso é loucura!

— Então que tal seguir pela Rua do Sol? — sugeriu a jovem Mariana, que parecia ter uma ideia mais otimista. — Pode ser que lá a água não esteja tão alta.

— Rua do Sol? É a única que ainda não ouvi! — disse Pedro, com um sorriso.

— Vamos nessa! — decidiu o motorista, voltando para o volante. — Rua do Sol, aqui vamos nós!

O ônibus seguiu pela nova rota, e a tensão começou a se dissipar. Os passageiros voltaram a conversar, agora em um tom mais leve.

— Vocês acham que vamos chegar a tempo? — perguntou João, olhando pela janela.

— Chegar a tempo do quê? — riu Tânia. — Se não nos afogar primeiro!

— Olha, se tudo der certo, ainda podemos fazer uma festa na praia! — brincou Carlos, arrancando risadas.

— Festa? Com essa chuva? — ironizou a Sra. Glória. — O que vai ter na festa? Natação?

A conversa fluiu e, de repente, o ônibus parecia mais um salão de festas do que um transporte público sufocado. Momentos depois, eles chegaram à Rua do Sol, que estava inundada, mas a água não era tão alta.

— Ufa, estamos a salvo! — exclamou Dona Maria, aliviada. — Agora só falta saber como voltamos pra casa!

— Ah, isso é fácil! — disse Pedro, puxando seu mapa. — Vamos descobrir juntos!

E assim, entre risadas e histórias, o ônibus lotado virou um ponto de encontro, onde a amizade e a camaradagem floresceram mesmo diante da tempestade. Aquele dia, que começou com um temporal, acabou em uma verdadeira aventura, unindo pessoas diferentes por um único objetivo: encontrar o caminho de volta para casa.

Um dia... um tanto quanto bagunçado na praia

Era uma manhã ensolarada quando Aparecido e Lindolfo decidiram ir à praia na Vila das Velhas. Enquanto Aparecido carregava uma expressão de desânimo, Lindolfo pulava de entusiasmo, quase derrubando a bolsa de praia.

— Olha, Aparecido! Hoje vai ser um dia incrível! — disse Lindolfo, animado.

— Incrível até você fazer alguma besteira, como sempre — resmungou Aparecido.

Chegando à praia, o primeiro desafio foi montar o guarda-sol. Lindolfo, com seu jeito atrapalhado, logo começou a lutar com a estrutura.

— Deixe que eu ajudo, Lindolfo! — Aparecido disse, tentando consertar o guarda-sol.

— Não precisa, eu sou um mestre em guarda-sóis! — respondeu Lindolfo, confiante.

Assim que Aparecido segurou o guarda-sol, um vento forte soprou e, com violência, o guarda-sol voou das mãos deles.

— Ah, não! — gritou Aparecido.

Mas era tarde demais. O guarda-sol saiu deslizando e colidiu com uma tenda onde várias pessoas faziam ioga.

— O que foi isso?! — gritou uma instrutora, enquanto algumas pessoas caíam de costas, outras rolavam e batiam em uma barraca de bebidas.

— Ai, meu Deus! — exclamou Lindolfo, tentando ajudar, mas acabou tropeçando em um tapete de ioga. Ele caiu, e junto com ele, um grupo inteiro de praticantes de ioga desmoronou.

— Olha o que você fez! — Aparecido gritou.

As bebidas ficaram espalhadas pela areia, encharcando várias pessoas que estavam em suas esteiras.

— Essa é a melhor aula de ioga que já fiz! — alguém comentou, rindo, enquanto tentava se levantar.

Lindolfo, ainda tentando se recuperar da queda, disse:

— Vamos para o mar! O banho vai nos refrescar!

Os dois correram em direção à água, mas, ao chegarem à beira, perceberam que a areia estava escaldante.

— Ai, ai! Como está quente! — reclamou Aparecido, pulando de um pé para o outro.

— Pula como um saci, Aparecido! — brincou Lindolfo, que estava pulando de forma desengonçada.

Ao fazer um salto, Lindolfo, em sua típica falta de coordenação, acabou tropeçando em um cachorro que passava.

— Cuidado! — Aparecido gritou, mas já era tarde. Lindolfo caiu na areia, derrubando Aparecido junto, que foi parar de cara na água.

— Eu sabia que você ia fazer alguma besteira! — resmungou Aparecido, com a cara encharcada e enlameada.

— Foi só um pequeno acidente! — defendeu-se Lindolfo, rindo enquanto tentava se levantar.

No entanto, ao se levantar, Lindolfo escorregou na areia molhada e caiu novamente, agora em cima de Aparecido.

— Você está me afundando! — gritou Aparecido, tentando empurrá-lo.

— Desculpa! É tudo culpa do cachorro! — disse Lindolfo, se agitando descontroladamente.

Depois de muitas trapalhadas, finalmente conseguiram se limpar e foram para a água. O mar estava delicioso, e Aparecido até começou a relaxar um pouco.

— Olha, Aparecido! Estamos nos divertindo, não estamos? — disse Lindolfo, mergulhando.

— Se você não parar de fazer besteira, talvez sim! — Aparecido respondeu, tentando manter a calma.

Depois de um tempo, eles decidiram voltar para a areia. Mas, ao chegarem, perceberam que a confusão ainda não havia acabado. A tenda de ioga estava cheia de pessoas tentando se secar e algumas ainda confusas com a situação.

— Eles parecem estar se divertindo com o "aula de ioga aquática" — Aparecido comentou, tentando não rir.

— Olha, quem sabe isso não vira uma nova tendência? — sugeriu Lindolfo, piscando o olho.

— Tendência ou não, eu só quero um pouco de tranquilidade! — Aparecido resmungou.

Quando finalmente se prepararam para ir embora, Aparecido estava ainda mais irritado com as trapalhadas de Lindolfo.

— Você sempre arruma confusão, não é? — Aparecido reclamou.

— Mas pelo menos é divertido! — respondeu Lindolfo, rindo.

— Divertido para você! Eu acabei de passar por uma "experiência de areia" — Aparecido disse, enquanto se sacudia.

— Vamos fazer disso uma tradição! — sugeriu Lindolfo, enquanto caminhavam para o carro.

— Tradicionalmente, eu prefiro um dia tranquilo em casa — Aparecido resmungou, mas não pôde evitar um sorriso ao olhar para o amigo.

É assim, entre risadas e trapalhadas, os dois amigos foram embora da praia, mesmo que Aparecido ainda achasse que a próxima saída deveria ser para um lugar bem longe de qualquer guarda-sol.

Depois de um dia cheio de trapalhadas na praia, Aparecido chegou em casa ainda resmungando sobre as aventuras de Lindolfo. Enquanto se aprontava para tomar um banho, Lindolfo, entusiasmado, começou a mexer no celular.

— Olha, Aparecido! As fotos da praia estão incríveis! — disse Lindolfo, piscando para o amigo.

Aparecido saiu do banheiro, com a toalha na cabeça, e olhou para o telefone.

— Fotos? De que fotos você está falando? — perguntou, já prevendo mais confusões.

— Das nossas aventuras! — respondeu Lindolfo, passando rapidamente pelas imagens. — Olha essa aqui: você caindo de cara na areia!

Aparecido se aproximou, e a imagem era realmente hilária. Ele estava com um olhar de espanto, coberto de areia, e Lindolfo, ao lado, rindo descontroladamente.

— Isso é ridículo! — Aparecido exclamou. — Eu pareço um polvo!

— E essa aqui? — continuou Lindolfo, mostrando outra foto. — Olha a cara de quem estava "mergulhando" na água, com areia na cara!

Aparecido olhou para a foto e teve que admitir que, embora fosse constrangedor, era engraçado.

— Tudo bem, essa é engraçada. Mas e a parte em que você derrubou todo mundo na tenda de ioga?

Lindolfo começou a rolar as imagens e, em seguida, apareceu uma foto com várias pessoas deitadas na areia tentando se levantar.

— Olha, — disse Lindolfo. — você não pode negar que foi uma grande aventura!

— Grande aventura? Você quer dizer "grande desastre"! — Aparecido rebateu, mas com um sorriso involuntário.

Lindolfo finalmente encontrou uma foto que o fez rir ainda mais. Era uma selfie deles, com Aparecido de cara emburrada e Lindolfo com um sorriso enorme, coberto de areia.

— Essa é a melhor! — disse Lindolfo. — "Aparecido, o campeão da praia e eu, seu fiel escudeiro!"

— Fiel escudeiro? Você quer dizer "criador de problemas"! — Aparecido respondeu, mas já não continha as risadas.

— Vamos postar no grupo! — sugeriu Lindolfo, já pronto para compartilhar.

— Não! — Aparecido gritou. — Não quero que todos vejam isso!

— Ah, vai! Todos vão adorar! É um momento especial! — insistiu Lindolfo.

— "Especial"? Se você acha que eu quero ser conhecido como o cara que caiu na areia e foi atingido por um guarda-sol, você está muito enganado!

— Aparecido retrucou.

— Mas é isso que faz a vida divertida! — disse Lindolfo, finalmente convencendo Aparecido a deixar ele postar as fotos.

Assim que Lindolfo publicou as imagens, rapidamente começaram a chegar comentários dos amigos.

— "Aparecido, você é um artista da areia!" — comentou um amigo.

— "O que aconteceu com o guarda-sol?!" — outro perguntou, rindo.

Aparecido olhou para Lindolfo, que estava quase se engasgando de tanto rir.

— Ok, você ganhou essa! — disse Aparecido, rendendo-se à situação. — Mas não quero mais aventuras como essa!

— Prometo que na próxima vamos apenas relaxar! — disse Lindolfo, com um sorriso travesso.

A Horta do Caos

Era uma manhã de sábado, e Dona Elda decidiu que era hora de cuidar da horta. Ela sempre dizia que as verduras precisavam de amor e atenção, mas seu marido, Seu Lelé, achava que um pouco de "força bruta" também ajudava.

— Lelé, vamos colher os tomates hoje! — anunciou Elda, com um sorriso.

— Ótimo! Estou pronto! — respondeu ele, pegando uma enxada que parecia maior do que ele.

Enquanto Elda organizava as cestas, Lelé começou a cavar como se estivesse desenterrando um tesouro.

— Cuidado com as raízes, Lelé! — alertou Elda.

— Raízes? Que raízes? — ele perguntou, sem parar.

Em um movimento desajeitado, ele atingiu uma planta e, em vez de tomates, fez uma verdadeira dança de folhas voando pelo ar.

— Olha, Elda! Estou fazendo uma "dança da colheita"! — ele disse, rindo.

— Mais parece uma "dança da

destruição"! — Elda respondeu, tentando conter o riso.

Depois de algumas tentativas de Lelé "cavar" os tomates, Elda finalmente o guiou até a planta correta.

— Aqui, Lelé! Agora, puxe com cuidado! — instruiu ela.

— Puxa, puxa... — ele repetiu, como se estivesse em uma competição.

Quando finalmente conseguiu arrancar um tomate, ele puxou com tanta força que, além do tomate, trouxe consigo uma quantidade considerável de terra.

— Olha! Temos tomates e... barro! — ele exclamou, segurando o tomate marrom.

— Fantástico! O que vamos fazer? Fazer um "molho de barro"? — Elda riu, pegando o tomate limpo.

Mais tarde, enquanto colhiam os últimos tomates, Lelé avistou uma abóbora enorme no canto da horta.

— E essa aqui? Vamos colher também? — perguntou, já se aproximando da planta.

— Lelé, aquela abóbora é para o Halloween! — Elda gritou, mas ele já estava agachado.

— Não se preocupe, vou fazer uma "abóbora de Halloween" grandona! — ele respondeu, puxando a abóbora.

Com um esforço descomunal, Lelé conseguiu arrancar a abóbora, mas não sem derrubar uma fileira inteira de cenouras.

— Oops! — exclamou ele, observando a cena de destruição.

— O que você fez? Agora vamos ter que plantar cenouras de novo! — Elda riu, cruzando os braços.

— Cenouras? Não se preocupe! Vamos fazer um "misto de vegetais"! — disse ele, com um sorriso travesso.

Ao final do dia, a horta estava um misto de sucesso e caos. Olhando para os tomates, a abóbora e a confusão geral, Dona Elda suspirou.

— Acho que precisamos de uma horta mais organizada... ou de um novo ajudante!

— Que tal um ajudante robô? — Lelé brincou. — Ou talvez só eu melhorando a minha técnica de dança!

Elda riu, sabendo que, apesar do caos, cada momento na horta era mais uma história para contar. Afinal, a vida é mais divertida com um pouco de risada e muito amor... mesmo que isso significasse um "misto de vegetais" inesperado!

O Ajudante Robô na Horta

Certa manhã, Dona Elda decidiu que era hora de modernizar a horta. Após ver um comercial sobre um robô ajudante, ela teve uma ideia.

— Lelé, vamos comprar aquele robô que faz tudo na horta! — anunciou, animada.

— Robô? E ele vai fazer o meu trabalho? — Lelé perguntou, com uma sobrancelha levantada.

— Exatamente! Ele vai ajudar a plantar, regar e até colher! — respondeu Elda, sonhando com a eficiência do robô.

Depois de algum convencimento, ele concordou e, em poucos dias, o robô chegou. Era um modelo prateado, com braços mecânicos e um visor que piscava.

— Olá, sou o Roberta 3000! — anunciou a máquina, com uma voz robótica. — Pronto para ajudar!

— Uau! Ele fala! — disse Lelé, surpreso.

— Vamos começar! — disse Elda, empolgada. — Roberta, plante os tomates!

— Iniciando plantio de tomates... — respondeu o robô, enquanto começava a cavar buracos perfeitamente simétricos.

Lelé, que estava observando, decidiu dar uma ajuda.

— Olha, Roberta, você precisa colocar a semente assim... — começou a explicar, gesticulando.

— Ajustando para método humano... — disse o robô, enquanto mudava o padrão de plantio para um estilo mais bagunçado, quase como Joaquim fazia.

Elda riu.

— Ele está te imitando, Lelé!

Enquanto isso, o robô começou a regar a horta, mas com tanta água que as cenouras quase se afogaram.

— Opa! — exclamou Lelé. — Não é assim que se rega!

— Ajustando para rega eficiente... — disse o Roborta, que, em vez de diminuir a pressão, aumentou ainda mais.

Cerca de cinco minutos depois, a horta se transformou em um verdadeiro lago.

— Roborta, pare! — gritou Elda, mas o robô estava concentrado demais.

Finalmente, Lelé, rindo, correu até o robô e desligou-o.

— O que foi que você fez, Roborta? Agora temos uma horta aquática! — disse, olhando as cenouras submersas.

— Desculpe, erro de programação! — disse o robô, com um tom quase envergonhado.

Depois de limpar a bagunça, Elda teve uma ideia.

— Vamos testar a colheita! Roborta, colha os tomates!

— Iniciando colheita de tomates... — o robô respondeu, pegando os tomates com precisão.

— Olha como ele faz! — Elda estava animada.

Mas, assim que o robô terminou, ele começou a colocar os tomates em uma pilha que crescia descontroladamente.

— Roborta, não! Cuidado com a pilha! — gritou Lelé, mas era tarde demais. Os tomates rolaram e se espalharam por toda a horta.

— Erro de cálculo! — disse o robô, enquanto tentava pegar os tomates que escapavam.

— Lelé, acho que precisamos de um novo plano. O que você acha de um robô que não se comporte como você? — Elda brincou.

— Ou um que não tenha essa ideia de "bagunça organizada"! — ele riu.

No final do dia, apesar da confusão, o casal percebeu que o Roborta trouxe risadas e novas histórias para contar.

— Talvez a tecnologia não seja tão perfeita assim! — disse Elda, olhando para o robô.

— Mas pelo menos nos divertimos! — respondeu Lelé, enquanto ambos começavam a recolher os tomates espalhados.

E assim, na horta, entre risadas e imprevistos, Dona Elda e Seu Lelé descobriram que, às vezes, um ajudante robô pode ser mais divertido do que eficiente!

A Pimenta da Discórdia

Em um belo dia, na pequena casa de Dona Elza, ela estava na cozinha, concentrada em preparar seu famoso ensopado. Com um avental florido e uma colher de pau na mão, ela mexia os ingredientes quando seu marido, Seu Quindim, entrou com um olhar curioso.

— O que você está fazendo, minha querida? — perguntou ele, coçando a cabeça.

— Estou fazendo ensopado, Quinzinho. Você sabe, o seu favorito! — respondeu Elza, sorrindo.

— Ah, sim! E eu posso ajudar? — ele disse, já se aproximando da mesa de temperos.

— Claro, amor! Só não mexa nos potes, por favor — advertiu ela, lembrando-se de algumas tentativas anteriores.

Quindim começou a olhar e mexer nos potes, mas logo se deparou com um dilema.

— E a pimenta? Onde está? Você já colocou?

— Coloquei sim! — disse Elza, sem muita certeza.

— Tem certeza? O que você acha que é essa cor aqui? — apontou ele para o ensopado.

— Quinzinho, isso é o colorau! — Ela riu, balançando a cabeça. — Você ainda lembra o que é pimenta?

— Ah, estou certo de que não colocou... — ele murmurou.

— Então, vamos colocar mais um pouco, só para garantir! — decidiu Elza, pegando o frasco de pimenta.

— Espera! — ele gritou. — E se já tiver? E se ficarmos com a boca em chamas?

— Quinzinho, você está exagerando! A comida não vai explodir! — ela riu, já despejando uma boa quantidade.

— Ok, ok! Mas se eu não conseguir sentir o gosto depois, a culpa é sua! — ele retrucou, cruzando os braços.

Após o tempero, Dona Elza serviu o ensopado fumegante em dois pratos. Ambos se sentaram à mesa, ansiosos para experimentar a refeição.

— Vamos lá! — disse ela, pegando a colher. — Um brinde ao nosso jantar!

— Ao nosso jantar! — replicou Quindim, levantando o garfo.

Os dois deram a primeira colherada ao mesmo tempo. O silêncio pairou por

um momento, até que ele começou a chorar.

— O que foi, Quinzinho? Está tudo bem? — perguntou, preocupada.

— Eu... estou... — ele tentou falar, mas as lágrimas escorriam. — Está muito forte! Parece que coloquei fogo na boca!

— O que você esperava? — disse ela, tentando conter o riso. — Você mesmo insistiu que não sabia se a pimenta já estava lá!

— Agora eu sei! — ele respondeu, fazendo caretas. — Eu não vou conseguir comer isso!

— Que bom que você decidiu ajudar! — Elza brincou, servindo-se de um copo de água. — Deixa que eu cuido do jantar da próxima vez.

Quindim, ainda ofegante, sorriu e levantou o copo.

— Então, um brinde à pimenta esquecida e ao nosso amor!

— E que nunca mais esqueçamos onde a pimenta se esconde! — Elza completou, rindo.

Um Dia na Academia

Era uma manhã nublada quando Epitáfio e Etelvina decidiram que era hora de se inscreverem na academia. Depois de uma longa conversa sobre a importância de manter a saúde, ambos concordaram que os exercícios eram uma boa maneira de combater o sedentarismo.

Ao chegarem à academia, Epitáfio, com seu jeito cômico e exagerado, olhou ao redor com um misto de admiração e pânico.

"Olha, Etelvina! Esse lugar parece um campo de batalha! Olha aquelas máquinas, parecem armas de tortura!"

Etelvina, que sempre foi a mais prática dos dois, respondeu: "Epitáfio, é só uma esteira! Você não precisa entrar em pânico. Vamos apenas caminhar um pouco."

"Eu não sei... Caminhar em uma esteira que se move? Isso não parece um pouco perigoso?"

Epitáfio fez uma expressão de dúvida, como se estivesse considerando entrar em um filme de ação.

"Se você não conseguir andar em uma esteira, amor, estamos perdidos", disse Etelvina, tentando conter o riso. "Vamos lá, é só subir e começar a andar!"

Depois de alguma hesitação, Epitáfio finalmente subiu na esteira. Assim que começou a andar, ele logo se distraiu olhando para a televisão na frente.

"Olha, um programa de culinária! Isso parece muito mais interessante do que andar."

"Foca no exercício, Epitáfio!" Etelvina gritou do lado, já na sua própria esteira. "Se você não se concentrar, vai acabar caindo!"

"Eu não vou cair, calma! Eu sou um atleta nato!"

Ele disse isso enquanto tentava aumentar a velocidade da esteira, mas logo percebeu que havia exagerado.

"Atleta nato? Desde quando? Desde a última vez que você correu para pegar um pedaço de bolo na festa do aniversário da sua mãe?" Etelvina resmungou.

Epitáfio, agora lutando para se manter em pé, respondeu: "Era um bolo de chocolate, Etelvina! É uma questão de sobrevivência!"

Finalmente, ele conseguiu desacelerar a esteira e se equilibrar.

"Pronto! O que fazemos agora?"

"Agora vamos para a bicicleta!" Etelvina sugeriu, já se dirigindo para a máquina.

"Uma bicicleta? Ah, isso é mais fácil. Eu sei andar de bicicleta!"

Epitáfio disse, já se sentando na bike. Mas, assim que começou a pedalar, percebeu que a resistência estava mais alta do que esperava.

"Ei! Isso não é uma bicicleta, isso é uma tortura! Eu vou acabar com as minhas pernas!"

"Você também não precisa exagerar, Epitáfio! É só ajustar a resistência!" Etelvina estava rindo cada vez mais da situação.

Epitáfio, tentando ajustar a máquina, acabou apertando todos os botões ao mesmo tempo.

"Olha, Etelvina, agora estou em uma corrida contra o tempo! Estou em uma competição para ver quem se cansa primeiro!"

"Você e suas competições! O que você vai ganhar? Um troféu de 'Maior Drama na Academia'?" Etelvina respondeu, rindo.

Depois de um tempo, Epitáfio, já cansado, decidiu que era hora de experimentar algo diferente.

"Vamos fazer um pouco de musculação? Eu sempre quis parecer com aqueles caras de filme de ação!"

"Você? Parecer com um desses? Você precisa de muito mais do que um dia na academia!"

"Desafio aceito!" Epitáfio disse, enquanto se dirigia para os pesos. Pegou um haltere que parecia maior do que ele. "Olha, Etelvina, sou o Hulk!"

"Mais parece um Hulk de pelúcia!" Etelvina não conseguiu conter o riso. "Cuidado para não quebrar o pé!"

Ele levantou o peso, mas ao tentar impressionar, acabou fazendo uma careta tão engraçada que chamou a atenção de outros frequentadores da academia.

"Se você fizer isso, vai acabar viralizando na internet como o 'Homem que quis ser Hulk e não conseguiu ser nem Hulkzinho bebê'!" Etelvina continuou a zombar, enquanto ele lutava para colocar o peso de volta.

"Você está torcendo contra mim, não está?" Epitáfio perguntou, tentando recuperar a compostura.

"Claro que não! Estou apenas te dando um empurrãozinho para você não se levar tão a sério!", respondeu Etelvina, rindo.

Finalmente, após uma série de exercícios que mais pareciam uma comédia, Epitáfio e Etelvina decidiram que era hora de encerrar o "treinamento". Eles se sentaram em um banco, ofegantes.

"Então, o que você achou da nossa experiência na academia?" Epitáfio perguntou.

"Eu acho que precisamos de mais prática... e talvez de um 'personal trainer' só para você!" Etelvina respondeu, piscando.

"Ou talvez só precisemos de um bom café e um pedaço de bolo para comemorar nosso 'sucesso'!"

Epitáfio sugeriu, fazendo uma expressão de quem já estava pensando no próximo lanche.

"Essa eu topo! Afinal, a vida é curta demais para não ter um pedaço de bolo depois de um dia de exercícios!" Etelvina concordou, levantando-se.

E assim, enquanto deixavam a academia, Epitáfio e Etelvina continuaram com suas brincadeiras e discussões, prontos para enfrentar a próxima aventura juntos, seja na academia ou na cozinha, onde o verdadeiro 'treinamento' aconteceria.

O Livro Mais Chato do Mundo

Era uma vez um escritor chamado Joaquim que sonhava em publicar seu grande romance. Ele passava horas em seu pequeno escritório, cercado por pilhas de papéis e canecas de café esfriando. A ideia era brilhante: um livro repleto de histórias sobre a vida de formigas, suas rotinas diárias e os desafios de encontrar migalhas. Joaquim estava convencido de que seu livro seria um sucesso.

Após meses de trabalho árduo, Joaquim enviou seu manuscrito para várias editoras. No entanto, as respostas foram desanimadoras. Uma editora até escreveu: "Agradecemos, mas suas histórias sobre formigas são... bem... formigáveis."

Ele ficou chateado, mas não desanimou. Ele acreditava que um dia alguém veria a genialidade de seu trabalho.

Finalmente, um dia, Joaquim recebeu uma notícia que o deixou radiante. Ele correu para o bar onde seus amigos costumavam se reunir e, com um sorriso de orelha a orelha, anunciou:

— Pessoal! Tenho uma novidade incrível! Recebi um pagamento por meu livro!

Os amigos pararam de conversar e olharam para ele com curiosidade.

— Uau! Que legal, Joaquim! — disse Pedro, um dos amigos. — Finalmente, alguém reconheceu seu talento!

— Qual editora finalmente decidiu publicar seu trabalho? — perguntou Maria, entusiasmada.

— A Editora Formiguinha! Eles disseram que meu livro está prestes a ser lançado! — exclamou Joaquim, batendo palmas de alegria.

Os amigos começaram a aplaudir e a brindar em sua homenagem.

— Às formigas! — gritaram, rindo.

No entanto, Joaquim, ainda em seu estado de euforia, não percebeu que havia uma pequena sombra de dúvida pairando sobre a mesa.

— Isso é ótimo, mas como você conseguiu um pagamento antes mesmo do lançamento? — perguntou Carlos, franzindo a testa.

Joaquim, um pouco desconcertado, explicou que havia enviado o manuscrito

há meses e que, por algum motivo, a editora decidiu pagar adiantado. Ele estava tão feliz que não via a necessidade de esclarecer mais.

Os amigos, animados, começaram a fazer planos para uma grande festa de lançamento. Joaquim estava nas nuvens, sonhando com o sucesso e as vendas.

No entanto, quando a empolgação começou a se acalmar, uma dúvida surgiu na mente de Joaquim.

— Espera um pouco... — ele pensou. — Como seria possível receber um pagamento sem ter um contrato assinado?

Com isso, decidiu entrar em contato com a editora. Após várias tentativas, finalmente conseguiu falar com alguém.

— Olá, aqui é Joaquim, o autor de "As Aventuras das Formigas". Eu recebi um pagamento, mas não estou certo sobre o motivo... — começou ele.

Do outro lado da linha, uma voz muito profissional respondeu:

— Ah, sim, Joaquim! O pagamento foi referente ao reembolso...

— Reembolso? — perguntou Joaquim, perplexo.

— Sim, seu manuscrito foi extraviado pelos correios e, por isso, decidimos reembolsá-lo. Pedimos desculpas pela confusão.

Joaquim ficou em silêncio, tentando processar a informação. Ele havia confundido um reembolso por extravio com um pagamento por publicação. Com o coração na mão, ele desligou o telefone.

Desesperado e um pouco envergonhado, decidiu voltar ao bar, onde seus amigos ainda estavam celebrando. Ao entrar, a música parou e todos olharam para ele.

— E então, Joaquim? — gritou Maria, toda empolgada. — Vai ser uma grande festa, não é?

Joaquim respirou fundo e, com um sorriso amarelo, confessou:

— Na verdade, pessoal, eu não recebi um pagamento... O que aconteceu foi que os correios perderam meu livro e eles me reembolsaram!

O silêncio tomou conta da mesa, seguido por uma explosão de risadas.

— Então, você está dizendo que seu livro é tão chato que até os correios não conseguiram se interessar? — brincou Pedro, quase se engasgando.

Joaquim respondeu:

— É, parece que minha obra-prima não estava destinada a ser lida... nem pelos correios!

E assim, entre risadas e piadas sobre formigas, Joaquim decidiu que, talvez, fosse hora de reavaliar suas histórias e, quem sabe, escrever sobre algo mais emocionante. Afinal, ele já tinha experiência com histórias que ninguém queria.

Aventura Bagageira

Era uma manhã movimentada no aeroporto e o jovem Lucas estava animado para sua viagem. Enquanto caminhava em direção ao portão de embarque, ele avistou uma senhora idosa lutando com suas malas enormes. Sem pensar duas vezes, Lucas decidiu oferecer ajuda.

— Senhora, posso ajudar com suas malas? — perguntou ele, sorrindo.

— Oh, querido! Seria maravilhoso! — respondeu a senhora, aliviada.

Lucas se aproximou e começou a colocar as malas na esteira. Ele estava tão concentrado que não percebeu quando a senhora colocou uma mala extra debaixo do braço, fazendo com que ele empurrasse a outra com mais força.

— Cuidado com a... — começou a senhora, mas já era tarde demais.

A mala escorregou, e a mão de Lucas ficou presa na alça. Em um momento de desespero, ele tentou puxar a mão, mas acabou caindo na esteira.

— Oh não! — gritou Lucas, enquanto a esteira o levava em direção ao avião.

Ele estava agora completamente preso, com a mão ainda agarrada à mala, enquanto as malas continuavam a ser empurradas para dentro do avião. O que deveria ser uma simples ajuda se transformou em uma verdadeira aventura.

Com muito esforço, Lucas conseguiu finalmente soltar a mão. Mas, para sua surpresa, ele estava agora debaixo de uma pilha de malas pesadas, sem saber como sair dali. O avião começou a fechar as portas, e ele percebeu que estava em apuros.

— Alguém! Ajuda! — gritou Lucas, mas ninguém parecia ouvir.

No interior do avião, os passageiros começaram a se acomodar, e as comissárias de bordo estavam ocupadas verificando os assentos.

Depois de alguns minutos de luta, Lucas finalmente conseguiu se desvencilhar das malas e saiu debaixo

delas, ofegante e um tanto desorientado. Ele olhou ao redor e percebeu que estava em um compartimento de bagagens, com apenas algumas malas ao seu redor.

— E agora? — murmurou ele, enquanto batia com a mão na cabeça, tentando pensar em uma solução.

Foi então que as comissárias de bordo, chamadas pelo barulho da confusão, abriram o compartimento de bagagens e ficaram paralisadas ao ver Lucas.

— O que você está fazendo aqui dentro?! — perguntou uma delas, com uma mistura de surpresa e riso.

— Eu... eu estava ajudando uma senhora e... — Lucas começou a explicar, mas as palavras saíram emaranhadas.

As comissárias não conseguiram conter o riso. Uma delas, tentando se controlar, disse:

— Você sabe que aqui não é um lugar para passageiros, certo?

— Eu sei! — gritou Lucas, ainda meio envergonhado. — Mas eu não consigo sair!

As comissárias, tentando ajudar, começaram a puxar as malas para que ele pudesse sair. Quando finalmente conseguiram espaço suficiente, Lucas pulou para fora, desajeitado e um pouco suado.

— Ufa! — exclamou ele, respirando aliviado. — Nunca mais ajudo ninguém a colocar malas de novo!

As comissárias estavam agora rindo à vontade.

— Você é a primeira pessoa que já vimos entrar assim no compartimento de bagagens! — disse uma delas, ainda se divertindo com a situação.

Lucas, percebendo a situação cômica, começou a rir também.

— Acho que sou bom em fazer amigos de maneiras inusitadas! — respondeu ele, piscando.

Com a situação resolvida e o avião pronto para decolar, Lucas finalmente encontrou seu assento, ainda um pouco envergonhado, mas agora com uma história engraçada para contar.

Enquanto o avião subia, ele não pôde deixar de olhar para as comissárias, que ainda estavam rindo da sua aventura. E assim, no céu, Lucas fez uma promessa: da próxima vez, ele ajudaria a senhora, mas apenas do lado de fora do avião!

Dilema da Sopa no Quartel

Era uma manhã chuvosa no quartel do Exército da Vila Militar. O soldado Carlos, um jovem sempre alegre, mas que às vezes exagerava, estava se recuperando de uma leve gripe. Ele havia contatado sua mãe, Dona Edna, e comentou que não estava se sentindo bem. Preocupada, ela decidiu preparar seu famoso prato de sopa de galinha e foi direto para o quartel.

— Vou levar a sopa do meu menino! — disse Dona Edna, com um sorriso no rosto e o prato bem embrulhado em suas mãos.

Ao chegar na entrada do quartel, ela foi recebida por um soldado de plantão.

— Bom dia, senhora! O que deseja? — perguntou ele, firme.

— Bom dia! Eu sou a mãe do soldado Carlos e trouxe uma sopa para ele! — respondeu Dona Edna, com entusiasmo.

— Desculpe, senhora, mas não posso deixar você entrar! — disse o soldado, com um ar sério.

— Mas é só uma sopa! Ele não está se sentindo bem! — insistiu Dona Edna, já começando a se preocupar.

— Senhora, não posso fazer exceções. É contra as regras. — respondeu o soldado, sem mudar a expressão.

Nesse momento, o sargento Almeida passou e ouviu a conversa.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou, franzindo a testa.

— Sargento, essa senhora quer entrar com uma sopa para o soldado Carlos — explicou o soldado, apontando para Dona Edna.

— A senhora não pode entrar — disse o sargento, tentando ser firme.

— Mas eu sou a mãe dele e estou preocupada! — Dona Edna começou a

gesticular. — Ele precisa de carinho, de uma sopa quentinha!

— Senhora, eu entendo, mas regras são regras — insistiu o sargento.

Dona Edna, já irritada, decidiu que não ia se deixar abater.

— Olha aqui, meu filho está doente! Eu não vou embora sem ver o Carlos! — disse ela, cruzando os braços.

Nesse momento, o capitão Ferreira apareceu, ouvindo o barulho.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele, com um ar de autoridade.

— Capitão! Esta senhora quer entrar com uma sopa! — disse o sargento, gesticulando para Dona Edna.

— Sopa? Isso é sério? — perguntou o capitão, olhando para Dona Edna. — Senhora, não podemos permitir isso. Se cada mãe trouxer sopa, vai ser uma bagunça.

— Mas é só uma sopa! — gritou Dona Edna, já começando a perder a paciência.

— Isso é uma questão de disciplina! — interveio o major Souza, que agora se juntara ao grupo.

— Disciplina? Olha, eu só quero ver meu filho e dar a ele essa sopa! — Dona Edna estava quase em lágrimas.

— Senhora, se a senhora entrar, não vai ser só a sopa. Vai ter que trazer um banquete! — disse o major, tentando manter a situação sob controle.

Dona Edna estava prestes a explodir quando Carlos decidiu intervir.

— Mãe! Eu estou aqui! Posso vê-la? — gritou ele, saindo da sala.

— Carlos! — exclamou Dona Edna, aliviada ao ver o filho.

— O que está acontecendo? — perguntou Carlos, percebendo a confusão.

— Eu só queria trazer a sua sopa! — disse Dona Edna, com a voz embargada.

— É só isso? — Carlos olhou para os oficiais, que estavam todos com expressões de cansaço da situação embaraçosa.

— Sim, e todos esses senhores não me deixam entrar! — disse Dona Edna, apontando para o sargento, o capitão e o major.

— Olha, mãe, eu aprecio sua preocupação, mas... — começou Carlos, mas foi interrompido.

— Você não pode ficar doente! — disse Dona Edna, já entrando na conversa. — Você precisa de sopa, carinho e descanso!

— E você precisa aprender a seguir as regras! — disse o major, tentando manter a ordem.

Nesse momento, Dona Edna virou-se para o major.

— E quem disse que a sopa não é uma regra? É uma regra da boa alimentação! — ela retrucou, com uma expressão determinada.

Os oficiais estavam tão cansados da discussão que começaram a olhar uns para os outros, sem saber o que fazer.

— Olhem, vamos resolver isso de uma

vez por todas! — disse o capitão, já exasperado. — Carlos, você pode sair com sua mãe e levar a sopa para casa. Assim, a senhora pode cuidar de você.

— É isso mesmo! — exclamou Dona Edna, com um sorriso triunfante. — Vamos, meu filho!

— Mas, e quanto à disciplina? — perguntou o sargento, confuso.

— A disciplina pode esperar! — disse o major, já perdendo a paciência. — Todo mundo aqui já teve mãe! Deixe o soldado ir!

Carlos, aliviado, pegou a sopa de sua mãe e saiu do quartel, seguido por ela, que estava radiante.

— Obrigada, senhores! — ela gritou, enquanto se afastava. — E lembrem-se: sopa é amor!

Todos, exaustos, começaram a rir da situação.

— Nunca mais vou subestimar o poder de uma mãe — disse o capitão, balançando a cabeça.

E assim, o soldado Carlos e sua mãe foram para casa, deixando para trás um quartel que nunca mais esqueceria aquela "sopa".

A Colisão da Balbúrdia

Era um dia com muitas nuvens na cidade, e dois idosos José e Marlene estavam a caminho do mercado. José dirigia seu velho fusquinha, enquanto Marlene estava atrás do volante de seu karmann guia, um carro pequeno e brilhante. Ambos estavam ansiosos para comprar os ingredientes do almoço.

Enquanto se aproximavam de um cruzamento, José, distraído, decidiu que era hora de se lembrar de uma velha receita.

— Ah, eu preciso de batatas! — gritou ele para si mesmo, sem perceber que o semáforo estava vermelho.

Marlene, que estava prestes a virar à direita, viu José avançar. Ela tentou buzinar, mas o som do seu carro era mais como um "bipe" tímido.

— Olha o sinal! — gritou Marlene, mas era tarde demais.

BAM!

Os carros colidiram com um estrondo, e os dois motoristas ficaram paralisados por um momento, olhando um para o outro.

— José! O que foi que você fez? — exclamou Marlene, saindo do carro.

— Eu? Você que não olhou para os lados! — respondeu José, já saindo do fusquinha.

— Eu olhei, seu apressado! Você é que avançou o sinal! — Marlene bateu o pé, enquanto ajeitava o cabelo.

Os dois idosos começaram a discutir, levantando os braços e gesticulando como se estivessem no meio de uma apresentação teatral.

— Você deveria usar menos os ouvidos e mais o cérebro! — gritou José, apontando para Marlene.

— E você deveria usar mais os olhos e menos a boca! — retrucou ela, cruzando os braços.

As pessoas que passavam, começaram a parar para assistir à cena, algumas rindo, outras torcendo para que a discussão não terminasse em algo mais sério.

— Olha, gente! Um show de comédia grátis! — gritou um jovem, fazendo todos rirem.

— Calma, pessoal! Isso não é uma competição de quem grita mais alto! — comentou uma mulher idosa que passava.

Nesse momento, o guarda de trânsito Antunes, apareceu, com um ar de autoridade.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou, olhando para os dois motoristas.

— Esse senhor avançou o sinal! — disse Marlene, apontando para José.

— Eu não avancei nada! A senhora é que estava distraída! — José respondeu, indignado.

O guarda olhou de um para o outro, tentando entender a situação.

— Então, vamos lá, quem estava certo aqui? — indagou o guarda Antunes, tentando apaziguar a situação com um sorriso.

— Eu estava certa! — gritou Marlene.

— E eu também! — José respondeu, cruzando os braços.

A confusão só aumentava. Os transeuntes começaram a opinar.

— Eu vi tudo! A Dona Marlene estava certa! — disse um homem que estava vendendo frutas.

— Não, não! O José é um bom motorista! — defendeu uma mulher.

— Eu estava lá! A Dona Marlene estava tão distraída com a maquiagem que nem viu o sinal! — gritou um adolescente.

— A maquiagem é essencial para a segurança no trânsito! — Marlene protestou, dando uma piscadela para o guarda.

— Isso é verdade! Um bom batom pode salvar vidas! — disse uma idosa que estava assistindo a cena.

— Espera aí! — disse o guarda, levantando as mãos. — Vamos esclarecer isso. Quem se machucou?

— Ninguém! — disseram os dois em uníssono.

— Então, por que tanta confusão? — perguntou o guarda.

— Porque ele não sabe dirigir! —

apontou Marlene novamente.

— E porque ela não sabe parar de falar! — José retrucou.

A situação estava tão engraçada que as pessoas começaram a aplaudir, como se estivessem assistindo a uma peça de teatro.

— Olha, gente! A disputa dos campeões de trânsito! — gritou o vendedor de frutas, fazendo todo mundo rir mais.

O guarda, percebendo que a situação havia tomado um rumo cômico, decidiu intervir para encerrar a confusão.

— Vamos lá, pessoal. Que tal um acordo? — sugeriu. — Vocês dois vão para o mercado, compram suas comidas e depois se encontram para um café. Assim, resolvem tudo de forma civilizada.

Marlene e José se olharam, ainda um pouco irritados, mas a ideia começou a fazer sentido.

— O que você acha, José? — perguntou Marlene, suavizando o tom.

— Eu acho que um café não seria tão ruim assim... desde que você não fique falando do meu jeito de dirigir! — disse José, já se rendendo.

— E eu prometo não olhar para o lado enquanto você toma café! — riu Marlene.

Assim, os dois motoristas se dirigiram para seus carros, deixando o guarda e os espectadores aliviados e felizes com a resolução da confusão.

— Até a próxima trombada, amigos! — gritou um jovem, enquanto todos riam novamente.

E assim, José e Dona partiram, prometendo que a próxima vez que se encontrassem, seria em um lugar onde não houvesse semáforos, apenas café e boas risadas.

Esquecimento turbulento

Em uma manhã na cidade, o senhor Astolfo, um avô de 71 anos com uma energia surpreendente para a idade, estava a caminho do mercado com sua neta, Clara, já na fase aborrecente. Eles sempre se divertiam juntos, e aquela manhã não seria diferente. Astolfo estava vestido com sua clássica

camisa listrada e um chapéu florido que sua ex-esposa lhe havia dado, enquanto Clara usava fones de ouvido, imersa em seu mundo musical.

Assim que o ônibus chegou, eles entraram e se acomodaram em um banco perto da janela. Astolfo começou a contar histórias sobre quando ele era jovem, enquanto Clara revirava os olhos, mas com um sorriso no rosto.

— Você sabe, Clara, na minha época, ônibus era muito mais divertido! — começou Astolfo.

— Claro, vovô! E você também caminhava 10 quilômetros na chuva, né? — brincou Clara.

— Não! Eu ia de ônibus! — Astolfo respondeu, rindo.

Depois de algumas paradas, o ônibus chegou a um ponto onde Astolfo decidiu que era hora de descer. Ele olhou pela janela e viu uma loja de ferramentas que lhe chamou a atenção.

— Vou descer aqui! — pensou e se levantou rapidamente. Mas, na empolgação, esqueceu de avisar a neta.

Ao descer do ônibus, Astolfo mal percebeu que Clara ainda estava sentada e, quando ele pisou na calçada, o ônibus começou a se afastar.

— Clara! — gritou ele, percebendo que ela não tinha vindo junto. O ônibus começou a acelerar, e a expressão de Astolfo mudou de surpresa para pânico. Começou a correr atrás do ônibus.

— Vovô! Volta! — gritou Clara, agora percebendo que ele havia descido sem aviso.

Ela pulou de seu assento e se aproximou da janela, olhando para ele com os olhos arregalados.

Os passageiros do ônibus, vendo a cena que se desenrolava, começaram a rir e a incentivar Astolfo.

— Vai, seu moço! Corre! — gritou uma senhora de cabelo grisalho, batendo palmas.

— Mais rápido, campeão! — gritou um jovem com um boné de lado.

Um passageiro distraído, sem estar ciente do ocorrido:

- Deixa de ser muquirana, rapaz, tá querendo economizar no ônibus? Corre atrás do táxi que economiza mais!

Astolfo estava determinado. Com o chapéu quase caindo, ele começou a correr com todas as suas forças. O ônibus, por sua vez, parecia estar em um filme de ação, com motoristas e passageiros assistindo à cena como se fosse um espetáculo.

— Clara! — ele gritava, enquanto as pernas pareciam não responder à sua vontade de correr mais rápido. — Espera!

Clara, do outro lado, gritava:

— Vovô, vem mais rápido! O ônibus não vai esperar!

O motorista, vendo a cena no retrovisor, decidiu dar uma freada para que Astolfo pudesse alcançá-los. O ônibus parou abruptamente, e a

situação se transformou em um verdadeiro espetáculo.

Astolfo, aliviado por ter conseguido alcançar o ônibus, fez um esforço final e se lançou em direção à porta. Mas, em vez de conseguir entrar, ele acabou batendo na traseira do ônibus com cara de tacho, quase escorregando. A cena foi tão cômica que todos os passageiros explodiram em risadas.

— Olha a cara do vovô! — Clara não conseguiu conter a risada, enquanto Astolfo se endireitava, ruborizado, mas também rindo da própria situação.

— Ah, que susto! — ele disse, tentando recuperar a compostura. — Eu pensei que você iria embora!

— E eu pensei que você estava se preparando para a São Silvestre! — respondeu Clara, ainda rindo.

O motorista, com um sorriso, abriu a porta para Astolfo entrar e disse:

— Vamos lá, seu moço. Suba logo antes que eu mude de ideia!

Astolfo, agora mais calmo, entrou no ônibus, e os passageiros continuaram a rir e a aplaudir.

— Isso foi uma corrida épica! — gritou o jovem do boné.

Astolfo se sentou ao lado de Clara, que ainda estava se recuperando da risada.

— Nunca mais vou descer sem avisar você, Clara! — ele disse, respirando fundo.

— Eu espero que sim, vovô! Assim você não vira o "Super Vovô" das corridas de ônibus! — ela brincou.

E assim, enquanto o ônibus seguia seu caminho, Astolfo e Clara continuaram a rir, prometendo que, na próxima vez, ele definitivamente avisaria antes de descer. Aquele dia se tornaria uma das memórias mais engraçadas da relação entre avô e neta.

Godofredo

Era uma noite típica no Condomínio Parque das Flores, e a sala de reuniões estava cheia. Moradores de todas as idades se acomodavam nas cadeiras, ansiosos para discutir as reformas necessárias no condomínio. Mas, como sempre, havia uma nuvem ameaçadora pairando sobre a reunião: Godofredo, o morador do prédio que era um "chato de galochas".

Dona Rita, a síndica, começou a reunião com um sorriso nervoso.

— Boa noite a todos! Hoje, vamos discutir a reforma da piscina. O que vocês acham de reformá-la e deixar mais agradável?

— Olha, eu não sei se isso é uma boa ideia — interrompeu Godofredo, levantando a mão como se estivesse em sala de aula. — A piscina já é um foco de problemas!

— Como assim, Godofredo? — perguntou Marta, uma mãe de dois filhos. — A piscina é um lugar de lazer!

— Exatamente! E onde tem lazer, tem acidente! — rebateu Godofredo, cruzando os braços. — E quem vai limpar todo aquele cloro?

— A gente contrata alguém, Godofredo! — disse Jorge, o morador mais jovem, com um sorriso cansado.

— E quanto isso vai custar? — Godofredo insistiu. — Aposto que vai aumentar o nosso condomínio!

Marta, já sem paciência, respondeu:

— Godofredo, uma piscina reformada pode aumentar o valor dos apartamentos!

— Ah, mas será que alguém vai querer comprar um apartamento em um prédio com piscina? — questionou Godofredo, provocando risadas nervosas entre os presentes.

Dona Rita tentou mudar de assunto.

— Ok, vamos para o próximo item: a reforma do salão de festas. O que vocês acham?

— Eu sou contra! — gritou Godofredo. — O salão já é um lugar cheio de barulho. Reformar só vai piorar!

— Mas o salão está caindo aos pedaços! — ressaltou Ana, uma adolescente que estava na reunião. — Não dá pra fazer festas lá!

— E quem disse que precisa de festas? — retrucou Godofredo. — As festas só atraem mais gente barulhenta!

Carlos, um senhor simpático, tentou apaziguar a situação:

— Godofredo, também precisamos nos divertir, não acha?

— Divertir-se é só uma forma de gastar dinheiro! — disse Godofredo, com um tom de desdém. — E depois, vem a limpeza!

— Godofredo, você é o único que vê tudo pelo lado negativo! — exclamou Dona Rita, já exasperada.

— Não, não sou! Eu sou o único que vê a verdade! — defendeu-se Godofredo, com um gesto dramático.

Dona Rita, tentando manter a ordem, passou para o próximo tópico.

— Vamos discutir a reforma do elevador. Ele está muito antigo e precisa de melhorias.

— E se ele quebrar durante a reforma? — perguntou Godofredo, levantando a mão novamente. — E se a gente ficar preso lá dentro?

— Godofredo, isso é um risco que corremos com o elevador velho também! — respondeu Jorge.

— Mas a situação atual é familiar. A reforma pode trazer riscos desconhecidos! — insistiu Godofredo.

— Riscos desconhecidos? — riu Marta. — Você assiste muitos filmes de terror, Godofredo?

— E você não deveria subestimar o que não conhece! — retrucou Godofredo, ofendido.

Ana, já cansada, interveio:

— Godofredo, você é como um aplicativo de previsão do tempo que só diz que vai chover! Às vezes, precisamos de sol!

Todos riram, mas Godofredo não se deixou abalar.

— E quem vai pagar a conta das reformas? — continuou ele. — Aposto que vai ser a gente!

Carlos, tentando mudar o clima, sugeriu:

— Que tal fazermos uma vaquinha para as reformas?

— Uma vaquinha? — exclamou Godofredo. — Isso é um plano horrível! E se a vaca não der leite?

— Godofredo, você sabe que isso é uma expressão, certo? — disse Jorge, rindo.

— É, mas eu não gosto de expressões! Elas complicam a comunicação! — respondeu Godofredo, como se fosse o porta-voz da lógica.

Dona Rita, já sem saber como lidar, anunciou:

— Ok, se todos concordam com a reforma do salão, vamos votar.

— Ah, mas eu sou contra! — gritou Godofredo. — E quem vai garantir que a reforma vai ser bem feita?

— Nós vamos acompanhar, Godofredo! — afirmou Marta. — E temos um arquiteto!

— E se o arquiteto não souber o que está fazendo? Estamos todos perdidos! — disse Godofredo, gesticulando dramaticamente.

— Godofredo, você sempre vê o lado ruim de tudo! — exclamou Carlos, já irritado. — A gente precisa de melhorias!

— Com certeza, você é o único que não quer! — respondeu Marta.

Dona Rita, percebendo que a reunião estava se transformando em um debate sem fim, decidiu tomar uma atitude drástica.

— Olha, Godofredo, talvez seja melhor você não participar mais dessa reunião.

— Como assim? — disse Godofredo, perplexo.

— Você está expulso! — anunciou Dona Rita, com um sorriso firme. — Na próxima, vamos deliberar sem você!

Godofredo ficou em silêncio, mas seu olhar demonstrava que ele ainda ia arranjar um jeito de contestar essa decisão.

— Vocês vão se arrepender! — foi a última coisa que ele disse, enquanto saía da sala, deixando os moradores aliviados.

Mas não parou por aí, quando a reunião terminou, com seu ar de resistência, ele se dirigiu ao parquinho onde alguns moradores estavam, e aproximando-se de um grupo.

— Olá, vizinhos! Vocês têm um momento para falar sobre as reformas?

— Godofredo, estamos tentando aproveitar o dia. O que você quer? - Marta balançou a cabeça.

— É só uma conversa rápida. Eu acho que precisamos nos unir contra essas reformas. Elas vão acabar com a tranquilidade do nosso condomínio!

— Como assim, Godofredo? O que há de errado com as reformas? - disse Carlos, curioso.

— Pensem bem! A piscina vai ser mais barulhenta, o salão de festas vai atrair mais gente estranha e, no final das contas, vamos gastar um monte de dinheiro! - Godofredo gesticulava.

— E o que você sugere? Ficar tudo como está?

— Exatamente! O antigo é seguro! O novo é um risco! Vamos preservar a nossa paz!

Jorge interveio.

— Mas Godofredo, a paz que você defende é a mesma que a gente já não tem? O salão está caindo aos pedaços!

— E se a reforma trouxer barulho, e se o elevador quebrar? Vamos ficar presos lá dentro! Olhem, eu sei que vocês pensam que sou chato, mas eu só quero o melhor para todos nós! - Godofredo falou com um olhar dramático

Marta, cruzando os braços, disse: — O melhor é ter um espaço agradável para as crianças brincarem e para a gente se reunir. Não dá para viver no passado!

Godofredo insistiu: — Mas e se essas crianças fizerem barulho? E se os pombos voltarem? Vocês não estão pensando nas consequências!

— Godofredo, você sempre traz os pombos para a conversa! - disse Carlos, sorrindo.

— E quem vai limpar isso? Pensem no trabalho extra!

Ana falou brincando: — Godofredo, você deveria ser advogado. Tem talento para convencer as pessoas a não fazer nada!

— Então, o que me dizem? Vamos juntos? Podemos fazer um abaixo-assinado!

— E colocar "não à diversão" no título? - disse Marta, rindo.

Carlos entrou na brincadeira: — Ou "protetores dos pombos"?

— Não, não! É sério! Precisamos nos unir!

— Godofredo, a verdade é que a maioria já decidiu. Você pode tentar, mas a mudança vai acontecer, com ou sem você.

Godofredo suspirou: — Então, vocês vão me deixar sozinho nessa?

Marta falou com deboche — Não, Godofredo. Você sempre terá a companhia dos pombos!

Os moradores riram, enquanto Godofredo, derrotado, cruzou os braços e observou o grupo se afastar, ainda conversando animadamente sobre as reformas. Ele murmurou para si mesmo, já pensando em seu próximo plano para tentar mudar a opinião dos vizinhos.

O Ladrão Azarado

Era uma manhã ensolarada na pequena cidade de Valverde, e o banco central, com suas paredes de vidro reluzente, parecia um oásis de tranquilidade. Mas, para Carlos, um ladrãozinho de origem humilde, aquele era o dia perfeito para mudar de vida. Com um plano mal elaborado na cabeça e um nervosismo palpável, ele se dirigiu ao banco, acreditando que seria fácil.

— Hoje é o dia! — sussurrou Carlos para si mesmo, enquanto segurava a arma que havia "pegado emprestada" de seu primo, um verdadeiro entusiasta do crime.

Ao entrar no banco, ele respirou fundo e, com uma voz trêmula, anunciou:

— Isso é um assalto! Todo mundo parado!

Os clientes e funcionários olharam assustados, mas nada poderia prepará-los para o caos que estava prestes a acontecer.

Carlos, em sua ânsia, puxou a arma com tanta força que ela escapuliu de suas mãos e caiu, acertando exatamente o seu pé.

— Ai! — gritou Carlos, pulando de dor. — Que droga!

Os clientes começaram a sussurrar, alguns rindo nervosamente da cena. Ele se agachou para pegar a arma, mas o movimento causou uma nova desventura. Ao se levantar, havia um saco de dinheiro em cima do balcão. Com um golpe de sorte, ele conseguiu

agarrá-lo, mas o saco se arrebentou, espalhando notas por todo o chão.

— Não! — exclamou ele, tentando coletar as notas, mas no meio do desespero, tropeçou em um maço de dinheiro e caiu de nariz no balcão.

— Ai! — gemeu, enquanto o impacto da queda lhe quebrava o nariz. O sangue começou a escorrer, e ele se levantou com dificuldade, a cabeça rodando.

E, como se o universo quisesse garantir que sua má sorte continuasse, Carlos, ainda atordoado, acertou a cabeça na quina do balcão. Um galo enorme surgiu na sua testa, e ele ficou meio desacordado, cambaleando.

Os gritos de "socorro" e "é um assalto!" ecoavam, mas os que chegavam não sabiam se Carlos era o ladrão ou a vítima. Quando a polícia chegou, encontrou Carlos, em um estado deplorável, com o nariz sangrando e o galo na cabeça.

— O que aconteceu aqui? — perguntou um dos policiais, olhando para o espetáculo tragicômico à sua frente.

— Ele... ele tentou assaltar o banco! — disse uma funcionária, ainda tentando conter o riso.

— Tentou? — questionou o policial, claramente divertido. — Parece que você é a verdadeira vítima aqui, amigo!

Carlos, ainda meio tonto, tentou explicar:

— Eu só queria... pegar um pouco de dinheiro... — e, ao levantar o braço para gesticular, acertou um soco no próprio queixo.

— Ai! — gritou ele, agora com uma dor adicional.

Os policiais mal conseguiam conter as risadas ao testemunhar a sequência de desastres. Um deles comentou:

— Você sabe que isso é uma tentativa de assalto, certo?

— Claro que sei... — murmurou Carlos, com lágrimas nos olhos, não apenas pela dor, mas pela humilhação. — Meu horóscopo disse que eu não devia sair de casa hoje...

Os policiais trocaram olhares cúmplices, rindo ainda mais.

— Você lê horóscopos? — perguntou um deles, tentando conter a risada.

— Não, mas talvez eu devesse começar... — respondeu Carlos, enquanto era algemado, chorando de dor e frustração.

Assim, ele saiu do banco, algemado e com a cabeça baixa, murmurando para si mesmo:

— Se ao menos eu acreditasse em horóscopos...

A cena se tornou uma lembrança engraçada para os funcionários do banco e os policiais, que, ao contar a história, sempre terminavam com uma gargalhada ao lembrar do ladrão mais azarado que Valverde já conhecera.

Carlos, por sua vez, aprendeu da maneira mais difícil que, às vezes, é melhor deixar o crime para os filmes. E que, definitivamente, um dia de azar é melhor ser passado de pijama em casa.

Estrepolias de um Insone

Era uma vez, em uma cidade não muito longe daqui, um sujeito chamado Tico. Ele era conhecido por uma peculiaridade: ele não conseguia dormir. Enquanto a maioria das pessoas se entregava aos braços de Morfeu, ele passava as noites em claro, contando carneirinhos, assistindo a infindáveis maratonas de programas de culinária e fazendo listas de coisas que nunca faria. Com o tempo, a insônia foi se agravando, e ele decidiu que, se não podia dormir, pelo menos poderia se divertir à custa dos que estavam.

Em uma noite particularmente longa, enquanto o relógio marcava 3 da manhã, Tico teve uma ideia brilhante. Ele se vestiu como um ninja (ou, pelo menos, como um ninja que não tinha um bom senso de moda) e decidiu que iria "visitar" seus vizinhos que, ao contrário dele, estavam desfrutando do sono dos justos.

Primeiro, ele foi até a casa da Dona Efigênia, uma senhora que sempre reclamava do barulho na rua. Com um sorriso travesso, ele começou a bater na porta, fazendo imitações de vários animais. Primeiro, ele grunhiu como um porco, depois miou como um gato e, por último, uivou como um lobo. A Dona Efigênia, que estava tendo um sonho maravilhoso com um bolo de chocolate, acordou assustada, pensando que um zoológico tinha se instalado em sua sala. Quando abriu a porta, encontrou Tico agachado, fazendo a pose de um gato.

— O que você está fazendo, Tico? — perguntou ela, com os olhos arregalados.

— Apenas testando se a senhora está sonhando! — respondeu ele, tentando conter o riso.

A Dona Efigênia, com um olhar de quem não tinha a menor paciência para brincadeiras, fechou a porta na cara dele. Mas Tico não estava disposto a desistir. Ele seguiu para a casa do Seu Joaquim, um aposentado que sempre sonhava em voltar a pescar.

Ao chegar lá, decidiu que a melhor estratégia seria imitar o barulho de um

peixe fora d'água. Ele se jogou no chão e começou a se contorcer, fazendo ruídos estrondosos. O Seu Joaquim acordou, pulou da cama e correu para a sala, armado com um taco de beisebol que mantinha para "emergências".

— O que está acontecendo aqui? — gritou ele, olhando para Tico se debatendo no chão.

— Estou apenas fazendo uma pesca noturna, Seu Joaquim! — respondeu Tico, gargalhando.

Naturalmente, o Seu Joaquim não achou graça nenhuma. Ele deu uma rápida olhada para Tico e saiu para a rua, murmurando algo sobre "juventude perdida" e "jovens insensatos".

Com uma sensação crescente de missão cumprida, Tico decidiu que ainda não era hora de parar. Ele se dirigiu para a casa do Luís, o estudante que sempre tirava notas altas, mas que tinha uma aversão a qualquer tipo de perturbação. Tocou a campainha e, assim que Luís abriu a porta, ele começou a fazer uma apresentação de stand-up, mas com piadas completamente sem graça.

— Você sabe por que a galinha atravessou a estrada? Para ir do outro lado! — disse Tico, enquanto Luís, sem paciência, tentava entender o que acontecia àquelas horas da noite.

Luís, que estava prestes a fazer uma prova importante, não achou muita graça e, em um impulso, empurrou Tico para fora de casa, fechando a porta com força. Tico, no entanto, não se deixou abalar. Em vez disso, decidiu que era hora de uma nova abordagem.

Ele foi até o parque, onde alguns jovens costumavam se reunir à noite para tocar violão. Juntou-se a eles e começou a cantar, mas em vez de músicas conhecidas, ele fez versões paródicas de clássicos, como "Garota de Ipanema" transformada em "Garoto de Insônia". A letra, que falava sobre coisas totalmente sem sentido, fez com que todos se unissem a ele, rindo e se divertindo.

No entanto, a festa logo atraiu a atenção dos vizinhos, que saíram de suas casas, sonolentos e irritados. A cena era hilária: pessoas de pijama, com cabelos desgrenhados, tentando descobrir o que estava acontecendo. Tico, percebendo que havia criado um verdadeiro show improvisado, decidiu que era hora de encerrar a apresentação.

— Obrigado, pessoal! Espero que tenham gostado! E lembrem-se: a insônia pode ser divertida! — gritou, antes de sair correndo, rindo da confusão que deixara para trás.

Na manhã seguinte, enquanto os moradores da rua tentavam recuperar o sono perdido, Tico percebeu que talvez estivesse indo longe demais. Ele sentiu uma pontinha de culpa ao ver a Dona Efigênia, o Seu Joaquim e o Luís todos com olheiras profundas. Mas logo essa culpa se transformou em uma nova ideia.

— Que tal uma festa do pijama? — pensou, já imaginando a diversão.

E assim, ele começou a planejar um evento que traria todos os vizinhos para uma noite de risadas e histórias, prometendo que, ao menos uma vez, eles poderiam se divertir juntos, mesmo que isso significasse perder algumas horas de sono.

Enquanto isso, ele continuava a infernizar a vida dos que dormiam, mas agora com uma pitada de humor e um convite para a festa do pijama. Afinal, quem disse que a insônia não poderia ser uma bênção disfarçada? Só não se sabe para quem.

Um Dia de Compras Inesquecível

Era uma segunda-feira ensolarada quando Carlos decidiu que era hora de reabastecer a despensa. Como um homem que sempre se orgulhou de sua habilidade em fazer compras, ele vestiu sua melhor camiseta e calçou os tênis mais confortáveis, preparado para enfrentar a selva do supermercado.

Ao entrar no local, Carlos foi imediatamente confrontado pela primeira armadilha: o carrinho. Ele sempre achou que os carrinhos tinham vida própria, e hoje parecia que um deles tinha decidido que não queria ser empurrado. Cada vez que Carlos tentava seguir em linha reta, o carrinho se desviava, como se quisesse explorar os corredores de produtos que ele não precisava.

"Ah, não, não, não! Não me faça passar vergonha novamente!" Carlos sussurrou para o carrinho, atraindo olhares curiosos de outros clientes. Mas ele decidiu ignorar, afinal, quem nunca teve uma conversa um tanto estranha com um objeto inanimado?

Após uma luta épica com o carrinho, Carlos finalmente conseguiu alcançar a seção de frutas. Ele sempre se considerou um expert em escolher abacates, mas naquele dia, parecia que os abacates estavam em um concurso de "quem é o mais maduro". Ele pegou um, apertou, e o fruto se despedaçou em sua mão, deixando um rastro de pasta verde em seus dedos.

"Maravilha! Agora sou o novo chef de cozinha, especialista em guacamole!" Carlos exclamou, rindo de si mesmo.

Seguindo para a seção de laticínios, Carlos avistou um grande cartaz: "Promoção de iogurtes! Leve 10 e pague 5!" Ele pensou que essa era uma oferta que não poderia recusar. Então, em um momento de impulso, pegou dez potes de iogurte, suficientes para alimentar um pequeno exército. Ao tentar equilibrar os iogurtes no carrinho, ele percebeu que havia subestimado sua própria força. Um pote escorregou e, em câmera lenta, caiu no chão, explodindo em um banho de iogurte de morango.

"Parabéns, você acaba de se tornar o Picasso do iogurte!" gritou um jovem que passava, enquanto Carlos se encolhia de vergonha. Ele se virou para limpar a bagunça com a mão, mas acabou espalhando ainda mais o iogurte com seus tênis, que agora pareciam ter se tornado uma obra-prima de arte moderna.

Determinando-se a não deixar que isso arruinasse seu dia, Carlos seguiu para a seção de congelados. Ao abrir o freezer, ele encontrou uma pilha de pizzas congeladas. Ele ficou tão animado que decidiu fazer uma pequena festa em casa. Enquanto examinava as opções, uma pizza de pepperoni escapuliu de suas mãos e foi parar em um carrinho ao lado, pertencente a um senhor idoso que olhava para Carlos com uma expressão de confusão.

"Desculpe, senhor! Parece que sua pizza está tendo uma vida própria!" Carlos riu, mas o senhor não pareceu achar graça. Ele pegou a pizza de volta e a colocou de volta no freezer, como se estivesse lidando com uma criança travessa.

Finalmente, Carlos chegou à caixa. Ele estava exausto, mas cheio de itens que provavelmente não precisaria. Enquanto a caixa registrava suas compras, ele percebeu que havia esquecido de pegar o item mais importante: papel higiênico. Ele olhou para a fila atrás dele e decidiu que não poderia voltar. O caixa, percebendo seu dilema, fez uma piada: "Parece que você vai ter um dia longo pela frente!"

Carlos riu, mas no fundo, sabia que estava em apuros. Ao sair do supermercado, com o carrinho cheio e a dignidade quase intacta, ele avistou um amigo que não via há tempos. "Carlos! O que você está fazendo aqui?"

"Ah, você sabe, apenas dominando a arte da compra de supermercado," respondeu Carlos, com um sorriso nervoso.

O amigo olhou para o carrinho, depois para Carlos, e disse: "Parece mais uma batalha perdida!"

Carlos suspirou, mas então deu uma risada. Afinal, às vezes, a melhor parte de um dia de compras é a capacidade de rir de si mesmo. Ele se despediu do amigo e saiu do supermercado, pensando que, apesar de todos os imprevistos, tinha conseguido uma ótima história para contar.

Um terminal rodoviário muito louco

Era uma manhã ensolarada quando um grupo de estranhos se reuniu no terminal rodoviário da pequena cidade de Barbacena. O terminal, com seu cheiro de café requentado e a música de um artista local tocando no fundo, estava prestes a se transformar em um palco para uma série de eventos engraçados.

Primeiro, Dona Edna, uma senhora de cabelos grisalhos e óculos enormes, que sempre se sentava da mesma forma: com um mapa amassado na mão e uma expressão de quem estava prestes a conquistar o mundo. Ela estava em busca de sua neta, que supostamente iria chegar em um ônibus vindo da capital.

Ao lado dela, estava Tiago, um jovem estudante que, com seu fone de ouvido e olhar perdido, parecia estar no mundo da lua. Ele estava tão concentrado na música que não percebeu que seu ônibus tinha mudado de plataforma. Quando finalmente se deu conta, já era tarde demais.

Na outra extremidade do terminal, um homem de terno e gravata, que se apresentava como Dr. Fernando, estava tentando fazer uma ligação importante. Ele falava alto demais (quase aos berros), e sua conversa sobre "negócios internacionais" estava atraindo a atenção de todos ao redor. Mas era impossível não notar que, a cada palavra, ele gesticulava de tal forma que parecia estar tentando voar.

Enquanto isso, o ônibus de Dona Edna chegou, mas, para sua surpresa, não havia sinal de sua neta. Desesperada, ela começou a questionar todos ao redor, incluindo Tiago, que tentava se concentrar em sua música.

"Você viu uma garota de cabelo cacheado, mais ou menos assim?" ela perguntava, fazendo gestos exagerados.

Tiago, sem perceber, respondeu: "Desculpe, senhora, estou procurando por um ônibus."

Nesse momento, Dona Edna decidiu que ele deveria ser um "detetive" e

começou a dar instruções absurdas sobre como encontrar sua neta.

Tiago, confuso, apenas concordou e saiu em busca de informações que não existiam.

Enquanto isso, o Dr. Fernando, tentando se fazer notar, decidiu que era hora de fazer uma apresentação. Ele subiu em uma das cadeiras e começou a falar sobre sua "brilhante carreira" e como estava prestes a fechar um grande negócio.

O terminal, que estava calmo, agora estava uma balbúrdia. As pessoas aplaudiam de forma sarcástica, e Tiago, ao ouvir o barulho, se aproximou, perguntando se havia um show.

"É claro! Você não sabia? É o show do Dr. Fernando, o empresário que voa alto!" alguém gritou, e todos começaram a rir.

Finalmente, a neta de Dona Edna apareceu correndo, com uma mochila gigante e um sorriso no rosto.

Ela avistou a avó e, enquanto corria, esbarrou em Tiago, que estava tão perdido em seus pensamentos que quase caiu.

"Desculpe!" ela exclamou, mas Tiago, em vez de se irritar, respondeu: "Não se preocupe, eu sou apenas um detetive à procura de uma missão."

Dona Edna, ao ver sua neta, deu um grito de alegria e começou a dançar como se tivesse ganhado na loteria.

"Minha neta! Finalmente! Agora podemos ir embora!" Ela abraçou a menina, que estava um pouco confusa, mas feliz.

Enquanto isso, Dr. Fernando, percebendo que sua apresentação não estava indo como planejado, decidiu descer da cadeira. Ele tropeçou, e em um momento digno de um filme de comédia, caiu de cara no chão. Todos riram, e até mesmo o homem mais sério do terminal não conseguiu conter o riso.

Tiago, agora em um espírito de camaradagem, se aproximou de Dr. Fernando e disse:

"Se você precisar de um detetive para seus negócios, eu posso ajudar!"

O empresário riu e, fora de si, convidou todos para um café na lanchonete do terminal.

Dona Edna, sua neta, Tiago e até mesmo Dr. Fernando acabaram se sentando juntos, compartilhando histórias e risadas.

O terminal rodoviário, que parecia um lugar comum, havia se transformado em um espaço de amizade e absurdos, onde pessoas de diferentes lugares se uniram através de uma série de imprevistos e risadas.

E assim, entre uma xícara de café e outro, o terminal se tornou um lugar de memórias, onde cada um saiu com uma história para contar — e uma nova amizade para cultivar. Afinal, às vezes, as melhores aventuras começam nos lugares mais inesperados.

O Cruzeiro das Trapalhadas

Era uma vez um casal muito peculiar: Epitáfio e Etelvina. Eles decidiram que era hora de uma aventura e, com isso, embarcaram em um cruzeiro para as deslumbrantes Ilhas Gregas. O barco, o "Navegador do Sol", estava repleto de passageiros animados, todos prontos para desfrutar do calor e das belezas naturais. Mas, como todos sabem, quando Epitáfio está por perto, a aventura nunca é apenas uma simples viagem, não consegue ficar quieto, parece que tem tachinhas nos pés.

Assim que embarcaram, Epitáfio, sempre entusiasmado, começou a explorar o navio como se fosse uma criança em uma loja de doces.

— Olha, Etelvina! — exclamou ele, apontando para uma escada em espiral. — Vamos ver onde isso nos leva!

— Epitáfio, espera! — gritou Etelvina, mas ele já tinha desaparecido. Quando ela finalmente o encontrou, ele estava em cima de uma mesa de sinuca, tentando "fazer um truque".

— Epitáfio, desça daí! Você vai quebrar alguma coisa! — disse ela, com a mão na cabeça.

— Não se preocupe, querida! Eu sou um mestre do equilíbrio! — ele respondeu, e, claro, assim que se inclinou para mostrar isso, escorregou e caiu de costas no chão, fazendo a mesa balançar e as bolas de sinuca rolarem pelo convés.

Os passageiros que assistiam à cena começaram a rir. Um senhor idoso até comentou:

— Olha, o novo esporte do cruzeiro: sinuca acrobática!

No dia seguinte, na hora do almoço, Epitáfio decidiu que era sua vez de ajudar. Ele foi até o buffet e, com toda a sua boa intenção, começou a servir comida para os dois.

— Aqui está, Etelvina! Uma especialidade grega! — disse ele, colocando uma porção generosa de tzatziki* no prato dela.

— Epitáfio, isso é demais! — reclamou ela, mas ele não a ouviu. Em um movimento desastrado, ele derrubou um jarro de azeite, que

escorreu pelo chão como um rio dourado.

Os passageiros ao redor começaram a rir novamente. Uma senhora, com um olhar divertido, comentou:

— Acho que o Epitáfio está tentando criar um novo prato: "Azeite à la Epitáfio".

Depois do almoço, Epitáfio decidiu que era hora de se divertir na piscina. Ele pulou na água de forma tão exagerada que fez uma onda gigantesca, que molhou todos os que estavam próximos.

— Epitáfio! Você não pode fazer isso! — gritou Etelvina, que estava secando o cabelo com uma toalha.

— Relaxa, amor! É só um pouco de diversão! — respondeu ele, enquanto tentava nadar, mas em vez disso, começou a se debater como um peixe fora d'água.

Os passageiros, entre risadas e sustos, começaram a se afastar da borda, enquanto um marinheiro observava tudo com uma expressão de incredulidade.

Eventualmente, o capitão do navio, um homem robusto com uma voz que poderia fazer uma tempestade silenciar, decidiu intervir.

— Senhor Epitáfio! — chamou ele, enquanto se aproximava. — Eu preciso que o senhor fique em sua cabine por um tempo. Você está causando caos!

— Mas eu só estava me divertindo! — respondeu Epitáfio, fazendo uma careta.

— Sua diversão está deixando os passageiros um pouco... nervosos! — disse o capitão, tentando manter a compostura.

— Tudo bem, capitão! — Epitáfio se rendeu, enquanto Etelvina soltava um suspiro de alívio.

No entanto, Epitáfio não estava disposto a ficar em sua cabine. Assim que o capitão se afastou, ele viu uma oportunidade e escapuliu.

— Ah, eu só quero dar uma volta! — murmurou ele para si mesmo, caminhando pelo convés. Sem perceber, ele se aproximou da borda do navio e, ao tentar se esconder de um grupo de marinheiros, escorregou e caiu direto no mar.

O grito que ele deu ecoou pelo navio:

— Etelvina! Socorro! Estou afundando!

Os passageiros, agora em um misto de choque e riso, correram até a borda para ver o que estava acontecendo. Etelvina, horrorizada, gritou:

— Epitáfio! Volte aqui!

Os marinheiros, já acostumados com as trapalhadas de Epitáfio, entraram em ação. Um deles, um jovem chamado João, pulou na água e nadou até Epitáfio.

— Calma, amigo, eu estou aqui! — disse João, enquanto puxava Epitáfio de volta para o barco.

Ao ser resgatado, Epitáfio estava todo encharcado, mas com um sorriso no rosto.

— Eu sempre quis experimentar a natação em alto-mar! — exclamou ele, enquanto todos ao redor caíam na risada.

Quando finalmente conseguiram voltar ao convés, o capitão, agora com um sorriso no rosto, não pôde deixar de comentar:

— Bem, senhor Epitáfio, você definitivamente trouxe um novo significado para o "cruzeiro".

Etelvina, com a cabeça nas mãos, não sabia se ria ou chorava. Mas, no fundo, sabia que, com Epitáfio, cada dia seria uma nova aventura.

— Apenas não me faça passar por isso novamente, por favor! — pediu ela, enquanto abraçava o marido.

Epitáfio piscou:

— Prometo que na próxima vez, eu só vou fazer trapalhadas em terra firme!

E assim, o casal continuou sua viagem pelas Ilhas Gregas.

O casal, agora um pouco mais consciente das reações dos passageiros, tentou se comportar, mas a natureza atrapalhada de Epitáfio estava longe de ser domada.

Na primeira parada, Santorini, a beleza das casas brancas e das vistas deslumbrantes deixou Etelvina encantada. No entanto, Epitáfio estava mais interessado na comida local.

— Vamos experimentar aquele prato que dizem que é uma delícia! — sugeriu ele, apontando para uma taverninha.

Etelvina hesitou:

— Epitáfio, lembre-se da última vez que você decidiu experimentar algo novo.

Mas Epitáfio já estava na porta, e em um instante estava pedindo uma moussaka** gigantesca. Quando o prato chegou, ele não conseguiu conter a empolgação e, em sua pressa, derrubou a bandeja, cobrindo o garçom e a mesa ao lado com molho quente.

— Desculpe! — gritou ele, enquanto todos ao redor se esquivavam.

Na segunda parada, o casal decidiu fazer uma excursão de barco para explorar as caldeiras. O guia, um homem charmoso, começou a falar sobre a história da ilha, mas Epitáfio, distraído pelo movimento do barco, decidiu que era hora de tirar fotos.

Ele se levantou abruptamente para captar a vista e, ao fazer isso, quase derrubou a câmera de um passageiro.

— Olha, pessoal! É uma selfie em alto-mar! — exclamou ele, tentando equilibrar a câmera. O resultado foi um álbum de fotos com Epitáfio em posições hilárias, com o fundo das caldeiras sempre desfocado.

Etelvina não sabia se ria ou se ficava envergonhada. Mas, no final, todos estavam se divertindo e tirando selfies com Epitáfio.

Na última noite do cruzeiro, o navio organizou uma festa de gala. Todos estavam elegantes, e Etelvina, em um vestido deslumbrante, parecia uma verdadeira deusa grega. Epitáfio, por outro lado, decidiu que uma gravata borboleta colorida seria o toque final do seu traje.

Durante o jantar, enquanto a orquestra tocava, Epitáfio tentou dançar, mas acabou pisando no pé de um dos dançarinos profissionais, que estava fazendo uma apresentação. O homem, surpreso, girou e, sem querer, acabou arrastando Epitáfio para o centro da pista.

— Vamos lá, Epitáfio! Mostre o seu talento! — gritou um dos passageiros, incentivando-o.

Epitáfio, sem saber o que fazer, começou a dançar de forma desajeitada, fazendo movimentos engraçados que rapidamente contagiou a plateia. Todos começaram a rir e aplaudir, e logo ele se tornou o centro das atenções.

Quando o cruzeiro finalmente chegou ao seu fim, Epitáfio e Etelvina se sentaram no convés, observando o sol se pôr sobre o mar.

— Apesar de tudo, foi uma viagem incrível, não foi? — disse Etelvina, com um sorriso.

— Com certeza! — respondeu Epitáfio, olhando para ela com adoração. — E quem diria que eu seria o rei no final?

— E o herói das selfies! — brincou Etelvina.

Enquanto o navio se afastava das ilhas, o casal percebeu que cada trapalhada de Epitáfio se tornara uma lembrança especial. Eles não apenas viveram uma aventura, mas também aprenderam a rir juntos, mesmo nas situações mais embaraçosas.

Ao desembarcarem, Epitáfio olhou para Etelvina e disse:

— O que você acha de planejarmos outra viagem? Quem sabe para... as montanhas?

Etelvina riu, balançando a cabeça:

— Apenas se você prometer não escorregar em nenhuma trilha!

E assim, com o coração leve e o espírito divertido, Epitáfio e Etelvina embarcaram em novos planos, prontos para mais aventuras, sabendo que, independentemente das desventuras, o mais importante era estarem juntos.

======================= ==========

*** Tzatziki = é um acepipe típico da culinária da Grécia e da Turquia, mas também difundido entre outros países da Europa Oriental, Oriente Médio e Índia, sob diferentes denominações e com inúmeras variações regionais: seja quanto à consistência, seja quanto às ervas e especiarias adicionadas à preparação básica, que se compõe de iogurte, pepino e alho.**

**** Moussaka = Mussaca ou Mussacá é uma especialidade gastronômica do Oriente Médio, típico das culinárias grega e turca, entre outras, sendo, na versão árabe, um cozido de grão de bico com berinjelas, muito comum na culinária vegana. Pode ser também uma variação de lasanha italiana, só que grega, muitíssimo saborosa. Essa versão é originalmente feita com carne de carneiro, berinjelas, e tomate, sempre condimentado com azeite, cebola, ervas e fortemente temperado com pimenta ou malagueta.**

Pizza Complicada

Era uma noite de lua brilhante e quente quando Carlos decidiu que era hora de uma boa pizza. Ele sempre dizia que a vida era curta demais para não aproveitar os pequenos prazeres, como uma fatia de pizza quentinha. Com isso em mente, ele se arrumou e chamou sua esposa, Fernanda.

— Amor, vamos à pizzaria! — disse Carlos, animado.

— Ótima ideia! — respondeu Fernanda, pegando a bolsa. — Estou morrendo de fome!

Chegando à pizzaria, o lugar estava lotado. O cheiro de queijo derretido e molho de tomate invadia o ar, e Carlos não pôde deixar de sorrir. Eles se sentaram à mesa e pegaram o cardápio.

— O que você vai pedir? — perguntou Fernanda, olhando para as opções.

— Eu vou de... p-p-pão de q-q-ueijo... e a pizza de qu-qu-qu-quatro queijos! — Carlos disse, gaguejando com entusiasmo.

Fernanda sorriu. — Quatro queijos? Você e seu amor por queijo!

— É d-d-d-deli-deli-deli...

Antes que pudesse terminar a frase, ele engasgou com um pedaço de pão que estava mastigando. Ele se esforçou para tossir, mas a situação só piorou.

— Carlos! — Fernanda gritou, alarmada. — O que está acontecendo?

Nesse momento, Carlos estava em pé tentando respirar, mas só conseguia emitir sons estranhos. Ele começou a gaguejar ainda mais, e os outros clientes começaram a olhar.

— Alguém chame um médico! — gritou uma mulher da mesa ao lado.

Um garçom, percebendo a situação, correu até eles. — O que aconteceu? Ele está tendo um ataque?

— N-n-não é um ataque! — Carlos tentou explicar, mas suas palavras saíam em balbúrdia. Ele finalmente perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

— Meu Deus, ele caiu! — exclamou outro garçom, e a confusão tomou conta da pizzaria.

— Chama a ambulância! — gritou um cliente, enquanto outros se levantavam para ajudar.

— Não, não, não! Eu só... — Carlos tentava falar, mas só gaguejava.

Em poucos minutos, a ambulância chegou, e Carlos foi colocado em uma maca. Fernanda seguiu ao lado, preocupada e um pouco assustada.

— O que será que está acontecendo? — ela perguntou ao paramédico.

— Não sei, parece um ataque de asma. Vamos levá-lo ao pronto-socorro! — respondeu o paramédico, enquanto eles subiam na ambulância.

No pronto-socorro, Carlos ainda estava agitado. Os médicos o examinaram rapidamente.

— O que temos aqui? — perguntou um médico, olhando para Carlos. — Você está tendo um ataque asmático?

Carlos, agora mais calmo, balançou a cabeça, mas sua gagueira o impediu de se explicar. — N-n-n-não! Eu só... g-g-g-gaguejo!

Os médicos estavam confusos e trocaram olhares.

— Calma, amigo! Vamos cuidar de você. — disse um médico, tentando acalmá-lo.

— C-c-c-como eu posso c-c-c-calar a boca e s-s-s-salvar minha vida ao mesmo tempo? — Carlos gritou, frustrado.

— Vamos colocar um oxímetro no seu dedo. Você pode respirar fundo e ficar calmo? — sugeriu uma enfermeira.

Carlos, irritado, empurrou o médico que se aproximou. — Eu d-d-d-disse que n-n-n-não é um ataque! Eu sou g-g-g-g-gago!

O médico, surpreso com a reação, recuou um passo. — Ah! Então você está dizendo que a gagueira é a razão pela qual você parece estar em perigo?

— Exatamente! — Carlos respondeu, finalmente conseguindo articular suas palavras. — Eu só estava engasgado com um pedaço de pão! Não é um ataque!!!!!

Fernanda, que assistia tudo de longe, irritou-se. — Carlos, você está fazendo uma cena no hospital!

— Eu não estou fazendo cena! Eu só queria uma p-p-pizz... — Carlos tentou falar, mas a raiva ainda o impediu de se acalmar.

O médico, agora entendendo a situação, sorriu. — Então, se você não está tendo um ataque, vamos fazer alguns exames para garantir que você está bem.

— Eu só quero ir para casa e comer minha pizza! — Carlos exclamou, agora mais relaxado.

Depois de alguns exames rápidos, Carlos foi liberado. Ele e Fernanda saíram do hospital, e ela ainda estava rindo.

— Eu não consigo acreditar que você quase causou um caos em uma pizzaria e depois no pronto-socorro! — disse ela, enquanto eles caminhavam para o carro.

— E eu não consigo acreditar que tudo isso aconteceu por um pedaço de

pão! — Carlos respondeu, balançando a cabeça. — Eu só queria um jantar tranquilo.

— Vamos pedir a pizza para viagem, então. E da próxima vez, preste atenção ao comer! — Fernanda sugeriu, dando-lhe um olhar divertido.

— E talvez eu deva parar de tentar ser tão elegante ao pedir comida. — Carlos riu, aliviado.

E assim, com uma nova história para contar, o casal seguiu em direção à pizzaria, onde a única urgência seria saborear a pizza e rir da confusão que quase transformou uma simples noite em uma verdadeira aventura.

O Arranha-Céu nas Nuvens

Era uma manhã qualquer em Campinas, cidade do interior do estado de São Paulo, e o novo arranha-céu da cidade, o "Céu de Aço", finalmente estava completo. Com seus 300 andares, ele se elevava tão alto que, em um dia nublado, parecia perfurar as nuvens. O arquiteto, Leonardo, estava em êxtase. Ele não apenas havia projetado uma obra-prima, mas também se vangloriava de ter criado o prédio mais alto do mundo.

Após uma manhã cheia de reuniões e comemorações, Leonardo decidiu fazer uma última inspeção no topo do edifício. Ele subiu até o 300º andar, ansioso para ver a vista. Assim que chegou, porém, algo inesperado aconteceu. O céu se iluminou, e, de repente, ele se viu atravessando uma nuvem espessa. Quando a névoa se dissipou, ele ficou pasmo ao ver que havia chegado ao que parecia ser a entrada do céu!

— O que... onde estou? — murmurou, olhando ao redor.

Diante dele, uma porta dourada se abria com um rangido celestial. E, para sua surpresa, São Pedro estava ali, com uma prancheta na mão e uma expressão que misturava curiosidade e ceticismo.

— Olá, amigo! — disse São Pedro, com um sorriso. — O que traz você por aqui?

Leonardo, ainda atordoado, tentou entender a situação.

— Eu... eu sou o arquiteto do "Céu de Aço"! Acabei de completar o edifício mais alto do mundo!

São Pedro ergueu uma sobrancelha.

— Ah, sim, o arranha-céu que fura as nuvens. Muito interessante! Mas, veja bem, você precisa de permissão para estar aqui.

— Permissão? — Leonardo exclamou, ofendido. — Eu sou o arquiteto! Fiz tudo legalmente! Tenho documentos de propriedade!

São Pedro olhou para a prancheta.

— Documentos de propriedade? Aqui no céu? Não sei se isso vai funcionar.

Leonardo se aproximou, gesticulando com as mãos.

— Olha, São Pedro, eu não sei como você faz as coisas aqui, mas na Terra, eu tenho todos os papéis necessários. Licença de construção, planta do edifício, até o alvará da prefeitura!

— E quem te deu a licença para furar nuvens? — São Pedro perguntou, tentando segurar o riso.

— É... isso não estava nos regulamentos! — Leonardo admitiu, um pouco envergonhado.

— Então você me diz que invadiu o espaço aéreo celestial sem autorização? — São Pedro disse, cruzando os braços. — Isso é um problema!

Leonardo, percebendo que estava perdendo a discussão, decidiu apelar para a lógica.

— Mas, veja, se eu estou aqui, isso significa que o arranha-céu é tão impressionante que até as nuvens não conseguiram resistir! Eu trouxe beleza e inovação para a cidade. Você não gostaria de ver isso?

São Pedro coçou a barba, pensativo.

— Bem, é verdade que o céu tem uma nova perspectiva agora. Mas o que temos aqui é uma questão de propriedade. Você realmente tem documentos?

— Eu tenho! — Leonardo gritou, puxando um rolo de papéis do bolso. Ele começou a desenrolar os documentos, mas a brisa celestial os fez voar.

— Não! — Leonardo gritou, enquanto os papéis dançavam no ar.

São Pedro começou a rir.

— Olha, talvez você devesse considerar a possibilidade de que a burocracia no céu é um pouco diferente da sua. Aqui, não temos essa coisa de papéis!

— Como assim? — Leonardo estava perplexo.

— Aqui no céu, nós confiamos uns nos outros. Não precisamos de licenças para apreciar a beleza! — São Pedro respondeu, com um brilho nos olhos.

— Mas e se eu quisesse construir um shopping no céu? Precisaria de permissão para isso! — Leonardo argumentou.

— Ah, um shopping? Isso seria complicado. Você teria que passar pela comissão de anjos do comércio! — São Pedro brincou.

— Olha, eu só quero saber quem é o responsável por essa parte do céu! — Leonardo insistiu, ainda segurando os pedaços de papel que sobreviveram à ventania.

— Eu sou! — São Pedro respondeu, rindo. — Mas pense bem. Em vez de se preocupar com documentos, que tal usar seu talento para criar algo incrível aqui?

Leonardo refletiu por um momento. Ele tinha sempre sonhado em projetar algo grandioso. E se ele pudesse fazer isso no céu?

— Você está dizendo que eu poderia criar uma nova estrutura aqui? — perguntou Leonardo, seus olhos brilhando.

— Exatamente! Um café nas nuvens, uma galeria de arte celestial, quem sabe até um parque onde os anjos possam passear! — São Pedro respondeu, empolgado.

— Isso seria incrível! — Leonardo exclamou. — Mas... e os documentos?

— Ah, isso é só um detalhe. Vamos fazer assim: você me promete que não vai furar mais nuvens sem avisar, e eu deixo você criar o que quiser! — São Pedro disse, piscando um olho.

— Fechado! — Leonardo respondeu, estendendo a mão para um aperto.

E assim, com um acordo feito, Leonardo começou a planejar seu novo projeto celestial, enquanto São Pedro anotava tudo em sua prancheta, agora cheia de ideias criativas.

— E se você fizesse uma escada que levasse ao céu? — sugeriu São Pedro, pensando alto.

— Uma escada? Isso seria revolucionário! — Leonardo respondeu, agora empolgado.

— E que tal um mirante? Para as pessoas apreciarem a vista das nuvens? — continuou São Pedro.

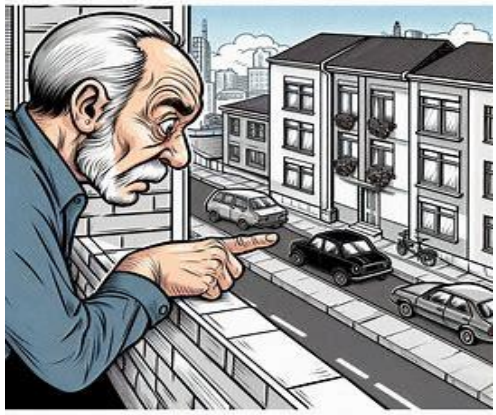
— Adorei a ideia! — estava cada vez mais animado. — E uma área para piqueniques!

— Piqueniques nas nuvens? Agora você está falando! — São Pedro riu, imaginando a cena.

No final das contas, o arquiteto e o guardião do céu se tornaram amigos improváveis, e o "Céu de Aço" ganhou uma nova dimensão. Leonardo voltou para a Terra, não apenas com um projeto incrível em mente, mas também com uma história extraordinária para contar.

E assim, o arranha-céu que furava nuvens se transformou em um verdadeiro símbolo de criatividade e amizade, onde a burocracia se encontrava com a imaginação, e onde as nuvens não eram mais barreiras, mas sim oportunidades.

As aparências enganam



Epitáfio Epaminondas era um homem simples, que vivia na Vila dos Velhos, no litoral brasileiro, em um apartamento no último andar, que fazia questão de afirmar que era de cobertura, mas ele mal-mal conseguia dividi-lo com seus dois cachorros, o gato, o papagaio e alguns passarinhos. Apesar da idade, já beirando seus 65 anos, vivia tranquilo. Trabalhava num jornal chamado "Fumos Cão", fazendo bicos e, mesmo gostando de escrever – às vezes – ele possuía um cargo semelhante a um office-boy, ou como ele mesmo denominava: "office-velho".

Apesar de ser uma pessoa pacata, infelizmente o seu nome provocava alguns desentendimentos para quem não tinha conhecimento do riscado. No consultório médico:

– Dona Rosinha, cadê seu Epitáfio?

E dona Rosinha, uma senhora de idade razoavelmente avançada, apavorada:

– Doutor? Eu estou tão ruim assim? Meu Deus!!!!

– Calma, dona Rosinha. Por que esse apavoramento todo?

– O se...se...senhor está já pedindo meu epitáfio!

– Calma, dona Rosinha. Não é o seu epitáfio, é este senhor que está aí no consultório, ele se chama Epitáfio Epaminondas. Por favor, quando se recobrar, peça para ele entrar.

E, por aí se vai... imagine, meu caro leitor, no escritório de advocacia, nos velórios e enterros, sempre que confusão era formada! Epitáfio... Epitáfio... quem seria o infeliz que foi dar um nome desses a alguém? No mínimo, devia trabalhar como coveiro em algum cemitério!

Mas estou me desviando do verdadeiro objetivo destas "mal-traçadas linhas". Epitáfio ficava parte do tempo, quando estava em casa, olhando pela janela. E quando alguém chegava para visitá-lo, geralmente com os bofes de fora, quase fazendo mesmo seu epitáfio, após subir oito lances de escada de uns quinze degraus cada (o elevador já havia ido pro beleléu fazia tempo e, do jeito que

os preços iam pela morte, não tinham como pagar o conserto) pois bem, sempre que lá chegavam os amigos, encontravam-no à janela e murmurando: "Aquele é meu carrinho. Aquele é meu carrinho." E soltava um longo suspiro.

No outro lado da rua, meio encoberto por algumas árvores, viam um carro vermelho, uma Ferrari. E Epitáfio apontava para ela.

Era assim, toda vez que alguém aparecia para vê-lo. Epitáfio era viúvo, sem filhos. E a paixão dele era aquele carrinho. Para os que o conheciam, era difícil concatenar: como um "office-velho", que ganhava um salário mínimo - se muito - e mais um salário da aposentadoria, morando num apartamento "de cobertura" podia ter uma Ferrari, que custava quase 1 milhão de dólares? Então, claro, tudo isso levava a aventarem as mais loucas elocubrações sobre seu poder aquisitivo: desde heranças, assalto já prescrito em que ele ficara com o dinheiro, até recolher os valores dos mortos no cemitério.

Enfim, era algo que deixava o povo com a "pulga atrás da orelha". Devia ter dinheiro embaixo do colchão, ou conta nas Ilhas Cayman.

Passavam-se os dias, meses e seu Epitáfio dizia: "Aquele é meu carrinho. Aquele é meu carrinho".

Um dia, uma fatalidade ocorreu: uma tempestade violenta se deu naquele vilarejo, as árvores velhas vergavam diante da força dos ventos que assolavam implacavelmente a terra. Uma árvore inteira se partiu e caiu sobre a Ferrari, destroçando-a.

A paixão de Epitáfio estava destruída. Simplesmente ele deveria estar arrasado. Os amigos resolveram se reunir para visitá-lo, para tentar animá-lo. E lá se foi um bando de gente, parecia até um arrastão, subindo a escadaria. Alguns pararam no meio do caminho para recuperar o fôlego e sentir novamente as pernas, que já estavam falhando; outros chegaram ao apartamento de Epitáfio mais mortos que vivos. Mas todos finalmente conseguiram adentrar o apartamento.

Epitáfio brincava com seus cachorros, jogando uma bolinha: - "Bolinha! Bolinha!"- e jogava para os cachorros que, preguiçosos, só olhavam a bolinha rolar pela sala.

Ao ver aquele "mundaréu" de gente entrando em sua casa, preparou-se para alguma notícia ruim. Alguém do seu rol de amizades deveria ter morrido. Afinal, muitos estavam apenas esperando a laçada, pois conforme ele, Jesus já os estava chamando, mas já estavam surdos, por isso não iam. Só laçando, mesmo.

Epitáfio logo interpelou:

- Que aconteceu? Quem morreu?

Um dos amigos se prontificou em lhe dar os detalhes:

- Meu amigo, sinto muito pelo ocorrido.

- Pelo o quê? Não estou sabendo de nada. Desembucha logo, homem de Deus!

– Seja forte. É melhor se sentar. Estamos aqui para lhe dar a maior força.

– Já está me assustando. O que foi??????

– Sentimos muito pela sua paixão.

– A Valéria? Meu Deus! A Valéria não! Que aconteceu?

– Quem é Valéria?

Nesta altura do campeonato, antes que levasse um cartão vermelho, Epitáfio se tocou que eles não sabiam de sua paixão secreta pela antiga colega de escola. E, rapidinho, tentou desconversar:

– Valéria é uma conhecida da internet.

– Pois é, caiu uma árvore sobre ela...

– A Valéria? – se assustou Epitáfio.

– Afinal, quem é Valéria?

A coisa estava ficando cada vez mais enrolada e não se chegava à parte alguma. Daí Epitáfio tomou fôlego e perguntou, apreensivo:

– A árvore caiu em quem?

– Ora, homem! Sobre seu carro.

– Que carro? Não tenho carro!

– Aquela Ferrari vermelha que ficava estacionada aí embaixo.

– Não é minha!

Daí que a multidão de amigos começou a "pirar no parafuso". A conversa já estava "degringolando" e precisava ter um epílogo.

– Como... não é sua!? Você vivia suspirando sobre ela, toda vez que vínhamos te visitar! "Aquele é meu carrinho! Aquele é meu carrinho!"

– Vocês alguma vez me viram dirigindo a Ferrari? Ou mesmo dentro dela?

Os amigos olharam uns para os outros.

– Na verdade, não!

– Pois é! Tem uma importadora de carros do outro lado da rua.

E, para dar um ponto final, Epitáfio fez o epitáfio:

– Afinal, sonhar não é crime! Ou é?

Viagem ao Mundo Fantástico da Babilônia

(Dedicado ao meu amigo Andréa Righetti)

Onde? Filme? No Brasil? Onde fica? O que tem de fantástico?

Mas, que você, caro leitor, ficou curioso, com certeza ficou e, apesar de livros como o Guia dos Curiosos ou o Mundo Curioso da Natureza, sempre vem à mente aquilo que nossos pais, os pais deles, os pais dos pais, e assim por diante, diziam: "Meu filho! A curiosidade matou o gato!".

Fique tranquilo! Após esta leitura, ninguém morrerá, nem de raiva – pelo menos, eu acho.

Nossa história de passa em uma cidade do interior de São Paulo.

Não! Ela não se chama Babilônia!

O nome dela é Piracicaba.

Todo mundo lembra da música "O Rio Piracicaba..." e assim por diante. Se não lembra, não fique chateado, eu também não lembro.

Mas, vamos diminuir a nossa esfera localizacional ("êta" palavra chique, que deixa qualquer um mais perdido do que cego em tiroteio), e vamos para a Rua Boa Morte.

Gente! Os piracicabanos que me perdoem, mas um nome deste é assustador. Eu é que não vou passar nesta rua, sozinho, à meia-noite. Dá o que pensar um nome assim.

Quando você entra na rua deveria haver uma Agencia de Plano Assistencial Boa Morte, com direito a escolha de terreno e advogado para efetuar o testamento. Percorrendo a rua, no meio dela, uma casa funerária e ao final, um cemitério.

– Ô, cumpadi. Pronde ocê vai?

– Prá Boa Morte.

– Pêsames, finado.

Vamos lá! Pensa um pouco! Um nome destes! Cruz Credo!!!!!

Será que o Bairro se chama Pé na Cova?

Bom! Deixemos estas elocubrações de lado e que sendo boa a morte, resolvi aproveitar a boa vida e fui a um restaurante me fartar no pecado da gula (esta é uma Boa Morte: Comendo bem).

O restaurante chamado Babilônia. Não sei não. Talvez Sodoma e Gomorra casasse mais com o nome da rua. Mas, Babilônia dá um ar de paraíso na Boa Morte.

Entremos neste Éden de delícias, que é comandado pelo César italiano de nome Andrea.

Mas, para não pensarem que eu estou fazendo propaganda do dono que é o Andrea, nascido na Itália (uma dúvida fica de repente: Babilônia é colônia italiana?), não vou chama-lo de Andrea, usarei um nome fictício que faz jus aos nomes italianos de seus antepassados. Portanto, Andrea, passa a ser chamado de Toshio Nakama. Portanto, Babilônia é comandada pelo valoroso carcamano Toshio Nakama, que veio da Itália, não recordo bem, mas acho que nas costas de uma tartaruga.

Imagino que seja, pois demorou tantos anos para chegar aqui no Brasil.

Ecco! Tutto bona gente!

Enfim, após a saudação habitual pro-forme: "Ave, Toshio. Os que vão morrer te saúdam", o banquete estava servido. Uma mesa enorme com iguarias finas dos mais profundos rincões das Itália: feijão, linguiça, palmito, tutu, lazanha. Resumindo, uma salada russa.

Como o leitor pode perceber, nosso amigo Toshio Corleone não discrimina nações.

Mas, o que torna este restaurante fantástico, o que faz viajarmos na Babilônia de nossos sonhos é o molho que é servido por um indivíduo que é uma mistura de Corcunda de Notre Dame com o ator Jean Reno, isto é, é de dar pena, parece uma trombada de dois trem-bala. Este molho, se chama Righetti.

E o bacana de tudo é que quando as pessoas vão lá, vão para comer o Righetti.

- Porque você vai tanto no Babilônia?

- Adoro comer o Righetti.

Vão lá! O Righetti é fantástico!

Concomitantemente (êta palavra linda, e enooooooooooooooorme. Não sei bem o que significa, mas que é bacanona é!), depois que todos comem o Righetti, Toshio Nakama percorre as mesas observando a todos e animando com o seu bom-humor. Afinal por lá tudo é bom. Bom apetite, bom humor, boa morte...ahhhh! A Boa Morte outra vez!

Todos que saem de lá se sentem transportados aos Jardins da Babilônia, um paraíso perdido, ainda mais porque comeram o famoso Righetti.

Finalmente, para não encerrar sem uma boa mensagem a quem suportou esta crônica até agora, que li não lembro onde:

"O discípulo veio ao mestre Zen, lamentando-se, em plena fossa:

– É curta a vida! É curta a vida!

O mestre Zen, porém aproveitando as mesmas palavras, com variante na pontuação, solucionou:

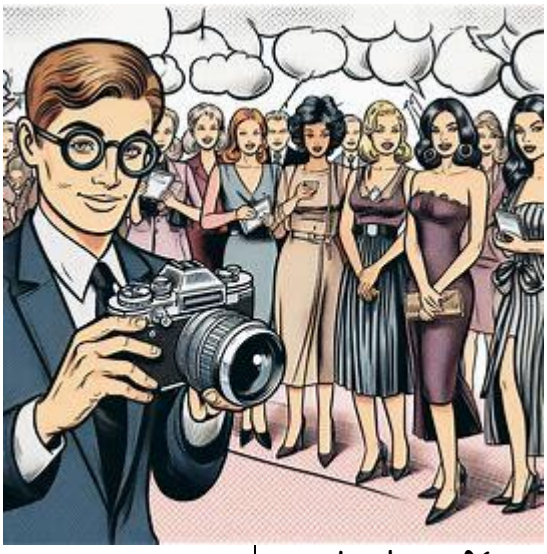
– É curta a vida, é? Curta a vida!"

Observação: O Restaurante Babilônia onde Toshio Nakama me aguarda todos os dias com um machado na mão (não sei porquê), fica na Rua Boa Morte, 1262, em Piracicaba. Não esqueçam de dizer que querem comer o Righetti.

(Piracicaba 23 outubro 2009)

Peripécias de um Jornalista de Fofocas

Pafúncio e o Lançamento de um Novo Perfume



Na redação da famosa revista de fofocas "Fuxicos e Fofocas", o clima era de agitação. O editor-chefe, um homem de bigode espesso e olhar afiado, caminhava de um lado para o outro como um tigre em sua jaula. Era dia de lançamento da nova edição, e o que todos esperavam era uma matéria bombástica sobre a última festa da alta sociedade.

No meio daquela confusão estava Pafúncio, o jornalista mais atrapalhado da equipe. Ele era conhecido por suas histórias engraçadas e sua habilidade inata de se meter em encrencas. Para ele, cada dia era uma nova aventura — ou desventura, dependendo do ponto de vista.

Na noite anterior, Pafúncio havia sido enviado para cobrir a festa de lançamento do novo perfume da atriz famosa, Catarina Monteiro. "Isso vai render uma capa!" gritou o editor, enquanto entregava a missão a Otávio, que balançou a cabeça, tomando um gole de café que quase lhe queimou a língua.

"Sem problemas, chefe! Vou tirar as melhores fotos!" prometeu, embora já tivesse esquecido onde havia colocado seus apetrechos.

Chegando ao evento, Pafúncio percebeu que, haviam várias coisas que ele havia esquecido: o nome da atriz, o endereço exato do local e, parece, toda a sua dignidade. A festa estava cheia de celebridades, e ele se sentiu um peixe fora d'água. Ele decidiu que o melhor a fazer seria se misturar à multidão e esperar que a sorte o ajudasse.

"Um brinde ao novo perfume!" anunciou Catarina, com um sorriso que poderia iluminar uma cidade inteira. As câmeras dos paparazzi dispararam, flashes iluminando o ambiente.

Pafúncio, com a mão suando, percebeu que tinha que agir rápido. "Preciso de uma foto! Preciso de uma

foto!" repetia para si mesmo, enquanto tentava se aproximar da atriz.

Com um golpe de sorte, ele conseguiu um lugar na primeira fila. Mas, ao se agachar para ajustar a lente da câmera, Pafúncio se distraiu e, em um movimento desastrado, derrubou seu copo de bebida em cima do tapete. "Oh não!" ele gritou, enquanto tentava limpar a bagunça com as mãos.

Nesse momento crucial, ele se esqueceu completamente de sua câmera, que estava pendurada em seu pescoço. Ao se levantar, a câmera balançou, e antes que ele pudesse perceber, foi parar no chão, fazendo um barulho que ecoou pela sala. "Parece que alguém está com problemas!" ouviu alguém rir.

"Ah, ótimo!" pensou Pafúncio, enquanto tentava recuperar a dignidade. Mas ao olhar para o chão, percebeu que a câmera havia desaparecido.

"Não! Não! Não!" ele sussurrou desesperadamente. A única coisa que ele conseguiu tirar da festa era um belo retrato do seu próprio desespero.

Quando a festa terminou, Pafúncio decidiu que não podia voltar à redação de mãos vazias. "Preciso encontrar essa câmera!" pensou. Ele se lembrou de que, durante a festa, havia visto um garçom com um olhar curioso. "Ele pode ter visto alguma coisa!" Então, saiu em busca do garçom.

"Ei! Você viu uma câmera por aqui?" perguntou Pafúncio, tentando parecer confiante.

"O que é uma câmera?" respondeu o garçom, com um olhar de desprezo. "Desculpe, estou mais preocupado com os copos vazios."

Desesperado, Pafúncio percorreu o local da festa, perguntando a todos os garçons e convidados se alguém havia visto sua câmera. O problema? Ele não conseguia se lembrar de como ela era. "Era uma câmera... grande... com uma lente... e um botão!" ele dizia, mas ninguém parecia entender.

Depois de horas de busca, Pafúncio finalmente se deu conta de que precisava de um plano B. Ele decidiu que a única solução era implorar para o editor que lhe desse outra câmera. Ao voltar à redação, ele se deparou com um olhar furioso do editor.

"O que aconteceu com a sua matéria?" o editor gritou, com os braços cruzados.

"Er... eu... perdi a câmera," Pafúncio respondeu, sentindo-se pequeno como um grão de areia.

"Perdeu a câmera? Isso é tudo que você tem a dizer?!" o editor exclamou, quase se engasgando com sua própria indignação.

"Mas, chefe! Eu tenho uma ideia brilhante!" Pafúncio disse, tentando mudar de assunto. "E se eu fizesse uma matéria sobre a arte de perder coisas? Não é todo dia que alguém perde uma câmera na festa da Isabela Monteiro!"

O editor o olhou com uma mistura de incredulidade e raiva, mas, para surpresa de Pafúncio, ele começou a rir. "Você realmente tem um talento

para arrumar encrenca, não é? Faça a matéria, mas se lembre: sem mais câmeras perdidas!"

E assim, o que começou como uma desventura desastrosa se transformou em uma crônica hilária sobre a arte de perder coisas, com Pafúncio como o protagonista de sua própria comédia. O artigo foi um sucesso, e a fama do jornalista atrapalhado cresceu na redação.

Na próxima festa, Pafúncio prometeu a si mesmo que não perderia a câmera. Mas, se isso acontecesse, ele sempre poderia escrever sobre "Como perder a dignidade em 10 passos". Afinal, com ele, cada dia era uma nova aventura — ou desventura — e ele estava mais do que disposto a compartilhá-la com o mundo.

Pafúncio e a Entrevista de Futebol

Era uma tarde de sol tórrido em uma cidade onde o futebol era quase uma religião. O clima estava eletrizado, pois o grande jogo da final do campeonato nacional se aproximava. A revista "Fuxicos & Fofocas", sempre em busca de uma boa história, decidiu que era hora de fazer uma cobertura especial do evento, e, claro, o jornalista Pafúncio Epaminondas foi escolhido para entrevistar os jogadores.

O problema? Pafúncio não entendia nada de futebol. Ele sabia que a bola era redonda e que o objetivo era fazer gols, mas isso era tudo. No entanto, seu editor acreditava que sua habilidade de fazer perguntas poderia resultar em algumas respostas memoráveis. E assim, Pafúncio se preparou para a missão.

Chegando ao estádio, Pafúncio vestia uma camisa de um time que ele nem sabia qual era — ele simplesmente pegou a primeira que viu no armário. O ambiente estava repleto de torcedores animados, bandeiras tremulando e gritos de incentivo. Ele se sentiu um pouco deslocado, mas decidiu seguir em frente.

Com seu bloco de notas e caneta em mãos, Pafúncio se dirigiu à área de entrevistas, onde os jogadores estavam

se preparando para falar com a imprensa. Ele avistou o famoso atacante da equipe, um homem musculoso chamado "Marco Gol", e foi em sua direção.

"Oi, Marco! Se você fosse um animal, qual seria e por quê?" Pafúncio perguntou, com um sorriso que revelava sua total falta de noção. O jogador, surpreso, olhou para ele e respondeu: "Um leão, porque sou o rei do campo!"

Pafúncio, sem perder tempo, anotou: "Marco Gol se vê como um leão! O rei do campo!" Em sua mente, isso era ouro puro para a revista.

Mas ele não parou por aí. Em seguida, decidiu entrevistar a goleira da equipe, uma mulher chamada "Tana Defesa". Ele chegou perto e, sem pensar, disparou: "Tana, se você tivesse que escolher entre salvar um gol ou comer um bolo de chocolate, o que escolheria?"

Tana, com uma expressão de espanto e riso, respondeu: "Bom, eu sempre escolheria salvar o gol, mas um bolo de chocolate depois do jogo é tentador!"

"Então, o segredo de uma grande goleira é um bom bolo!" Pafúncio anotou, divertindo-se com sua própria lógica.

Depois de algumas entrevistas absurdas, Pafúncio se sentia cada vez mais confiante, mesmo que não entendesse nada do que estava acontecendo. Ele viu uma oportunidade de ouro ao avistar o técnico da equipe, um homem sério chamado "Armando Tática". Pafúncio se aproximou, tentando parecer profissional, e perguntou: "Armando, se o futebol fosse uma dança, qual seria e por quê?"

Armando, que não esperava essa pergunta, hesitou e respondeu: "Talvez um tango, porque é preciso muito trabalho em equipe."

Pafúncio, anotando tudo, pensou em como poderia transformar isso em uma matéria divertida. "Armando Tática diz que o futebol é um tango! Preparem-se para a dança do campeonato!"

Enquanto isso, a atmosfera do estádio estava se aquecendo, e Pafúncio decidiu que precisava fazer mais perguntas. Ele encontrou um jogador que estava se alongando e perguntou: "Se você fosse um super-herói, qual seria seu poder durante uma partida?" O jogador, já acostumado com perguntas estranhas, respondeu: "Super velocidade, claro!"

Pafúncio, animado, exclamou: "Então, você corre mais rápido do que a fofoca na redação!" O jogador riu, mas Pafúncio não percebeu que estava começando a perder a noção da situação.

Ao longo do dia, ele continuou a fazer perguntas absurdas, como: "Se você pudesse trocar de lugar com a bola durante um jogo, o que diria a ela?" e "Qual música você cantaria se estivesse em campo, e por que seria uma balada romântica?" Os jogadores, embora confusos, se divertiram.

Finalmente, chegou a hora do grande jogo. Pafúncio, agora um pouco mais confortável, decidiu que precisava

fazer uma última pergunta para o capitão da equipe, um homem carismático chamado "Lino Capitão". Ele se aproximou e, em um momento de pura inspiração, soltou: "Lino, se a vitória fosse um sabor de sorvete, qual seria e por quê?"

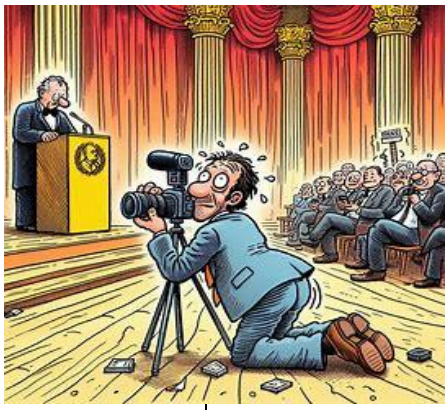
Lino, sem saber se ria ou se ficava sério, respondeu: "Chocolate, porque é sempre a escolha certa!" Pafúncio, radiante, gritou: "Vitória é chocolate! Preparem-se para a taça mais doce da história!"

O jogo começou, e Pafúncio, agora como um verdadeiro comentarista, decidiu que tinha que fazer uma análise ao vivo. Ele começou a gritar coisas como: "Olhem! O leão está correndo para o gol!" e "Tana vai guardar o gol como uma mãe guarda seu filho!" As pessoas ao seu redor riam da sua empolgação, e até alguns torcedores começaram a aplaudir suas observações absurdas.

Ao final do jogo, que terminou em uma vitória emocionante para a equipe de Pafúncio, ele se sentiu como o verdadeiro herói da história. Embora não tivesse entendido nada do que aconteceu em campo, ele conseguiu capturar a essência do evento com suas perguntas inusitadas e seu jeito descontraído.

De volta à redação, Pafúncio escreveu uma matéria que misturava futebol com humor, destacando a visão única que ele trouxe ao evento. E assim, com risadas e trapalhadas, ele provou que, mesmo sem entender o jogo, ainda era capaz de fazer uma cobertura inesquecível e divertida. Afinal, no mundo do futebol, o mais importante é saber aproveitar a alegria do momento — e, se possível, comer um bom bolo de chocolate depois!

Pafúncio e o Prêmio Nobel de Literatura



Era uma noite de gala em Estocolmo, onde as luzes brilhavam intensamente e a expectativa estava no ar. O Prêmio Nobel de Literatura seria entregue, e Pafúncio, o jornalista da revista "Fuxicos & Fofocas", foi enviado para cobrir o evento. Ele não

tinha a menor ideia do que estava prestes a enfrentar, mas estava determinado a fazer sua cobertura ser a mais memorável de todas.

Vestido com um terno que mais parecia uma colcha de retalhos e uma gravata com estampas de frutas, Pafúncio entrou no elegante salão onde a cerimônia aconteceria. Ele olhou ao redor, admirando o luxo, mas também se sentindo um pouco deslocado. Afinal, ele estava ali para entrevistar os vencedores do Prêmio Nobel, e ele, que mal conseguia escrever uma frase sem errar, estava prestes a se encontrar com os maiores escritores do mundo.

Assim que chegou, Pafúncio se dirigiu a uma mesa onde estavam distribuindo os crachás aos convidados, premiados e jornalistas, recebendo um crachá. Então se deparou com um grupo de jornalistas renomados, todos vestidos impecavelmente. Ele respirou fundo e decidiu que precisava se misturar.

Ao invés de ser discreto, acabou esbarrando na mesa de um buffet, derrubando uma bandeja cheia de canapés. Os petiscos voaram pelo ar como se fossem confetes, e ele, em um gesto de desespero, tentou agarrar um deles, mas acabou pegando uma taça de champanhe que, por sua vez, foi parar na cabeça de uma senhora idosa que estava perto.

"Desculpe! Aqui está seu novo penteado!" - Pafúncio exclamou, tentando ser engraçado.

A senhora, com a taça ainda na cabeça, apenas olhou para ele com um olhar de reprovação.

Após esse início desastroso, Pafúncio se lembrou de seu verdadeiro objetivo: entrevistar os vencedores. Ele se dirigiu à área onde os laureados estavam sendo recebidos. O primeiro que encontrou foi um renomado escritor de romances, Odic Poesia, conhecido por suas obras profundas e filosóficas.

Com um sorriso nervoso, Pafúncio perguntou: "Odic, se você pudesse descrever sua obra em uma fruta, qual seria?"

Odic, um tanto confuso, respondeu: "Uma laranja, porque é cheia de camadas."

"E também azeda se você não a escolher bem!" - Pafúncio completou, sem saber se deveria rir ou se encolher.

O escritor olhou para ele, um tanto perplexo, mas acabou sorrindo, aliviado por não ter sido ofendido.

Seguindo em frente, Pafúncio encontrou a ganhadora do Nobel de Literatura, uma mulher chamada Toda Prosa.

Ele estava tão empolgado que, sem pensar duas vezes, soltou: "Toda, se você tivesse que escolher um animal para descrever seu estilo de escrita, qual seria?"

Toda, tentando manter a compostura, respondeu: "Talvez um pássaro, porque minhas palavras voam livremente."

Pafúncio, em sua mente, transformou isso em uma manchete: "Toda Prosa diz que sua escrita é como um pássaro! Cuidado com as janelas abertas!"

A escritora olhou para ele, sem saber se ria ou se se preocupava com a sua sanidade.

A cada nova entrevista, Pafúncio se sentia mais confiante, mesmo que suas perguntas continuassem absurdas.

Ele encontrou um outro laureado, um autor de contos chamado Miguel Fábula.

"Miguel, se você pudesse trocar sua pena por qualquer objeto da sua casa, qual seria?" Pafúncio perguntou.

"Uma colher," Miguel respondeu, intrigado. "Porque eu adoro mexer nas coisas."

"Então, você é um escritor que adora misturar ideias!" Pafúncio exclamou, anotando tudo.

Miguel sorriu, mas não conseguiu esconder a confusão.

Após algumas entrevistas, um incidente inesperado ocorreu. Pafúncio, distraído enquanto escrevia suas anotações, tropeçou em uma cadeira e caiu, derrubando uma mesa cheia de flores que caíram como uma avalanche sobre ele. "Parece que estou sendo atacado por um buquê assassino!" ele gritou, enquanto tentava se levantar, coberto de pétalas.

Os jornalistas ao redor não conseguiam conter a risada, e Pafúncio, mais uma vez, se viu no centro das atenções. Ele decidiu aproveitar a situação e começou a improvisar uma performance, falando sobre "as flores da literatura" e como algumas eram mais traiçoeiras que outras.

Quando finalmente chegou a hora de se despedir dos laureados, Pafúncio percebeu que precisava fazer uma pergunta final que realmente deixasse uma marca. Ele se aproximou de Odic e perguntou: "Se a literatura fosse uma dança, qual seria e por quê?"

Odic, agora mais relaxado, respondeu: "Um valsa, porque é uma dança que exige tanto coordenação quanto imaginação."

"Então, se eu me atrapalhar, posso chamar isso de 'dança literária'!" Pafúncio completou, rindo de si mesmo.

Com sua cobertura cheia de perguntas malucas, incidentes hilários e uma quantidade inusitada de flores, Pafúncio voltou para a redação. Ele escreveu uma matéria que misturava a seriedade do Prêmio Nobel com seu estilo trapalhão, transformando cada entrevista em um momento de pura comédia.

Ao final, Pafúncio provou que, mesmo sem entender completamente o mundo da literatura, era capaz de trazer um sorriso ao rosto das pessoas. Afinal, a vida é uma grande história, e, como um bom jornalista, ele sabia que o mais importante era saber rir das próprias trapalhadas.

Pafúncio no Campo de Futebol

Era uma tarde de sol causticante em uma cidade onde o futebol era quase uma religião. O clima estava eletrizante, pois o grande jogo da final do campeonato nacional se aproximava. A revista "Fuxicos & Fofocas", sempre em busca de uma boa história, decidiu que era hora de fazer uma cobertura especial do evento, e, claro, o jornalista Pafúncio Epaminondas foi escolhido novamente para entrevistar os jogadores.

O problema? Pafúncio não entendia nada de futebol. Ele sabia que a bola era redonda e que o objetivo era fazer gols, mas isso era tudo. No entanto, seu editor acreditava que sua habilidade de fazer perguntas poderia resultar em algumas respostas memoráveis. E assim, ele se preparou para a missão.

Chegando ao estádio, Pafúncio vestia uma camisa de um time que ele nem sabia qual era — ele simplesmente pegou a primeira que viu no armário. O ambiente estava repleto de torcedores animados, bandeiras tremulando e gritos de incentivo. Ele se sentiu um pouco deslocado, mas decidiu seguir em frente.

Com seu bloco de notas e caneta em mãos, o jornalista se dirigiu à área de entrevistas, onde os jogadores estavam se preparando para falar com a imprensa. Ele avistou o famoso atacante da equipe, um homem musculoso chamado "Marco Gol", e foi em sua direção.

"Oi, Marco! Se você fosse um animal, qual seria e por quê?" Pafúncio perguntou, com um sorriso que revelava sua total falta de noção. O jogador, surpreso, olhou para ele e respondeu: "Um leão, porque sou o rei do campo!"

Pafúncio, sem perder tempo, anotou: "Marco Gol se vê como um leão! O rei do campo!" Em sua mente, isso era ouro puro para a revista.

Mas ele não parou por aí. Em seguida, decidiu entrevistar a goleira da equipe, uma mulher chamada "Tana Defesa". Ele chegou perto e, sem pensar, disparou: "Tana, se você tivesse que escolher entre salvar um gol ou comer um bolo de chocolate, o que escolheria?"

Tana, com uma expressão de espanto e riso, respondeu: "Bom, eu sempre escolheria salvar o gol, mas um bolo de chocolate depois do jogo é tentador!"

"Então, o segredo de uma grande goleira é um bom bolo!" Pafúncio anotou, divertindo-se com sua própria lógica.

Depois de algumas entrevistas absurdas, Pafúncio se sentia cada vez mais confiante, mesmo que não entendesse nada do que estava acontecendo. Ele viu uma oportunidade de ouro ao avistar o técnico da equipe, um homem sério chamado "Armando Tática". Pafúncio se aproximou, tentando parecer profissional, e perguntou: "Armando, se o futebol fosse uma dança, qual seria e por quê?"

Armando, que não esperava essa pergunta, hesitou e respondeu: "Talvez um tango, porque é preciso muito trabalho em equipe."

Pafúncio, anotando tudo, pensou em como poderia transformar isso em uma matéria divertida. "Armando Tática diz que o futebol é um tango! Preparem-se para a dança do campeonato!"

Enquanto isso, a atmosfera do estádio estava se aquecendo, e Pafúncio decidiu que precisava fazer mais perguntas. Ele encontrou um jogador que estava se alongando e perguntou: "Se você fosse um super-herói, qual seria seu poder durante uma partida?" O jogador, já acostumado com perguntas estranhas, respondeu: "Super velocidade, claro!"

Pafúncio, animado, exclamou: "Então, você corre mais rápido do que a fofoca na redação!" O jogador riu, mas Pafúncio não percebeu que estava começando a perder a noção da situação.

Ao longo do dia, ele continuou a fazer perguntas absurdas, como: "Se você pudesse trocar de lugar com a bola durante um jogo, o que diria a ela?" e "Qual música você cantaria se estivesse em campo, e por que seria uma balada romântica?" Os jogadores, embora confusos, se divertiram.

Finalmente, chegou a hora do grande jogo. Pafúncio, agora um pouco mais confortável, decidiu que precisava fazer uma última pergunta para o capitão da equipe, um homem carismático chamado "Lino Capitão". Ele se aproximou e, em um momento de pura inspiração, soltou: "Lino, se a vitória fosse um sabor de sorvete, qual seria e por quê?"

Lino, sem saber se ria ou se ficava sério, respondeu: "Chocolate, porque é sempre a escolha certa!" Pafúncio, radiante, gritou: "Vitória é chocolate! Preparem-se para a taça mais doce da história!"

O jogo começou, e Pafúncio, agora como um verdadeiro comentarista, decidiu que tinha que fazer uma análise ao vivo. Ele começou a gritar coisas como: "Olhem! O leão está

correndo para o gol!" e "Tana vai guardar o gol como uma mãe guarda seu filho!" As pessoas ao seu redor riam da sua empolgação, e até alguns torcedores começaram a aplaudir suas observações absurdas.

Ao final do jogo, que terminou em uma vitória emocionante para a equipe de Pafúncio, ele se sentiu como o verdadeiro herói da história. Embora não tivesse entendido nada do que aconteceu em campo, ele conseguiu capturar a essência do evento com suas perguntas inusitadas e seu jeito descontraído.

De volta à redação, Pafúncio escreveu uma matéria que misturava futebol com humor, destacando a visão única que ele trouxe ao evento. E assim, com risadas e trapalhadas, ele provou que, mesmo sem entender o jogo, ainda era capaz de fazer uma cobertura inesquecível e divertida. Afinal, no mundo do futebol, o mais importante é saber aproveitar a alegria do momento — e, se possível, comer um bom bolo de chocolate depois!

Pafúncio no lançamento de um livro

Era uma vez, em uma cidade onde a fofoca corria mais rápido que o vento, um jornalista chamado Pafúncio. Ele trabalhava para a renomada revista de fofocas "Fuxico & Fofocas", conhecida por suas histórias exageradas e manchetes que faziam até as pedras rirem. Pafúncio, um homem baixo e gordinho, tinha uma habilidade especial: ele conseguia transformar qualquer evento mundano em uma comédia tragicômica.

Um belo dia, a revista recebeu um convite para o lançamento do novo livro de um escritor famoso, o aclamado autor de romances, Aureliano Cabrito. O evento prometia ser o maior do ano, e Pafúncio estava determinado a ser o primeiro a descobrir todos os segredos por trás da obra. Com seu bloco de notas e caneta de tinta permanente (que estava mais permanente do que o próprio Pafúncio gostaria), ele se preparou para o grande dia.

No dia do evento, o salão estava repleto de celebridades. Havia atores, cantores e até aquele influenciador que ficou famoso por postar vídeos de gatos fazendo yoga. Pafúncio, com sua camiseta da revista e uma calça que parecia ter sido escolhida por um toureiro, se espremeu entre os convidados. Ele tinha um plano: entrevistar Aureliano e descobrir se ele realmente escrevia seus livros enquanto fazia malabarismos com laranjas, como alguns diziam.

Quando finalmente encontrou o escritor, ele estava cercado por fãs e jornalistas. Pafúncio, com sua voz de locutor de rádio, gritou: "Aureliano! Como você lida com a pressão de ser um autor tão famoso?"

O escritor, surpreso, olhou para Pafúncio e respondeu: "Com muito café e algumas doses de solidão."

Pafúncio, em sua mente, transformou isso em uma manchete: "Aureliano Confessa: Café e Solidão São Seus Melhores Amigos!" Mas ele não parou por aí. Com um olhar astuto, decidiu que era hora de fazer perguntas mais inusitadas.

"E se você tivesse que escolher entre escrever um livro ou dançar tango com um gato, o que você escolheria?" Aureliano, sem saber se ria ou chorava, respondeu: "Bem, eu acho que o gato tem mais ritmo!"

Pafúncio, já rindo da sua própria piada, decidiu que precisava incluir o pato na matéria. Em um momento de pura inspiração, ele começou a imaginar como seria a capa da próxima edição da revista: "Aureliano e Seu Pato: A Revolução Literária da Dança!"

Mas a situação ficou ainda mais extravagante quando a assistente de Aureliano, uma mulher alta e elegante chamada Serena, decidiu que era hora de fazer a tradicional leitura de trechos do livro. Enquanto ela se preparava, Pafúncio avistou uma mesa com um bolo enorme, decorado com a imagem do escritor.

Sem pensar duas vezes, ele se aproximou e, antes que alguém pudesse impedi-lo, cortou um pedaço generoso do bolo com uma colher de sopa.

Enquanto devorava o bolo, ele ouviu Serena começar a ler um trecho profundo e poético sobre o amor. Com a boca cheia de glacê, ele não pôde conter uma risada alta, que ecoou pelo salão. Todos os olhares se voltaram para ele, e Pafúncio, em sua típica falta de jeito, tentou se justificar. "Desculpem, mas essa passagem é muito doce... assim como o bolo!"

A plateia, entre risadas e olhares de desaprovação, começou a aplaudir a espontaneidade de Pafúncio. Vanessa, sem saber se ria ou se ficava brava,

continuou a leitura. Mas Pafúncio, agora inspirado, começou a fazer comentários entre os trechos, criando uma espécie de stand-up literário.

"E quando Aureliano diz que 'o amor é como um pássaro que voa para longe', eu só consigo pensar: será que ele também dança tango com um gato?"

A plateia, em um momento de cumplicidade, riu alto e a tensão do evento desapareceu.

No final do lançamento, ele saiu do evento não apenas com um pedaço de bolo na mão, mas com a certeza de que, em meio a tanta seriedade do mundo literário, sempre há espaço para uma boa dose de humor e, é claro, um gato dançarino.

Assim, Pafúncio voltou para a redação, onde escreveu sua matéria com entusiasmo, transformando o lançamento em um dos eventos mais cômicos da cidade. E assim, o jornalista e seu espírito travesso continuaram a fazer história nas páginas da revista, sempre prontos para a próxima fofoca que brotasse como um bolo em uma festa.

Pafúncio e o Coquetel dos Prêmios

Era uma noite de gala na cidade, e o prestigiado "Coquetel dos Prêmios Fuxicos" estava prestes a começar. Celebridades, influenciadores e jornalistas se reuniam para celebrar os maiores acontecimentos do ano no mundo das fofocas. E, claro, Pafúncio, o jornalista trapalhão da revista "Fuxicos & Fofocas", não poderia ficar de fora desse evento.

Vestindo um terno que parecia ter sido escolhido às pressas — com uma gravata que mais parecia uma serpentina — Pafúncio chegou ao local com um sorriso de orelha a orelha. Ele estava determinado a fazer sua cobertura ser a mais memorável de todas, mesmo que isso significasse algumas trapalhadas pelo caminho.

Assim que entrou, foi recebido por uma multidão de pessoas bem vestidas,

todas segurando taças de champanhe e sorrisos brilhantes. Pafúncio, empolgado, decidiu que a primeira coisa que faria seria se aproximar do buffet. Afinal, quem poderia resistir a uma mesa cheia de aperitivos?

Com um pé na frente do outro, ele se dirigiu à mesa. No entanto, ao tentar pegar um canapé de salmão, ele esbarrou em uma bandeja cheia de bebidas. Em um movimento de câmera lenta, as taças de champanhe voaram pelo ar, chacoalhando como se estivessem dançando. Pafúncio apenas assistiu, paralisado, enquanto as taças atingiam o chão, fazendo um barulho estrondoso.

As pessoas ao redor ficaram em silêncio, olhando para ele. Pafúncio, tentando se redimir, levantou as mãos e disse: "Acho que agora temos um 'brinde' ao chão!" A plateia, inicialmente chocada, não conseguiu conter a risada, e o clima começou a relaxar.

Mas o infortúnio de Pafúncio estava apenas começando. Ao se afastar da mesa, ele tropeçou em uma perna de uma cadeira e, sem saber como, acabou caindo de joelhos. Para sua sorte, ele aterrissou bem embaixo de uma mesa que, ao ser puxada, virou, derrubando pratos e copos. O barulho foi ensurdecedor.

"É uma nova dança, a 'Dança da Mesa Voadora'!" gritou Pafúncio, enquanto tentava se levantar. As pessoas estavam atônitas, mas não conseguiam conter as risadas, e ele começou a se sentir como o verdadeiro centro das atenções. Mas ele não sabia que a situação ainda podia piorar.

Decidido a continuar sua cobertura, ele se levantou e se dirigiu ao palco, onde as premiações estavam prestes a começar. Com um microfone na mão, ele queria fazer uma pergunta ao apresentador, mas, em sua empolgação, tropeçou no próprio pé e caiu para a frente, fazendo com que o microfone batesse em sua boca. O som de um barulho metálico ecoou, e ele, atordoado, exclamou: "Acho que o microfone também quer participar da festa!"

O público estava um pouco surdo devido ao som agudo do microfone, e Pafúncio decidiu que, que para ser o melhor jornalista da noite, ao menos deveria ter mais atenção.

Quando as premiações começaram, ele se aproximou de um grupo de celebridades que estava esperando seu prêmio. Tentando ser sutil, decidiu fazer uma pergunta para a atriz mais famosa da noite, que estava com um vestido deslumbrante. "Se você pudesse ganhar um prêmio por sua habilidade em... em... ficar linda, qual seria o seu segredo?"

A atriz, sem saber se ria ou se ficava ofendida, respondeu: "Apenas muita água e um bom hidratante!"

Pafúncio, anotando furiosamente, comentou: "Então, a verdadeira receita do sucesso é água e cremes, não champanhe e canapés!"

Finalmente, chegou o momento do grande prêmio: "Melhor Fuxiqueiro do Ano". Pafúncio, com seu jeito

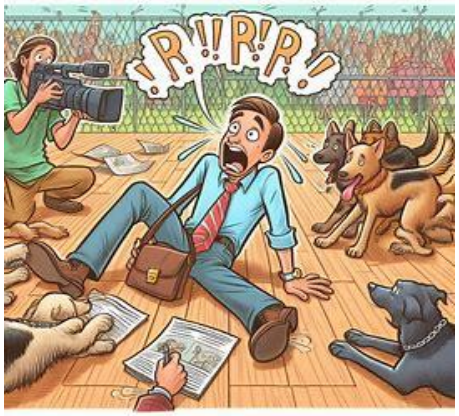
desajeitado, decidiu que precisava fazer uma cobertura de última hora. Ele se aproximou da mesa dos vencedores, mas, ao tentar tirar uma selfie com todos, fez uma careta tão estranha que acabou derrubando novamente uma taça de champanhe que, por sorte, atingiu apenas seu próprio terno.

"Parece que sou o verdadeiro vencedor da noite!" exclamou, enquanto tentava limpar a mancha com um guardanapo, que, por acaso, estava mais sujo do que o terno em si.

A premiação terminou em risadas, e Pafúncio, exausto mas feliz, voltou para casa com um material inusitado. Ao escrever sua matéria, ele transformou cada trapalhada em um momento hilário e divertido, fazendo com que seus leitores se divertissem tanto quanto ele.

E assim, Pafúncio provou que, mesmo nas situações mais desastrosas, o humor sempre vence. Afinal, em uma noite cheia de glamour, ele conseguiu fazer todos rirem e esquecerem das formalidades, mostrando que, às vezes, o que mais importa é saber rir de si mesmo.

Pafúncio e a Exposição de Cães



Era um sábado com sol mas uma garoa fina caía em horas esparsas, e a cidade estava animada com a tão esperada Exposição Canina, um evento que reunia cães de todas as raças e tamanhos, além de seus orgulhosos donos. A revista "Fuxico & Fofocas" decidiu que era a oportunidade perfeita para Pafúncio, seu melhor jornalista, fazer uma cobertura da exposição.

Pafúncio chegou ao local da exposição, vestindo uma camisa estampada de patinhas de cachorro e um boné que mais parecia uma toalha de piquenique. Estava tão animado que mal conseguia conter seu entusiasmo.

"Hoje vai ser um dia cheio de fofocas e sorrisos!" ele exclamou para si mesmo.

Assim que entrou na grande tenda onde a exposição aconteceria, Pafúncio

ficou maravilhado com a quantidade de cães. Havia desde os pequenos Chihuahuas até os majestosos São Bernardos, todos exibindo seus trajes e adereços.

Ele se dirigiu imediatamente à primeira bancada que encontrou, onde um juiz estava avaliando um poodle exuberante.

"Oi, tudo bem? Posso tirar uma foto desse lindo poodle?" Pafúncio perguntou, já preparando sua câmera.

O juiz, um homem de aparência séria, assentiu, mas Pafúncio, tomado pela empolgação, começou a disparar flashes incessantemente. O poodle, irritado com os flashes, começou a latir e pular, e o juiz, exasperado, teve que segurá-lo.

"Calma, amigo! Não é para você ficar irritado!" Pafúncio gritou, mas ele mesmo estava tão concentrado na foto que não notou que estava criando um caos.

Após algumas tentativas frustradas de entrevistar donos de cães e tirar fotos, Pafúncio decidiu que precisava de uma abordagem mais direta. Ele se aproximou de um dono de um bulldog francês que estava sentado calmamente em uma cadeira. "Oi! Se o seu bulldog pudesse falar, o que ele diria sobre você?" Pafúncio perguntou.

"O que ele diria? Provavelmente que eu sou o melhor dono do mundo!" respondeu o homem, rindo.

"E que você precisa dar mais biscoitos!" Pafúncio completou, anotando tudo em seu bloco.

Ele estava se divertindo, mas não percebeu que o bulldog francês começou a olhar para ele com um semblante desconfiado.

Depois de algumas entrevistas, Pafúncio se sentiu confiante o suficiente para fazer algo mais ousado. Ele decidiu que tiraria uma foto de todos os cães juntos. Ele subiu em uma pequena plataforma e gritou: "Atenção, cães! Todos para uma foto com o Pafúncio!"

Os donos, começaram a reunir seus cães, mas Pafúncio, na ânsia de capturar o momento perfeito, começou a disparar flashes de sua câmera sem parar. Os cães, confundidos e irritados com os flashes, começaram a latir e a se agitar, criando um verdadeiro alvoroço.

"Calma, pessoal! É só uma foto!" gritou Pafúncio, mas sua tentativa de acalmar a situação só fez piorar. Um Chihuahua nervoso começou a correr em círculos, e logo todos os cães na tenda se juntaram à confusão.

"Socorro, o que está acontecendo?" Pafúncio gritou, enquanto tentava descer da plataforma, mas, em seu desespero, acabou tropeçando e caindo de cara no chão.

A cena era hilária: ele estava cercado por uma mistura de raças caninas, todas latindo e pulando ao seu redor.

Desesperado, Pafúncio se levantou e começou a correr, mas os cães, ainda irritados pelos flashes, decidiram que ele era o alvo perfeito para sua fúria. Ele fez uma curva, tentando escapar,

mas a tenda estava cheia de obstáculos: mesas de petiscos, cadeiras e até uma fonte de água para cães.

Os latidos se tornaram ensurdecedores, e Pafúncio, em sua corrida desgovernada, acabou derrubando uma mesa cheia de biscoitos para cães. Os biscoitos voaram pelo ar e, instantaneamente, todos os cães mudaram de alvo, indo atrás das guloseimas que estavam caindo.

"Ufa, consegui!" Pafúncio pensou, parado em um canto, mas seu alívio durou pouco. Ele não percebeu que, enquanto os cães estavam distraídos com os biscoitos, ele ainda era o foco de atenção. Assim que a mesa foi destruída, os cães voltaram a olhar para ele, e percebendo que ainda estava cercado, começou a correr novamente.

"Não! Por favor, não me mordam!" ele gritou, enquanto todos os cães pareciam decidir que seguir Pafúncio era a coisa mais divertida a fazer.

Ele saiu da tenda em disparada, cruzando o gramado e fazendo uma curva em direção à saída do evento.

As pessoas olhavam em choque e riam ao mesmo tempo, enquanto Pafúncio corria, com uma matilha de cães atrás dele, todos latindo e pulando.

Ele se sentiu como um personagem de um filme de comédia, onde a situação se tornou completamente insana.

Finalmente, Pafúncio chegou à saída, onde alguns seguranças estavam de plantão. Eles, percebendo a cena, tentaram conter os cães que estavam se espalhando.

"O que está acontecendo aqui?" perguntou um dos seguranças, tentando ajudar.

"Cães! Eles estão atrás de mim!" Pafúncio gritou, ofegante.

Os seguranças, em vez de ajudá-lo, começaram a rir. "Acho que você se tornou a nova atração do evento!" disse um deles, enquanto tentava controlar a situação.

Com um último esforço, Pafúncio conseguiu se desvencilhar dos cães, que finalmente se distraíram com uma nova bandeja de biscoitos que alguém havia trazido. Ele se afastou, aliviado da própria desgraça.

Ao chegar em casa, ele decidiu que tinha uma história para contar. Enquanto escrevia sua matéria, ele refletiu sobre como a vida pode ser imprevisível, e que, mesmo em meio ao caos, havia sempre espaço para boas risadas.

"Pafúncio, o jornalista que não só entrevistou cães, mas também se transformou em uma verdadeira atração canina!" ele anotou, rindo ao pensar na cena que vivera.

E assim, mais uma vez, ele provou que, independentemente de quão desastrosa uma situação possa parecer, sempre há um lado divertido.

Pafúncio e o Diretor da Televisão

Era um dia agitado na cidade, e o famoso canal de televisão "TV Fama" estava prestes a lançar uma nova programação que prometia agitar as redes sociais. A revista "Fuxico Famoso", conhecida por suas coberturas inusitadas, decidiu que era a oportunidade perfeita para enviar seu jornalista trapalhão, Pafúncio, para entrevistar o diretor do canal, o respeitado e temido Carlos Direto.

Pafúncio, com seu terno amassado e uma gravata que parecia ter sido escolhida às pressas, chegou ao prédio da emissora. Ele estava tão nervoso que nem percebeu que tinha uma mancha de molho de tomate na camisa. Ao entrar, ele logo se deparou com a recepcionista, que o olhou com uma expressão entre a diversão e o desdém.

"Estou aqui para entrevistar o diretor Carlos Direto," anunciou Pafúncio, tentando parecer confiante.

"Você está na sala errada. O diretor está em uma reunião," respondeu a recepcionista, quase rindo. Mas Pafúncio, determinado a não se deixar abater, decidiu esperar.

Depois de alguns minutos, a recepcionista finalmente chamou Pafúncio. "Você pode entrar, mas cuidado. O Carlos não tem muita paciência para perguntas bobas."

"Eu sou só um jornalista de fofocas! O que pode dar errado?" Pafúncio pensou, enquanto se dirigia à sala.

Ao abrir a porta, ele se deparou com Carlos Direto, um homem de meia-idade com um olhar penetrante e uma postura autoritária. "O que você quer?" perguntou Carlos, sem rodeios.

"Oi, Carlos! Sou Pafúncio da revista 'Fuxico Famoso'. Estou aqui para... para... fazer algumas perguntas!" ele disse, já começando a suar.

Carlos, com uma expressão de ceticismo, acenou para que ele se sentasse. Pafúncio, ao fazer isso, conseguiu derrubar uma caneta que estava em cima da mesa, fazendo-a rolar até a ponta da mesa e cair no chão com um barulho estrondoso. "Desculpe! Essa caneta estava com vontade de fugir!" ele tentou justificar, enquanto Carlos o olhava

com um misto de desapontamento e confusão.

"Vamos lá, faça suas perguntas," disse Carlos, claramente impaciente.

Pafúncio, tentando relaxar, perguntou: "Se sua programação fosse um prato de comida, qual seria e por quê?" Carlos, surpreso pela pergunta absurda, hesitou antes de responder: "Um prato de sushi, porque é delicado, mas também pode ser explosivo."

"Então, sua programação é como um sushi picante! Cuidado para não causar uma indigestão!" Pafúncio gritou, rindo de sua própria piada. Carlos não riu.

A entrevista continuou com perguntas cada vez mais estranhas. "Carlos, se você tivesse que dirigir um filme, qual seria o gênero? Comédia, drama ou... circo?" Carlos, já visivelmente irritado, respondeu: "Drama, porque a vida é uma comédia trágica por si só."

"Então, você está dizendo que sua vida é um espetáculo de circo!" Pafúncio completou, sem perceber que estava começando a irritar ainda mais o diretor.

Carlos, que já havia perdido a paciência, decidiu que era hora de terminar a entrevista. "Olha, Pafúncio, eu realmente não tenho tempo para isso," disse ele, levantando-se.

Mas Pafúncio não estava disposto a desistir. "Por favor, só mais uma pergunta! Se você fosse um super-herói, qual seria seu superpoder?"

Carlos, agora claramente exasperado, respondeu: "O poder de fazer as pessoas desistirem de me incomodar!"

"Então, você quer ser um super-herói que se livra de jornalistas!" Pafúncio gritou, já em um estado de euforia. Nesse momento, ele não percebeu que havia levantado a voz demais, chamando a atenção de todos os funcionários do canal que passavam pelo corredor.

E foi então que o desastre realmente começou. Na tentativa de se levantar e fazer uma última tentativa de se redimir, Pafúncio tropeçou na própria perna e caiu de joelhos, derrubando uma planta que estava em cima da mesa de Carlos. A planta voou pela sala, atingindo um quadro na parede, que se despencou e caiu em cima de uma mesa cheia de equipamentos eletrônicos.

O barulho foi ensurdecedor. Funcionários correram para ver o que havia acontecido, e Carlos, agora completamente furioso, gritou: "O que você está fazendo? Você está estragando tudo!"

Pafúncio, em meio ao caos, tentou se explicar: "Eu só queria entender a dinâmica da televisão!" Mas suas palavras foram perdidas no alvoroço.

Nesse momento, alguns seguranças do prédio, que haviam sido chamados, entraram na sala. "O que está acontecendo aqui?" um deles perguntou, olhando para Pafúncio, que estava no chão, cercado por folhas e terra.

"Ele está causando um desastre! Por favor, retirem-no!" Carlos gritou, apontando para Pafúncio.

Os seguranças, sem saber se riam ou se ficavam sérios, começaram a puxar Pafúncio para fora da sala. "Desculpe, pessoal! Sou só um jornalista trapalhão!" ele gritou, enquanto era arrastado.

No caminho para a saída, ele continuou falando: "Vocês não podem me levar! Eu só queria fazer perguntas! O que eu posso dizer sobre a programação? Que é como um prato de sushi explosivo! Isso é ótimo, certo?"

Finalmente, Pafúncio foi colocado do lado de fora do prédio, onde a recepcionista ria descontroladamente. "Bem-vindo ao mundo da televisão, Pafúncio!" ela comentou, enquanto ele se levantava, ainda meio atordoado.

Ele, percebendo que não tinha conseguido fazer uma única entrevista decente, começou a rir de si mesmo. "Acho que meu superpoder é causar confusão!" ele exclamou, enquanto se afastava do prédio, sabendo que, apesar do desastre, ainda teria uma história hilária para contar na redação.

E assim, Pafúncio retornou para a revista "Fuxico Famoso", com mais uma trapalhada para adicionar à sua coleção. Afinal, no mundo das fofocas, o que realmente importava era a capacidade de transformar cada desastre em risadas e histórias memoráveis.

Pafúncio e a Terapia Desastrosa

Em uma manhã, Pafúncio, o jornalista da revista "Fuxico & Fofocas", recebeu um telefonema inesperado de seu editor.

"Pafúncio, precisamos conversar. Você tem se metido em muitas confusões e, talvez, uma terapia possa ajudar."

Pafúncio, que estava em sua mesa tentando descobrir como fazer uma reportagem sobre o novo café da moda, apenas respondeu:

"Terapia? Mas eu só preciso de um bom café e um pouco de chocolate!"

O editor insistiu e, relutante, Pafúncio concordou em se encontrar com a terapeuta.

Ao chegar ao consultório da Dra. Rita Lina, Pafúncio estava nervoso.

"Acho que isso vai dar um toque alegre!" ele pensou sobre sua roupa toda florida, sem saber que a psiquiatra tinha um estilo mais sério.

Assim que entrou no consultório, Pafúncio se deparou com o ambiente calmo e organizado, com livros nas prateleiras e poltronas confortáveis.

A Dra. Rita Lina o recebeu com um sorriso cordial, mas Pafúncio, em seu estilo trapalhão, logo começou a falar sem parar.

"Oi, sou o Pafúncio! Estou aqui porque meu editor acha que eu preciso de terapia. Ele diz que eu sou muito... como posso dizer... desastrado, sabe? Mas acho que ele está exagerando!" Ele riu, mas Dra. Rita apenas levantou uma sobrancelha.

"Vamos nos concentrar, Pafúncio. O que você gostaria de discutir hoje?" perguntou ela, tentando manter a calma.

"Ah, eu tenho tantas histórias! Uma vez, eu entrevistei um gato que pensava que era um cachorro! Foi hilário!" Pafúncio começou, sem esperar pela resposta da psiquiatra. "E outra vez, derrubei um bolo de casamento na cara do noivo! Você deveria ver a expressão dele!"

A Dra. Rita, com um olhar exasperado, tentou redirecionar a conversa.

"Pafúncio, vamos nos concentrar em você. Como você se sente em relação ao que aconteceu nessas situações?"

"Sinto-me ótimo! Quer dizer, exceto quando as pessoas ficam bravas comigo. Uma vez, um artista me chamou de 'cabeça de abóbora' porque eu perguntei se ele pintava com tinta cor de batata! Mas eu só queria saber, sabe? O que tem de tão errado nisso?" Pafúncio continuava, sem perceber que estava desviando do assunto.

A psiquiatra respirou fundo e tentou mais uma vez.

"Certo, mas como você lida com as críticas que recebe?"

"Ah, eu não lido muito bem! Uma vez, uma crítica me disse que meu estilo era 'como um furacão em um desfile de moda'! Eu achei isso engraçado!"

Ele riu, e a Dra. Rita estava começando a perder a paciência.

"Pafúncio, precisamos falar sobre suas reações. Você se sente confortável em expressar seus sentimentos?" perguntou ela, tentando ser paciente.

"Claro! Eu me sinto confortável como um peixe em um aquário! Ou talvez como um pinguim na neve! O que você prefere?" Pafúncio exclamou, fazendo gestos exagerados.

A Dra. Rita decidiu mudar de tática.

"Vamos tentar uma técnica diferente. Você pode me contar sobre

uma situação em que se sentiu realmente triste?"

"Ah, isso é fácil! Uma vez, eu perdi meu cachorro de pelúcia! Foi horrível! Eu procurei por toda parte, mas ele estava escondido atrás do sofá! Uma verdadeira tragédia!" Pafúncio disse, colocando a mão no coração em um gesto dramático.

"Pafúncio, eu me refiro a situações mais sérias. Vamos falar sobre suas emoções em relação ao trabalho e sua vida pessoal," insistiu Dra. Rita.

"Ah, meu trabalho é uma loucura! Uma vez, escrevi uma matéria sobre 'Como Ser o Melhor Fuxiqueiro' e, sem querer, enviei para a revista errada! Eles publicaram com uma foto de um gato vestido de príncipe!"

Ele explodiu em risadas, enquanto Dra. Rita se perguntava como tinha chegado a este ponto.

"Certo, mas e suas emoções? Como você se sente sobre isso?" a psiquiatra tentou mais uma vez, já sem paciência.

"Me sinto ótimo! Como um superstar! Ou como um astronauta no espaço! Você sabe, flutuando!"

Pafúncio começou a gesticular novamente, e Dra. Rita sentiu que estava perdendo o controle da sessão.

"Pafúncio, precisamos ser mais sérios! Você não pode simplesmente transformar tudo em uma piada!" gritou ela, exasperada.

"Mas é isso que sou!"

Pafúncio respondeu, sem perceber que estava ultrapassando os limites.

Dra. Rita, agora completamente irritada, decidiu que já tinha tido o suficiente.

"Você sabe o que? Eu realmente não posso ajudá-lo. Eu vou pedir que você saia do meu consultório!"

"Mas eu só estou tentando ser divertido!" Pafúncio protestou, enquanto ela se levantava.

"Divertido? Você está me deixando louca! Por favor, saia!"

Ela apontou para a porta, e Pafúncio, sem entender, começou a gracejar.

"Você está me expulsando? Isso é uma vitória! Meu terapeuta me expulsou! Isso é ótimo para a coluna! Vou escrever sobre isso!"

Ele estava tão empolgado que não percebeu que estava sendo levado à porta.

A Dra. Rita, já sem paciência, fez um gesto dramático e disse: "Se você não sair agora, eu vou ter que chamar o segurança!"

Pafúncio, percebendo que a situação estava realmente fora de controle, começou a se afastar lentamente. "Eu vou! Mas isso vai ser uma boa história! Vou dizer que a Dra. Rita Lina não consegue lidar com o humor"

E assim, ele saiu do consultório, enquanto a Dra. Rita se sentava, tentando recuperar a sanidade. Do lado de fora, Pafúncio estava radiante, pensando em como aquela sessão de terapia, que deveria ser séria, se transformou em uma aventura.

"Ah, mais uma aventura para a revista!" ele exclamou, enquanto se afastava, sem saber que a verdadeira loucura estava apenas começando. Afinal, no mundo de Pafúncio, a vida era uma comédia, e ele era o protagonista de sua própria história.

Pafúncio e o Festival de Música

Em uma cidade onde a música ecoava em cada esquina, o jornalista Pafúncio, conhecido por suas habilidades em transformar qualquer evento em um caos, estava a caminho do Festival de Música "Sons e Sorrisos", um evento que prometia ser o maior do ano e que reuniria artistas de todos os gêneros, desde pop até pagode.

Ao chegar ao festival, Pafúncio se deparou com uma multidão vibrante, repleta de fãs de todas as idades. Ele estava vestido de maneira peculiar: uma camiseta de uma banda de rock dos anos 80, calças largas e um chapéu colorido que parecia ter saído de um desfile de carnaval. Com seu bloco de notas em mãos e uma caneta que parecia mais uma espada, ele estava pronto para capturar as melhores histórias.

O festival começou com uma apresentação de uma banda de rock local chamada "Os Gritadores".

Pafúncio, que nunca tinha entendido o apelo do rock pesado, decidiu que era a oportunidade perfeita para fazer uma pergunta inusitada. Após o show, ele se aproximou do vocalista e disparou: "Se a sua música fosse um lanche, qual seria e por quê?"

O vocalista, pego de surpresa, pensou por um momento e respondeu: "Um hambúrguer gigante, porque é cheio de camadas e é saboroso!"

Pafúncio com um sorriso no rosto, anotou a resposta e a transformou em uma manchete: "Os Gritadores Revelam: Música é como Hambúrguer – Saborosa e Indigesta!" O jornalista seguiu seu caminho, rindo da sua própria criatividade.

A próxima atração era um famoso DJ chamado "DJ Tico-Tico", conhecido por suas mixes eletrônicas e por fazer as pessoas dançarem até o amanhecer.

Pafúncio, sempre em busca de uma boa história, decidiu que precisava saber o que havia por trás de suas batidas contagiantes.

"DJ Tico-Tico, se você tivesse que escolher entre tocar em um festival ou fazer um show para um grupo de gansos, o que você escolheria?"

O DJ, sem perder o ritmo, respondeu: "Gansos! Eles têm um ótimo senso de tempo!"

A cada apresentação, Pafúncio se tornava mais ousado. Ele decidiu que iria entrevistar os fãs, perguntando: "Qual é a música que faz você dançar como se ninguém estivesse olhando?"

Uma jovem respondeu: "Aquela que toca no rádio, mas que eu nunca sei o nome!"

Pafúncio, sem perder tempo, escreveu: "Fã Confessa: Música que não se lembra é a melhor para dançar!"

Enquanto o dia avançava, Pafúncio encontrou um estande de comida que vendia os mais variados petiscos, desde hambúrgueres até churros. Ele, sempre com fome, decidiu experimentar um churro gigante com recheio de nutella. Enquanto mordia o churro, um pedaço escorregou e acertou o nariz de um famoso cantor que estava passando por ali.

O artista, surpreso, olhou para Pafúncio e disse: "Isso é uma nova forma de me fazer sentir doce?"

Pafúncio, em sua típica falta de jeito, respondeu: "Claro! Aqui no festival, a comida e a música estão sempre se misturando!"

A plateia, que já estava atenta, caiu na risada, e Pafúncio, sentindo-se o centro das atenções, decidiu que sua próxima missão seria entrevistar o cantor.

Após algumas tentativas hilárias, Pafúncio finalmente conseguiu se aproximar do cantor. Ele fez a pergunta que estava martelando em sua cabeça: "Se você pudesse criar uma nova dança para a sua música, como ela se chamaria?"

O cantor, com um sorriso maroto, respondeu: "A dança do churro! Porque quem não ama um petisco enquanto se diverte?"

No final do festival, Pafúncio tinha tantas histórias que poderia escrever um livro. Ele voltou para a redação com um sorriso no rosto e uma barriga cheia de churros, pronto para transformar suas experiências em uma matéria que deixaria todos rindo.

E assim, o jornalista continuou sua jornada, sempre em busca da próxima fofoca e da próxima risada.

Pafúncio no Check-in do Aeroporto

Era uma manhã abafada no aeroporto, e Pafúncio, o jornalista de fofocas mais trapalhão da cidade, estava a caminho de um novo destino. O evento de gala na ilha paradisíaca o aguardava, e ele estava determinado a fazer a cobertura mais divertida possível. No entanto, a primeira parte da aventura já estava prestes a se desdobrar em uma comédia de erros.

Ao chegar no balcão de check-in, Pafúncio olhou para a fila longa e decidiu que a melhor estratégia era ser rápido. Ele se aproximou da atendente, uma moça com cara de quem já tinha visto de tudo. "Bom dia! Estou aqui para despachar minha bagagem!" disse ele, todo animado, enquanto abria sua mala de forma desajeitada.

A atendente, um tanto cética, perguntou: "O senhor tem o bilhete?"

"Claro! Bilhete, bilhete..." Ele começou a revirar os bolsos, retirando uma quantidade absurda de objetos aleatórios: uma caneta, um bloco de notas, e um abacate. "Ah, aqui está!" Ele finalmente encontrou o bilhete, mas não antes de derrubar o abacate no chão, que rolou em direção a um grupo de passageiros.

Enquanto Pafúncio tentava recuperar o controle da situação, a atendente observava, intrigada. "E quanto à bagagem, o que o senhor trouxe?"

Com um sorriso orgulhoso, Pafúncio abriu a mala. A cena era de encher os olhos: uma fantasia de palhaço, uma máquina de escrever antiga e um conjunto de panelas coloridas. "Eu trouxe coisas para a cobertura! Se o evento ficar chato, posso fazer um show de palhaço! E estas panelas são para uma receita exclusiva que vou entrevistar!"

Os olhos da atendente se arregalaram. "Senhor, isso não é permitido. O que você pretende fazer com uma máquina de escrever e panelas em um voo?"

"Ah, isso é simples! Vou entrevistar os passageiros! Imagine as histórias! E a máquina é para anotar tudo!" Ele piscou, como se tivesse dado a melhor ideia do mundo.

A atendente, já sem saber como lidar com aquele furação de ideias, tentou conter o riso. "Olha, senhor Pafúncio, você precisa escolher o que realmente vai levar. Você só pode despachar uma mala de 23 quilos."

Pafúncio, sem entender a gravidade da situação, começou a tirar as panelas uma a uma, explicando cada uma delas. "Esta aqui é para fazer um risoto! E esta outra... bem, é só para fazer barulho, mas é ótima para entrevistas!"

Os passageiros ao redor começaram a rir, alguns até aplaudindo a performance improvisada de Pafúncio. Ele estava tão envolvido em sua demonstração que não percebeu que havia formado uma pequena plateia.

Depois de algum tempo, a atendente, exasperada, decidiu que precisava agir. "Senhor, por favor, escolha apenas um item para despachar, ou você não conseguirá embarcar!"

Pafúncio, finalmente percebendo que o tempo estava passando, olhou para sua coleção inusitada e, com um ar de profundo pensamento, decidiu. "Acho que vou levar a fantasia de palhaço! Porque, no final das contas, a vida é uma grande comédia, não é mesmo?"

E assim, com a fantasia de palhaço despachada e o abacate ainda rolando pelo chão, Pafúncio finalmente recebeu seu cartão de embarque. Ele se despediu da atendente com um aceno exagerado, como se tivesse acabado de fazer um grande show.

Ao se afastar, ele ouviu risadinhas e comentários sobre suas trapalhadas, mas Pafúncio apenas sorriu, pensando que isso era apenas o começo de uma história ainda mais divertida que estava por vir. Com sua energia contagiante, ele estava pronto para transformar a próxima parte da viagem em mais uma aventura tragicômica!

Pafúncio e o Voo da Confusão

O jornalista de fofocas chamado Pafúncio era conhecido por sua habilidade em transformar qualquer fato cotidiano em uma história mirabolante, mas também por sua péssima sorte. Numa manhã, Pafúncio recebeu uma missão: cobrir um evento de gala em uma ilha paradisíaca. O problema? O voo estava marcado para sair em meio a uma tempestade!

Chegando ao aeroporto, Pafúncio, com seu cabelo desgrenhado e um terno que parecia ter sido escolhido às pressas, viu que a situação não era das melhores. Aviões decolando em meio a relâmpagos não eram exatamente a norma. Mas isso não o desanimou; ele se dirigiu ao portão de embarque, onde uma multidão de passageiros já aguardava, todos com expressões que variavam entre nervosismo e tédio.

Assim que entrou no avião, Pafúncio, em sua típica trapalhada, confundiu seu assento. Em vez de sentar-se na poltrona 12B, ele se acomodou na 12A, que já estava ocupada por uma senhora idosa que parecia estar muito mais interessada em ler seu livro do que em qualquer tipo de confusão. Ao perceber o erro, Pafúncio, com toda a sua habilidade diplomática, decidiu que o melhor a fazer era puxar conversa.

"Oi, senhora! Sabia que a sua bolsa tem um padrão muito parecido com o da minha avó? Ela tinha uma bolsa exatamente assim, cheia de doces! Quer um? Posso dividir!"

A senhora, sem olhar para ele, apenas respondeu: "Não, obrigada." Pafúncio não se deu por vencido e começou a falar sobre a história da bolsa, fazendo analogias sobre como as bolsas eram como as vidas das pessoas — cheias de segredos e surpresas. O que não era uma boa ideia, já que a senhora, já sem paciência, o ignorou completamente.

Enquanto isso, o avião ainda não decolava. A turbulência do tempo lá fora se refletia na ansiedade dos passageiros. Após alguns minutos, Pafúncio decidiu que era uma ótima oportunidade para fazer o que sabia fazer de melhor: fofocar. Ele se virou para o passageiro ao lado, um homem corpulento que parecia estar tentando dormir.

"Você sabia que a atriz famosa, a que estava no filme 'Amor nas Nuvens', está namorando um político? É verdade! Eu li em algum lugar que eles se encontraram numa festa de gala e..."

O homem, cansado e irritado, não quis saber do assunto e apenas resmungou: "Por favor, deixa eu dormir." Mas Pafúncio não parou. Ele olhou pela janela e viu a chuva caindo com força e disse: "Ah, quem precisa de sol quando se pode ter uma boa história, não é mesmo?"

A essa altura, o comissário de bordo, um sujeito com um olhar que transmitia a firmeza de quem já lidou com todo tipo de passageiro, se aproximou. Ele alertou Pafúncio sobre o silêncio esperado durante a decolagem. Mas Pafúncio, em sua empolgação, decidiu que era o momento perfeito para um improviso.

"Senhoras e senhores, se me permitem, gostaria de fazer uma pequena apresentação! Sabiam que a aeromoça é uma ex-cantora de ópera? Vamos lá, cante algo para nós!" E, sem esperar resposta, Pafúncio fez um gesto dramático com as mãos, como se estivesse em um palco.

A aeromoça, visivelmente constrangida, sorriu nervosamente, enquanto alguns passageiros

começaram a rir da cena. Pafúncio, vendo que a plateia estava aplaudindo — mesmo que em tom de deboche — decidiu que era hora de intensificar a performance. Ele começou a imitar os sons da tempestade, transformando o avião em um verdadeiro teatro de comédia.

"E agora, senhores, a tempestade se aproxima!" gritou, enquanto batia palmas e fazia caretas. A situação chegava ao ponto de ser hilária, mas também insuportável. O comissário, já perdendo a paciência, se aproximou novamente.

"Senhor Pafúncio, por favor, precisamos que você se acalme! O voo não decolou, mas não podemos ter uma apresentação aqui dentro."

Mas Pafúncio, em seu espírito indomável, decidiu que o show tinha que continuar. Ele se levantou, virou-se para os passageiros e começou uma série de imitações de celebridades, fazendo todos rirem, mas também começando a irritar outros que só queriam um pouco de paz.

"Olha, pessoal, se a gente não pode sair do chão, que tal fazer um concurso de histórias? Quem tem a melhor fofoca ganha um brinde! Que tal um doce da minha avó?" Ele riu, enquanto alguns passageiros começaram a se entreolhar com olhares de reprovação.

Finalmente, o comissário, já sem alternativas, se aproximou e, com toda a gentileza, mas firmeza, disse: "Senhor Pafúncio, eu lamento, mas você precisará sair do avião. Sua energia está muito... intensa para este momento."

Pafúncio ficou chocado. "Mas eu sou um jornalista! Estou apenas cumprindo meu dever de entreter!"

"Sim, mas não aqui. O seu dever agora é fora do avião," respondeu o comissário, fazendo sinal para a segurança.

Com um misto de risos e aplausos, Pafúncio foi escoltado para fora. Ao deixar o avião, olhou para os passageiros e gritou: "Aguarde minhas fofocas na próxima edição! E lembrem-se: um pouco de confusão nunca faz mal!"

E assim, enquanto o avião finalmente decolava, Pafúncio se viu na pista do aeroporto, sob a chuva torrencial, pensando em como poderia transformar essa nova experiência em uma história ainda mais mirabolante para sua revista. Afinal, para ele, cada trapalhada era apenas mais um capítulo da vida na qual ele se especializava: a tragédia da comédia.

Mas, se Pafúncio tentasse entrar novamente no avião, a reação dos passageiros seria uma mistura de risos nervosos e olhares de reprovação. Alguns poderiam sussurrar entre si, lembrando-se das trapalhadas anteriores, enquanto outros ririam da ousadia dele.

A senhora idosa, que antes o ignorara, poderia comentar em tom sarcástico: "Ah, lá vem ele de novo! A última vez foi uma comédia, não quero perder a continuação!"

O homem corpulento, que havia tentado dormir, provavelmente balançaria a cabeça em descrença e diria: "Não, por favor, não de novo!" Outros passageiros poderiam até tentar dissuadi-lo, com expressões de cansaço, pedindo que ele não entrasse.

O comissário de bordo, no entanto, estaria preparado para impedi-lo. Com um olhar firme, diria: "Senhor Pafúncio, não pode entrar novamente. Precisamos manter a ordem aqui."

Pafúncio, insistindo em sua boa vontade, poderia tentar argumentar: "Mas eu trouxe uma história nova! É uma receita de doce da minha avó!"

Essa insistência, em vez de convencer, provavelmente provocaria mais risadas e murmúrios entre os passageiros, que já se divertiam com a situação. No fim, Pafúncio teria que se retirar, mas não sem deixar uma última frase engraçada: "Ainda assim, essa vai ser a melhor edição de todas!"

E assim, ele se afastaria, deixando o avião e seus passageiros em um misto de alívio e diversão, prontos para continuar a viagem, agora sem a distração de suas trapalhadas.

Pafúncio e o Velório do Cantor

Era uma manhã nublada quando Pafúncio, o jornalista da revista de fofocas, recebeu uma tarefa que o deixou em estado de choque: cobrir o velório de um famoso cantor pop que havia falecido. O editor da revista, em um momento de pura ousadia, achou que Pafúncio seria a pessoa perfeita para trazer um "toque especial" ao evento.

Com um terno que parecia ter sido herdado de um tio distante e uma gravata de estampas questionáveis, Pafúncio chegou ao local do velório. A atmosfera estava pesada, mas ele, em sua natureza despreocupada, acreditava que poderia trazer alguma leveza ao ambiente.

Assim que entrou na sala, Pafúncio se deparou com uma multidão de fãs chorando e uma série de flores e coroas espalhadas por todo o espaço. Ele se aproximou do caixão, onde o cantor estava descansando em paz, e começou a se preparar para tirar algumas fotos. "Isso vai render uma ótima matéria!" pensou, enquanto ajeitava a câmera.

No entanto, sua primeira trapalhada ocorreu quando, ao tentar ajustar a

lente, ele acidentalmente ativou o flash. O estalo foi tão alto que muitos dos presentes se viraram, surpresos.

"Desculpe, gente! Só capturando a luz do além!" Pafúncio gritou, fazendo alguns fãs rirem nervosamente.

Decidido a fazer uma reportagem que seria lembrada, ele começou a entrevistar os fãs que estavam ali.

"O que você mais gostava no cantor?" perguntou a uma fã, que, em meio às lágrimas, respondeu: "A voz dele era como um anjo!"

"E como você acha que ele se sentiria se soubesse que você está aqui?" Pafúncio continuou, sem perceber que estava sendo totalmente insensível.

"Ele estaria feliz! Mas, por favor, é um velório..." a fã tentou responder, mas Pafúncio já estava distraído, tentando captar a emoção dela com a câmera.

Em sua busca por boas histórias, Pafúncio se aproximou de um grupo de músicos que estavam lamentando a perda do amigo.

"Oi, posso perguntar como é ser parte da banda do 'Cantor que Não Deveria Estar Morto'?" ele disse, sem pensar.

Os músicos o olharam com uma mistura de indignação e surpresa.

"Ele não está 'morto'! Ele só está descansando!" um deles gritou, enquanto Pafúncio tentava se explicar. "Eu quis dizer... é uma expressão! Como 'partir para outra!'" ele balbuciou, mas a situação só piorou.

Pafúncio então decidiu que precisava fazer algo grandioso para a reportagem. Ele se lembrou de que o cantor havia escrito uma famosa balada sobre amor e, em um momento de pura inspiração, decidiu que seria uma boa ideia cantar um trecho da música no velório. Subindo em uma cadeira, ele começou a entoar a canção com toda a sua alma, mas sua voz era tão desafinada que os presentes começaram a olhar para ele com expressões de horror.

"Pafúncio, por favor, desça daí!" gritou um dos organizadores do velório, mas ele estava tão envolvido em sua performance que ignorou os avisos.

Depois de alguns versos desastrosos, ele perdeu o equilíbrio e caiu, derrubando uma mesa cheia de flores. As flores voaram pelo ar, caindo sobre o caixão e as pessoas ao redor.

"Desculpe! Isso foi um... um tributo floral!" ele gritou, enquanto tentava se levantar, mas as pessoas já estavam em estado de choque.

Para piorar a situação, Pafúncio, tentando se desculpar, pegou um copo d'água para se refrescar e, sem querer, jogou o conteúdo todo na direção do caixão. O líquido escorreu pelo lado e atingiu a roupa do cantor.

"Isso é um sinal! Ele está se mexendo!" alguém gritou, e as pessoas começaram a entrar em pânico.

Quando a situação parecia mais insustentável, algo realmente surpreendente aconteceu. Com um estalo, o caixão se abriu lentamente e, para espanto de todos, o cantor

começou a se levantar. Com um olhar irritado, ele se virou para Pafúncio, que estava paralisado de medo.

"Pafúncio! Por favor, me deixe morrer em paz!" exclamou o cantor, claramente frustrado com toda a confusão.

Ele olhou para a multidão, que estava em estado de choque, e disse: "Eu só queria um velório tranquilo, e você transformou isso em um show!"

A sala ficou em silêncio absoluto, e Pafúncio, com o rosto vermelho de vergonha, finalmente encontrou sua voz. "Desculpe! Eu só queria ajudar!" ele gaguejou.

O cantor, ainda visivelmente irritado, balançou a cabeça e se deixou cair de volta no caixão. "Você realmente não deveria estar aqui, Pafúncio," ele disse, enquanto a tampa do caixão se fechava lentamente.

Com a tensão no ar, as pessoas começaram a rir nervosamente, e Pafúncio finalmente percebeu que havia se tornado o centro das atenções, mas não da maneira que esperava.

"Acho que sou a última pessoa que deveria fazer reportagens sobre eventos tristes," ele murmurou, enquanto começava a se afastar do caixão.

Saindo do velório, Pafúncio se sentiu aliviado, mas também um pouco triste. "O que será que vou escrever sobre isso?" ele pensou, enquanto se afastava, já pensando na manchete: "O cantor que não queria ser perturbado e o jornalista trapalhão que não sabia quando parar."

E assim, mais uma vez, Pafúncio provou que, em sua vida cheia de desastres, sempre havia espaço para uma boa história — mesmo que essa história envolvesse um cantor ressuscitando para pedir paz. Afinal, no mundo das fofocas, nada é mais divertido do que um pouco de caos!

Pafúncio e a Competição de Talentos

Era uma noite agitada na cidade, e a famosa competição de talentos estava prestes a começar. Pafúncio, o jornalista de fofocas mais trapalhão que se poderia imaginar, decidiu que não apenas cobriria o evento, mas que também participaria. Após algumas

horas de reflexão — e muitas risadas dos amigos que o incentivaram — ele se inscreveu com a ideia de apresentar um número único: uma mistura de stand-up comedy com um pouco de canto, e uma pitada de mágica. O que poderia dar errado?

Chegando ao local, Pafúncio já se sentia uma estrela. Ele estava usando um terno que havia encontrado no fundo do armário e que, acredite, já teve seu tempo de glória. Com um cabelo desgrenhado que mais parecia uma obra de arte moderna, ele se dirigiu ao palco enquanto os jurados, todos figuras renomadas da cidade, observavam com um misto de expectativa e perplexidade.

A competição começou, e os primeiros concorrentes impressionaram a plateia com suas habilidades. Um contorcionista fez o impossível com seu corpo, uma cantora encantou a todos com sua voz poderosa, e até um ilusionista fez desaparecer um gato. Pafúncio, por outro lado, estava nervoso, mas determinado a fazer o seu melhor.

Quando chegou sua vez, ele subiu ao palco, acenando para a plateia como se já fosse uma lenda. "Boa noite, pessoal! Sou Pafúncio e hoje vou fazer algo que vai deixar todos vocês... bem, confusos!" Ele começou com algumas piadas sobre a vida cotidiana, mas logo percebeu que ninguém estava rindo como ele esperava. Então decidiu mudar de tática.

"Vamos lá, quem gosta de música?!" ele gritou, e alguns aplausos tímidos surgiram. "Eu também! Então, aqui vai uma canção original. Chama-se 'A Saga do Abacate Perdido'!" E, sem mais delongas, começou a cantar uma música que ele mesmo havia improvisado.

A letra, que falava sobre um abacate que estava sempre se escondendo na geladeira, era um verdadeiro espetáculo de absurdos. Enquanto ele cantava, Pafúncio começou a fazer gestos exagerados, como se estivesse realmente em um show de rock. O que ele não percebeu era que, em sua empolgação, havia esbarrado em um balde de água que estava no canto do palco, usado para um número de mágica posterior.

"Por que o abacate nunca sai do lugar?" ele cantava, enquanto a água começou a escorregar para o chão. "Porque ele tem medo de ser guacamole!" E, ao dizer isso, ele pulou para fazer uma pose dramática, mas escorregou na água e caiu de costas, com as pernas para o ar.

A plateia explodiu em gargalhadas, e Pafúncio, sem perder o ritmo, começou a rolar para o lado, como se estivesse em uma dança. "E agora, uma mágica!" ele gritou, levantando-se rapidamente. Com um lenço que tirou do bolso, fez um gesto como se estivesse prestes a realizar um truque impressionante. Mas, em vez disso, o lenço foi parar na cara de um dos jurados, que ficou completamente surpreso.

"Desculpe, senhor! Era para ser um truque de mágica, mas parece que atingi o alvo errado!" Pafúncio tentou se desculpar, enquanto a plateia ria ainda mais. Ele então pegou uma caixa

que havia trazido, que deveria conter "itens mágicos" — na verdade, eram apenas algumas frutas e uma colher.

"Agora, para a próxima parte, vou fazer desaparecer esta laranja!" Ele segurou a fruta e, para efeito dramático, fechou os olhos e fez movimentos místicos. Mas, ao tentar escondê-la atrás das costas, ele acidentalmente deixou a colher cair, que fez um barulho estrondoso ao bater no chão.

"E... voilà!" Ele gritou, levantando a mão vazia, mas a laranja havia rolado pelo palco e parou bem em frente a um dos jurados. "Ah, o truque da laranja que se escondeu! Isso está ficando cada vez melhor!" Pafúncio riu, enquanto a plateia estava em um estado de pura diversão.

A essa altura, o jurado, já rindo, se abaixou para pegar a laranja e, em vez de devolvê-la, a lançou de volta para Pafúncio. Ele, pegando a laranja de forma desajeitada, decidiu que era hora de fazer algo realmente "mágico". Ele começou a tentar fazer malabarismos com a laranja e a colher, mas, em vez disso, acabou deixando a colher voar pela sala, atingindo um dos refletores que começaram a balançar perigosamente.

"Cuidado! Estou abrindo um novo número: 'O Ilusionista e a Luz!'" ele gritou, enquanto a plateia se divertia ainda mais.

Finalmente, enquanto tentava recuperar o controle da situação, Pafúncio fez uma última tentativa de impressionar. "E agora, para a grande finale, vou transformar esta laranja em... um abacate!" Ele segurou a laranja e, em um gesto dramático, fez uma careta como se estivesse concentrado.

E, claro, nada aconteceu. Ele ficou parado, com a laranja na mão e uma expressão de confusão total. "Bem, parece que a mágica não está funcionando hoje. Mas, ao menos, temos um abacate na geladeira para quando eu voltar!" E, com isso, ele fez uma reverência exagerada, agradecendo à plateia.

A plateia estava em pé, aplaudindo e rindo, e os jurados estavam totalmente divertidos com a confusão que Pafúncio havia criado. Ele havia entrado no palco como um trapalhão e saído como o verdadeiro destaque da noite.

Ao final, mesmo sem ganhar o primeiro lugar, Pafúncio deixou o palco com um sorriso no rosto, sabendo que, de alguma forma, havia trazido alegria e risadas para todos. E, enquanto caminhava para fora, pensou que, talvez, a verdadeira mágica estivesse em fazer as pessoas rirem, mesmo que fosse à sua própria custa.

Pafúncio no Manicômio

Era um sábado quando Pafúncio, o jornalista da revista "Fuxico & Fofocas", recebeu uma ligação do editor que o deixou perplexo.

"Pafúncio, precisamos de uma cobertura especial. Você vai ao manicômio e vai fazer uma reportagem sobre a vida lá dentro."

Pafúncio, que não tinha a menor ideia do que significava cobrir um manicômio, apenas respondeu: "Claro! Vou fazer isso! Não se preocupe!"

Ele estava tão animado que mal conseguia pensar na seriedade da situação.

Vestindo uma camisa de estampas psicodélicas e uma gravata que parecia ter sido desenhada por uma criança, Pafúncio chegou ao manicômio. Ao entrar, foi recebido por um enfermeiro que o olhou com desconfiança. "Você é o jornalista?" perguntou o enfermeiro.

"Sim, sou eu! Estou aqui para fazer uma matéria incrível!" Pafúncio respondeu, com um sorriso largo que parecia mais uma careta.

Assim que entrou na ala dos pacientes, Pafúncio começou a fazer perguntas aleatórias, sem prestar atenção nas respostas. "O que você acha do almoço servido aqui? É tão bom quanto o que servem em um restaurante chique?" perguntou a um paciente que estava sentado em um canto, olhando para o nada.

O paciente olhou para ele, confuso, e disse: "Eu só queria um pedaço de bolo..."

"Bolo! Ótima ideia! Vou anotar isso!" Pafúncio exclamou, enquanto anotava freneticamente. Ele estava tão entusiasmado que não percebeu que a conversa não estava indo a lugar algum.

A sua primeira trapalhada aconteceu quando ele decidiu que precisava tirar fotos para a reportagem. Ele começou a disparar flashes incessantemente, fazendo com que os pacientes se assustassem.

Um deles, que estava concentrado em montar um quebra-cabeça, se levantou e gritou: "Pelo amor de Deus, pare com isso! Eu estou tentando focar!"

"Desculpe! É para a revista!" Pafúncio respondeu, mas já estava se

distraindo com um paciente que estava dançando em cima de uma mesa.

"Olha, uma apresentação de dança!" ele gritou, enquanto começava a gravar em seu celular. O paciente, animado, começou a dançar ainda mais, mas acabou escorregando e caindo, fazendo com que uma série de cadeiras se derrubassem.

"Isso vai render uma ótima reportagem sobre talento escondido!" Pafúncio comentou, enquanto os enfermeiros começavam a correr em direção ao local do acidente.

A cada nova interação, Pafúncio se aprofundava mais em sua própria confusão. Ele encontrou um grupo de pacientes jogando cartas e decidiu que precisava participar.

"Ei, posso me juntar a vocês? O que estamos jogando? Pôquer? Ou é um jogo de tabuleiro?" ele perguntou, sem entender que estavam jogando um jogo inventado por eles, que envolvia adivinhar quem era o "rei do dia".

Os pacientes, rindo, decidiram que Pafúncio deveria ser o "rei" por um dia.

Ele começou a fazer declarações absurdas, como: "A partir de agora, todos devem usar chapéus de papel alumínio!" e todos aplaudiram histericamente, enquanto Pafúncio se sentia como uma verdadeira celebridade.

Depois de algum tempo, um dos médicos entrou na sala e, ao ver a cena, ficou perplexo. "O que está acontecendo aqui?" ele perguntou, olhando para Pafúncio, que estava sentado em uma cadeira com um chapéu de papel alumínio.

"Sou o novo rei! E vocês todos são meus súditos!" Pafúncio exclamou, levantando os braços como se estivesse em um espetáculo.

O médico, já desconfiado, decidiu acompanhar o "jornalista" por mais um tempo. Pafúncio, ignorando completamente a seriedade do ambiente, começou a fazer perguntas sobre os tratamentos dos pacientes.

"Então, como é receber terapia? É como ir a um spa, mas sem as toalhas quentes?" ele perguntou a uma mulher que estava desenhando.

A mulher olhou para ele, incrédula. "Depende... você gosta de água fria?" ela respondeu, enquanto Pafúncio anotava tudo como se estivesse em uma conferência de imprensa.

A situação foi se agravando quando Pafúncio decidiu que precisava entrevistar o diretor do manicômio. Ele se dirigiu ao escritório do diretor, sem saber que estava invadindo uma reunião importante.

"Oi, sou Pafúncio! Estou aqui para fazer uma reportagem sobre a vida no manicômio! Posso fazer algumas perguntas?" ele interrompeu, enquanto os médicos olhavam para ele, atônitos.

"Desculpe, mas estamos ocupados," respondeu o diretor, tentando manter a compostura. "Isso é uma reunião de emergência."

"Uma emergência? Isso é ótimo! Posso fazer uma matéria sobre isso!

'Emergência no Manicômio: O Que Está Acontecendo?'" Pafúncio disse, enquanto tentava se acomodar na mesa.

Os médicos começaram a se olhar, preocupados.

"Acho que precisamos conversar com você," disse um deles, levantando-se.

Com a confusão tomando conta, Pafúncio decidiu que era hora de fazer uma pausa e se dirigiu ao banheiro. Ao entrar, ele se deparou com um espelho e começou a fazer caretas, como se estivesse se preparando para uma grande apresentação. "E se eu me tornar o novo rosto da fama? Pafúncio, o jornalista que transforma manicômios em palcos!" ele pensou alto, rindo de sua própria ideia.

Enquanto isso, os médicos decidiram que ele era um risco para si mesmo e para os pacientes. Quando Pafúncio saiu do banheiro, foi cercado por enfermeiros e médicos que tentaram convencê-lo a se sentar e "conversar".

"Mas eu só quero fazer uma reportagem!" ele protestou, mas os médicos não estavam ouvindo.

"Precisamos te internar por um tempo, você está se comportando de maneira estranha." disse um dos médicos, enquanto Pafúncio olhava em volta, confuso.

"Estranho? Eu sou apenas um jornalista divertido! Olhem para mim!" ele exclamou, fazendo uma pose exagerada. "Não sou louco! Sou apenas... bem, um pouco excêntrico!"

Os médicos, já sem paciência, começaram a levá-lo para uma sala.

"Pafúncio, por favor, não faça mais alarde! Você está atrapalhando a rotina do manicômio!" um deles gritou, enquanto Pafúncio tentava escapar.

"Isso não é uma prisão! Isso é uma reportagem!" ele respondeu, mas no fundo sabia que a situação tinha saído do controle.

Finalmente, em um último esforço para se libertar, Pafúncio começou a agir como se estivesse em um espetáculo, fazendo gestos grandiosos.

"Eu sou o rei do manicômio! Vocês não podem me internar! Eu tenho que escrever sobre o talento escondido aqui!"

Mas, ao ouvir a palavra "internar", um dos médicos, que já estava estressado, decidiu que já era suficiente. "Vamos colocar um ponto final nisso," ele disse, enquanto Pafúncio continuava a protestar.

Finalmente, em uma cena digna de um filme de comédia, Pafúncio foi levado para fora do manicômio, enquanto gritava: "Isso vai ser uma ótima matéria! 'Pafúncio, o jornalista que se tornou paciente!'"

E assim, ele saiu, rindo, sem saber que sua trapalhada se tornaria a maior história de todas. Afinal, a vida de Pafúncio era um grande espetáculo.

Pafúncio na Confraternização dos Jornalistas

Era uma noite animada quando Pafúncio, o jornalista da revista "Fuxico & Fofocas", se preparava para a confraternização anual dos jornalistas e editores. O evento seria realizado em um restaurante elegante, e Pafúncio estava decidido a fazer a melhor impressão possível, embora sua ideia de elegância envolvesse uma camisa com estampas de abacaxis e uma gravata que piscava.

Ao chegar ao restaurante, Pafúncio ficou boquiaberto com a decoração sofisticada. As mesas eram adornadas com velas e flores, e o cheiro da comida deliciosa pairava no ar. Ele rapidamente se juntou aos colegas, que já estavam se divertindo e brindando. "Estou pronto para a festa!" ele exclamou, levantando seu copo de suco, enquanto todos sorriam, um tanto apreensivos.

Assim que a comida começou a ser servida, Pafúncio, na ânsia de experimentar tudo de uma vez, decidiu se levantar para pegar mais pratos. No entanto, ao dar o primeiro passo, ele tropeçou no pé da mesa e foi projetado para a frente, caindo de cara sobre uma mesa próxima, que estava cheia de pratos de comida.

O som do impacto foi ensurdecedor, e todos na confraternização pararam para olhar, enquanto Pafúncio se levantava, com um pedaço de lasanha preso em sua camisa. "Desculpem, estava apenas testando o buffet!" ele disse, tentando rir da situação, mas a lasanha escorregou e caiu no chão, fazendo um barulho surdo.

Os colegas de Pafúncio estavam em choque, mas não puderam evitar as risadas. Ele, sem se dar conta do que acontecia, decidiu que precisava se recompor e se aproximou do garçom que passava com uma bandeja cheia de copos de vidro.

"Com licença, posso me servir?" Pafúncio perguntou, mas, ao estender a mão, acabou derrubando a bandeja, que se espatifou no chão, espalhando copos como se fossem confetes. O garçom, com uma expressão de desespero, olhou para Pafúncio, que apenas deu um sorriso nervoso.

"Foi mal! A banda de jazz deve estar ensaiando para uma apresentação!" ele disse, tentando desviar a atenção da cena caótica.

A confraternização continuou, e Pafúncio decidiu que era hora de se divertir com a comida. Ele pegou uma azeitona, mas ao tentar comê-la, a azeitona voou da sua mão e acertou em cheio a cara do editor, que estava sentado ao seu lado. O editor, um homem sério e de poucos sorrisos, parou por um segundo, surpreso, e então começou a rir, o que deixou Pafúncio ainda mais aliviado.

"Desculpe, editor! Era só uma azeitona, não uma proposta de matéria!" Pafúncio comentou, rindo junto com os outros. O clima descontraído estava de volta, mas ele ainda não sabia que a noite guardava mais surpresas.

Quando chegou a hora dos discursos, Pafúncio decidiu que também queria fazer uma participação especial. Ao pegar o microfone da mesa de som, ele puxou com tanta força que o aparelho se soltou, emitindo um ruído ensurdecedor que ecoou por todo o restaurante. Os convidados cobriram os ouvidos, e Pafúncio, sem saber o que fazer, começou a balbuciar palavras desconexas.

"Eu só queria dizer que... que a vida é como um abacaxi! Às vezes você precisa cortar para encontrar o doce!" ele gritou, enquanto o microfone continuava a emitir chiados.

As risadas se misturaram ao caos, e a cena ficou tão absurda que alguns convidados começaram a sair, ainda atordoados pela situação. Pafúncio, percebendo que seu discurso não estava indo como planejado, decidiu encerrar da melhor forma que sabia. "Obrigado, obrigado! E agora, uma salva de palmas para a comida! E para o garçom que ainda está de pé!" ele disse, enquanto aplaudia com entusiasmo.

No final da noite, enquanto todos tentavam se recuperar do que acabaram de presenciar, Pafúncio, com um sorriso radiante, se despediu dos colegas. "Foi uma confraternização incrível! Eu realmente trouxe a festa!" ele exclamou, enquanto os outros jornalistas balançavam a cabeça, ainda atordoados.

Ao sair do restaurante, Pafúncio olhou para o céu noturno e pensou em como a vida era cheia de surpresas. "Hoje eu definitivamente fiz história!" ele murmurou para si mesmo, sem perceber que, apesar de todas as trapalhadas, ele havia conseguido unir os colegas em risadas e diversão — o verdadeiro espírito da confraternização.

Após a noite caótica, alguns colegas sugeriram que Pafúncio deveria ser convidado para todas as confraternizações futuras. "Precisamos dele para manter o clima leve! Quem mais poderia fazer a festa ter tanta vida?" brincou um deles.

Após a confraternização, as reações dos colegas de Pafúncio foram uma mistura de risos, incredulidade e alívio.

Vários colegas riram tanto que mal conseguiam se controlar. Assim que se afastaram do restaurante, começaram a relembrar os momentos mais hilários da noite. "Lembram da azeitona que acertou o editor? Eu nunca pensei que veria isso!" um deles comentou, enquanto todos riam.

A situação rapidamente se tornou material para memes internos na revista. Um grupo de jornalistas começou a fazer montagens engraçadas com fotos de Pafúncio em sua camisa de abacaxi, destacando momentos da festa. "Pafúncio, o rei das confraternizações!" virou uma piada recorrente.

Enquanto caminhavam para seus carros, alguns jornalistas sussurravam comentários sobre as trapalhadas. "Acho que ele deveria ser nosso correspondente em festas de gala," disse um. "Pelo menos teríamos boas histórias para contar!"

No dia seguinte, a história da confraternização tomou conta do escritório. Durante o café da manhã, todos estavam comentando sobre os eventos da noite anterior. "Se Pafúncio não tivesse caído na mesa de comida, não teríamos nada para rir hoje!" disse um editor.

Assim, as trapalhadas de Pafúncio se tornaram uma lembrança divertida e uma forma de fortalecer os laços entre os colegas, mostrando que, no fundo, o que contava era a diversão e a camaradagem — mesmo que isso significasse algumas lasanhas e copos quebrados pelo caminho.

Pafúncio na Exposição de Quadros

Era uma noite elegante e sofisticada no renomado Museu de Arte Moderna, onde uma exposição de quadros de artistas contemporâneos estava prestes a ser inaugurada. Pafúncio, o jornalista da revista "Fuxicos & Fofocas", foi enviado para cobrir o evento e, claro, trazer algumas fofocas quentinhas sobre a alta sociedade local.

Vestido com um terno que parecia ter sido emprestado de um filme dos

anos 80 e uma gravata estampada com desenhos de patos, Pafúncio entrou no museu com um sorriso radiante, mal sabendo que a noite se tornaria um verdadeiro desfile de trapalhadas.

Assim que chegou, Pafúncio observou as pessoas da alta sociedade conversando em pequenos grupos, todas vestidas com roupas de grife e segurando taças de champanhe. Ele, por outro lado, parecia um pato fora d'água.

"Aqui estou eu, pronto para fazer história!" ele pensou, enquanto caminhava em direção ao coquetel.

Ao se aproximar da mesa do coquetel, Pafúncio viu uma bandeja cheia de canapés e, sem pensar duas vezes, pegou um punhado deles.

"Deliciosos! Vou dar uma entrevista sobre eles!" ele exclamou, enquanto começava a mastigar e a falar com um grupo de convidados.

"Desculpe, você é...?" uma mulher bem-vestida perguntou, olhando para ele com uma expressão de confusão.

"Sou Pafúncio, da revista "Fuxico & Fofocas"! Estou aqui para cobrir a noite e descobrir os segredos da alta sociedade!" ele respondeu, com um pedaço de canapé preso entre os dentes.

Pafúncio decidiu que era hora de tirar algumas fotos. Ao tentar ajustar a câmera, ele acidentalmente esbarrou na mesa, fazendo com que uma taça de champanhe voasse pelo ar e aterrissasse bem em cima do vestido da mulher que acabara de entrevistá-lo.

"Ai!" ela gritou, enquanto todos ao redor se viravam para olhar.

"Desculpe! Era para ser uma homenagem ao seu vestido!" Pafúncio disse, tentando se desculpar, mas as pessoas apenas o encararam, perplexas.

Determinado a se recuperar, Pafúncio começou a se mover em direção aos quadros. Ele parou em frente a uma obra de arte abstrata e começou a explicar para uma pequena multidão o que achava que era a mensagem do quadro.

"Eu vejo aqui um grito pela liberdade, uma luta contra a opressão dos... das azeitonas!" ele comentou, fazendo referência a um prato que ainda estava na sua mente.

As pessoas começaram a cochichar entre si, claramente divididas entre o riso e a perplexidade.

"Quem é esse?" alguém murmurou.

Enquanto tentava tirar uma selfie com a pintura ao fundo, Pafúncio, em sua animação, deu um passo para trás e, sem querer, esbarrou na mesa de bebidas. A bandeja, cheia de copos, fez um movimento pendular e se despedaçou no chão, com um barulho estrondoso que fez todos os convidados se virarem, boquiabertos.

"Meu Deus!" gritou um dos organizadores, enquanto Pafúncio tentava ajudar a limpar a bagunça, mas acabou escorregando no líquido derramado e caindo de joelhos.

"Estou apenas testando a resistência do chão!" ele gritou,

enquanto se levantava, agora com as calças molhadas.

Finalmente, chegou a hora do discurso do curador da exposição. Pafúncio, pensando que poderia ajudar a animar o ambiente, decidiu se posicionar perto do microfone.

"Eu tenho algo a dizer!" ele interrompeu, mas o curador já estava no palco.

"Por favor, não..." o curador murmurou, já prevendo o desastre.

Pafúncio puxou o microfone com tanto ímpeto que ele se soltou e fez um ruído ensurdecedor, causando um alvoroço.

"Desculpe, só queria dizer que a arte é como um... um sapato apertado! Às vezes, você só precisa tirar para se sentir livre!" ele gritou, enquanto as pessoas cobriam os ouvidos.

A essa altura, a situação era tão cômica quanto caótica. Os convidados começaram a olhar para Pafúncio com uma mistura de medo e diversão. O que ele faria a seguir? Uma mulher de um grupo próximo murmurou: "Espero que ele não derrube mais nada!"

E foi então que, ao tentar fazer uma pose engraçada para uma foto, Pafúncio decidiu subir em uma cadeira para ser mais visível. No entanto, a cadeira não aguentou o peso e se quebrou, fazendo com que ele caísse novamente, agora em uma pilha de casacos que estavam pendurados em um cabideiro.

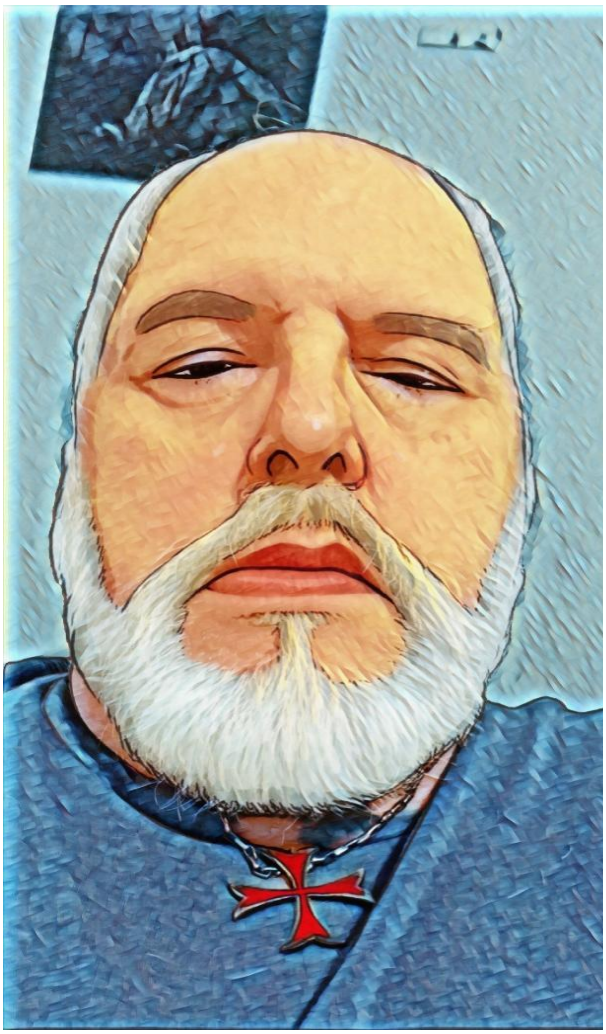
No final da noite, enquanto todos estavam atordoados, Pafúncio, ainda tentando se recompor, levantou-se e olhou para a multidão.

Os convidados começaram a se dispersar, alguns ainda rindo, outros balançando a cabeça em incredulidade. "Quem era aquele?" alguém perguntou, enquanto Pafúncio se despedia, feliz e satisfeito por ter, de alguma forma, conseguido alguma coisa naquela noite.

Enquanto saía, ele pensou: "Talvez eu devesse fazer mais reportagens em eventos da alta sociedade."

E assim, com sua personalidade peculiar, Pafúncio deixou sua marca — e um pouco de caos — na noite que deveria ser de arte e sofisticação.

Biografia do Autor



José Feldman nasceu na cidade de São Paulo, no dia 27 de setembro de 1954. Realizou vários cursos, como Filosofia, Italiano, Leitura Dinâmica e Desinibição e Criatividade, Arte Dramática, Administração de Empresas na Universidade de Viçosa, Empreendedorismo no Sebrae e Senai, Logística na UNICAMP, Administração Estratégica na Universidade Anáhuac/ México, Astrobiologia na USP e Universidade de Edimburgo/Escócia, Astronomia na Universidade do Arizona, além de diversas palestras e encontros de literatura. Em 1978, torna-se diretor de Clube de Xadrez, em São Paulo, sendo reeleito sucessivamente até o ano de 1996. Diretor Cultural da mesma entidade. Também auxiliar de diretoria, arbitro e professor de xadrez no Xadrez Clube Sorocaba e no Clube de Regatas Tietê. Formado em Patologia Clínica, trabalhou 18 anos no Hospital das Clínicas de São Paulo, Fundação do Fígado e Hospital especializado em AIDS. Foi digitador em laboratórios de análises clínicas, supervisor do IBGE, carteiro, consultor educacional, atualmente aposentado. Frequentou a Casa Mário de Andrade (Oficina da Palavra) fazendo o curso de Poesia Viva, com a poetisa Eunice Arruda, literatura com Mario Amato, Ficção Científica na literatura e no cinema com o escritor de renome internacional, André G. Carneiro, além da Oficina de Trovas com Izo Goldman, estreitando amizade com estes dois últimos e Eunice, até a morte deles. Casou-se em 1995 com a poetisa escritora e tradutora paranaense Alba Krishna Topan, a qual conhecera no curso de Ficção Científica, na Casa Mario de Andrade.

Foi em 1999 para Curitiba e em 2001 para a cidade de Ubiratã, eleito neste ano, vice presidente da diretoria provisória da Associação dos Literatos de Ubiratã (ALIUBI). Participou de concursos de contos em Portugal e França. Também participou de torneios de xadrez regionais, sagrando-se campeão, terceiro e segundo lugares, respectivamente, em 3 torneios em três anos consecutivos. Criou o Blog Pavilhão Literário Cultural Singrando Horizontes (http://singrandohorizontes.blogspot.com/) postados diariamente, iniciado ao final de dezembro de 2007. Teve auxílio ao iniciar o blog, do secretário de Educação do Rio de Janeiro, Artur da Távola, criando um vínculo de amizade.

Em novembro de 2008, a convite do escritor Sorocabano Douglas Lara, passou a ser membro da ONE (Ordem Nacional dos Escritores), recebendo juntamente com sua esposa, o medalhão das mãos do presidente da ONE, José Verdasca, em 2008, em Sorocaba. Radicou-se definitivamente em Maringá/PR. Em 2015, foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural Euclides da Cunha da Academia de Letras Brasil-Suiça, localizado em Berna/Suiça, pelo Conde Carlos Ventura.

Em 2017, a convite do presidente Luís Antonio Cardoso, da Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura (ARLAC) de Taubaté/SP, tornou-se Acadêmico Correspondente no Grau de Oficial (1. Grau), quando lhe foi conferido também o Prêmio "Mahatma Gandhi" de Liderança pela Paz, da Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura de Taubaté/SP. Em 2021, o presidente Luiz Antonio Cardoso, da Academia Internacional da União Cultural, o empossa como acadêmico. Em 2021, foi um dos dois fundadores da Confraria Brasileira de Letras, o outro, de Curitiba, o escritor e artista plástico Gael Mac Tireban, viria a falecer no mesmo ano com Covid.

Participou da Comissão Julgadora de diversos Concursos de Poesias. Possui dezenas de premiações em Concursos de Trovas e de Poesias.

Acadêmico da Academia de Letras de Teófilo Otoni/MG (ALTO) ; Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura (ARLAC) de Taubaté/SP ; Academia Internacional da União Cultural; Confraria Luso-Brasileira de Trovadores (CBT). Cônsul de Maringá desde 2011 de Poetas Del Mundo. Membro da Academia Virtual Brasileira de Trovadores; vice-presidente da Associação dos Literatos de Ubiratã (ALIUBI) *2001-2003*; Ordem Nacional dos Escritores (ONE); Casa do Poeta Lampião de Gaz, de São Paulo; Ordem dos Cavaleiros Templários (OCT); Ordem Sagrada do Templo e do Graal (OSTG).

Recebeu as seguintes honrarias:

- Medalha de mérito cultural Euclides da Cunha da Academia de Letras Brasil-Suiça, em Berna/Suiça. 2015;

- Comenda por Mérito Cultural da Academia Pan Americana de Letras e Artes. 2016;

- Medalha de Mérito Cultural da Academia Brasileira de Trovas. 2016;

- Prêmio "Mahatma Gandhi" de Liderança pela Paz, da Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura de Taubaté/SP. 2017;

- Prêmio Monteiro Lobato do Movimento União Cultural. 2018;

- Título de Mérito Cultural "Magnus Magister", da Confraria Luso-Brasileira de Trovadores, 2020.

Organizou e editou:

Almanaque O Voo da Gralha Azul (16 e-books); Boletim Literário Singrando Horizontes (13 e-books); Almanaque Chuva de Versos (475 e-books): Almanaque Paraná (12 e-books); Folhetim Literário Desiderata (e-books); Florilégio de Trovas (40 e-books); Encanto das Trovas, por estado (22 e-books); Tertúlia da Saudade (8 e-books); Trova Brasil (19 e-books)

Participação em livros impressos de Dinair Leite (prefácio), Vânia Ennes (trovas), Carolina Ramos (trovas), Luciano Dídimo (soneto), Academia de Letras de Teófilo Otoni (poesia); 35 anos do Movimento Poético em São Paulo (poesia), Poetas de Maringá (poesia); Coletânea de Poesias da ALIUBI (poesia), Poetas pela paz (poesia).

Livros impressos: Canteiro de Trovas e *Coleção Terra & Céu (José Feldman e Izo Goldman).*

Blogs:

- ***Singrando Horizontes*** (https://singrandohorizontes.blogspot.com/);
- **Voo da Gralha Azul** (https://ondasdetextos.blogspot.com/);
- **Pérgola de textos** (textos de sua autoria) (https://pergola-de-textos.blogspot.com/)
- **Gralha Azul Trovadoresca** (somente de trovas) (https://voogralhaazul.blogspot.com/)